

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Literatura e emigração: olhares cruzados

**(Nita Clímaco, Assis Esperança, Olga Gonçalves e
Amândio Sousa Dantas)**

Estudo comparatista para utilização desta temática no Ensino Secundário

Maria Leonor Nunes Raposo do Cabo Pita

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

Literatura e emigração: olhares cruzados

**(Nita Clímaco, Assis Esperança, Olga Gonçalves e
Amândio Sousa Dantas)**

Estudo comparatista para utilização desta temática no Ensino Secundário

Maria Leonor Nunes Raposo do Cabo Pita

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa: Investigação e Ensino

**Dissertação orientada pela
Professora Doutora Maria Paula Mendes Coelho**

2016

RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é apresentar uma análise da temática da emigração nas obras de quatro autores que se mantêm afastados dos programas curriculares: António Assis Esperança, com *Fronteiras*, Nita Clímaco, com *A salto*, Olga Gonçalves, com *Este verão o emigrante là-bas* e Amândio Sousa Dantas com *Poesia da emigração*.

Numa primeira parte são definidas as noções de Literatura, História, Ficção e Contexto histórico e explicitadas as relações existentes entre conceitos.

A segunda parte aborda a Imagologia enquanto teoria satélite da disciplina de Literatura Comparada. Neste âmbito, apresenta brevemente as várias tendências comparatistas e detém-se nas noções de ficcionalidade, teoria da receção e intertextualidade. Define e estabelece distinções entre Tema e Motivo, e por fim propõe uma abordagem comparativa dos temas: “Representações do Feminino” e “Imagem do Estrangeiro”.

Na terceira parte, recorrendo à metodologia comparatista foi realizada uma análise transversal dos motivos: “Retrato de um país – Portugal nas décadas de 1960 - 1980”, “A Emigração”, “A Viagem – o Salto”, “O choque cultural e linguístico” e “A Saudade”. Todas as abordagens dos temas e dos motivos iniciam com uma apresentação teórica, resultado das leituras feitas ao longo da investigação.

Por fim, o último capítulo expõe algumas propostas para o tratamento das obras e da temática nas aulas de Português no ensino secundário, para um trabalho interdisciplinar com História e um Projeto de Turma envolvendo as restantes disciplinas.

Palavras-chave: Emigração/Emigrante; Ficção/História; Literatura Comparada; A viagem/O salto; Ensino Secundário.

ABSTRACT

The main objective of this dissertation is to examine the theme of emigration in the works of four authors that are not typically used in curricular programmes: *Fronteiras* by António Assis Esperança, *A salto* by Nita Clímaco, *Este verão o emigrante là-bas* by Olga Gonçalves and *Poesia da emigração* by Amândio Sousa Dantas.

In the first part, the concepts of Literature, History, Fiction and Historical Context are defined and the relationship between them is explained.

The second part discusses Imagology as a distinct subject within the theory of Comparative Literature. Within this framework, it briefly presents the various comparative trends and focuses on the concepts of fictionality, reception theory and intertextuality. It defines and establishes distinctions between Theme and Motif, and finally attempts to compare the subjects of “The Portrayal of Women” and “The Portrayal of Foreigner”.

In the third part, using the comparative method, a cross-sectional analysis of the motifs: “Portrait of a country – Portugal in 1960-1980”, “Emigration”, “The Journey – *O Salto*”, “The cultural and linguistic shock” and “Nostalgia” is made. All the approaches to the themes and motifs begin with a theoretical presentation.

Finally, the last chapter presents some proposals to approach the works in teaching Portuguese in Secondary Education, as interdisciplinary subject matter aligned with History, and as a Class Project involving other disciplines.

Key words: Emigration/Emigrant; Fiction/History; Comparative Literature; The Journey/*O Salto*; Secondary Education.

Aos meus filhos porque na árvore da nossa genealogia, quero ser o tronco que os liga às
raízes.

Ao meu irmão, meu companheiro dos anos de “*insouciance*”, meu pedaço deixado em
terras de França e que dia após dia calcorreia as ruas de uma cidade que um jovem casal
escolheu para seu destino, no longínquo ano de 1971.

À jovem esposa que seguiu o marido na sua aventura em busca de um futuro melhor,
À mãe que sozinha continuou com um sonho que não era o dela,
À mulher que lutou, venceu ...e voltou.
Para ti, Mãe.

E porque perante a saudade as palavras se afastam e o coração se encolhe, os olhos
marejam e as emoções emergem, retiro-me...

Ao meu Pai.

Agradecimentos

À Professora Doutora Maria Paula Mendes Coelho pelas sugestões, correções, orientação e generosidade.

À Tânia, pela ajuda fora de horas.

À minha família pelo apoio de todos os dias.

Índice

Introdução.....	1
CAPÍTULO 1. Quando a História é ficção e a ficção faz História.....	4
1.1. Literatura e História – uma breve abordagem.....	5
1.2. Ficção e História – distinção e complementaridade	8
1.3. Contextos históricos	14
CAPÍTULO 2. Imagologia – Temas – A Mulher; O Estrangeiro.....	20
2.1. Imagologia – disciplina satélite da Literatura Comparada.....	21
2.2. Temas e Motivos: “as unidades mínimas de cuja agregação resulta o texto”	25
2.3. A Mulher	26
2.3.1. Representações do feminino.....	26
2.3.2. A mulher resignada.....	30
2.3.3. A mulher inconformada.....	32
2.3.4. A mulher desejada / a mulher amada	34
2.4 O Estrangeiro.....	38
2.4.1. Imagologia e imagem do Estrangeiro	38
2.4.2. Emigrante: uma “nacionalidade”	39
CAPÍTULO 3. Motivos – Portugal; A emigração; A viagem; O choque cultural e linguístico; A saudade.....	54
3.1. Retrato de um país: Portugal nas décadas de 1960 - 1980.....	55
3.2. A Emigração: um sonho.....	69
3.2.1. Um fenómeno histórico.....	69
3.2.2. A habitação.....	72
3.2.3. O trabalho / o dia a dia.....	76
3.2.4. Auxílio e exploração.....	79
3.3. A viagem: “o salto”	86
3.4. Choque cultural e choque linguístico	95
3.4.1. O choque cultural.....	95
3.4.2. O choque linguístico – o <i>portufrancês</i> ou o <i>françuguês</i>	102

3.5. A saudade – o regresso sonhado e adiado.....	106
CAPÍTULO 4. Linhas orientadoras para a abordagem das obras no Ensino Secundário.....	111
4.1. Abordagem da temática na disciplina de Português.....	112
4.1.1. Propostas para o 10º ano.....	112
4.1.2. Propostas para o 11º ano.....	113
4.1.3. Propostas para o 12º ano.....	114
4.2. Interdisciplinaridade.....	115
4.2.1. Português – História.....	115
4.2.2. Português – Francês – Inglês – Educação para a Cidadania.....	116
CONCLUSÃO.....	117
Bibliografia	123

Introdução

O ensino da literatura [...] tendo em conta a sociedade em que estamos inseridos, tendo em conta a tal “globalização” que a enforma para o bem e para o mal, tem que passar cada vez mais por práticas comparatistas. Esta insistência nas práticas comparatistas, estratégia prioritária [...] mais urgente se torna numa altura em que a convivência multirracial, multicultural deve sê-lo efectivamente na prática, uma vez que o exílio, a imigração, a perda da língua materna, a condição de “marginal”, constituem hoje a realidade nos países europeus [...]. Devemos propor cada vez mais abordagens transversais, em que os textos sejam devidamente analisados formal e teoricamente, mas sobretudo, e de novo historicamente contextualizados, em que o autor volte a ter uma voz enquanto sujeito de uma experiência de vida. Não à separação entre conceito e afecto. Não ao texto “desencarnado”, devido a práticas estruturalistas, à “morte do autor”, muitas vezes mal entendidas, mal aplicadas” (Coelho, 2011:292)

Com este trabalho pretendemos apresentar uma análise da temática da emigração na obra de quatro autores que se mantêm afastados dos programas, das metas curriculares e dos projetos de leitura: António Assis Esperança – *Fronteiras* –, Nita Clímaco – *A salto* –, Olga Gonçalves – *Este verão o emigrante là-bas* – e Amândio Sousa Dantas – *Poemas da emigração* –. “Não entro com o poema em vossa academia / e nem eu me moldo ao vosso golpe / de anatomia” (Dantas, 2010:28), diz-nos o poeta.

Foi, por um lado, o desejo de entender a realidade do ponto de vista de quem viveu a angústia da decisão tomada, de quem sofreu rumo à concretização de um sonho, de quem aguentou privações com o único objetivo de regressar e por outro a preocupação em transmitir o olhar de observadores de um mesmo fenómeno em contextos diferentes que originaram a escolha do *corpus* aqui apresentado. António Assis Esperança investigou, Nita Clímaco e Amândio Sousa Dantas viveram a experiência do desterro – em terras gaulesas e germânicas respetivamente –, Olga Gonçalves recolheu testemunhos.

“Como é que a literatura se situa perante um fenómeno social com as implicações deste? Em que medida é que a escrita se faz eco da emigração e a escolhe como temática das suas narrativas? De que modo as personagens e as intrigas [...] têm como pre-texto acontecimentos e agentes do universo social, neste caso a emigração? (Bethencourt, 1989:15) Foram algumas das interrogações que orientaram o nosso estudo e que nos levaram à prática da metodologia comparatista.

Para levar a bom porto a tarefa que nos propusemos, recorreremos num primeiro momento a bibliografia de cariz histórico para a articulação das narrativas com os períodos históricos contemplados nas obras abordadas. Sobretudo para a análise temática transversal aos textos convocados, para os processos de intertextualidade e para as questões ligadas às representações do “outro”, foi fundamental o recurso às teorias comparatistas, à

bibliografia específica, nomeadamente no que se refere à articulação entre imagologia literária e imagologia cultural. Para uma análise mais rigorosa das obras, procedemos à leitura do conjunto de criações literárias de cada um dos seus autores e de outros seus contemporâneos.

Com o intuito de evidenciar as potencialidades interdisciplinares do tema em análise e propor estratégias de ensino das obras, foram consultados os programas das disciplinas de Português e História do Ensino Secundário.

Ana Paula Coutinho Mendes apresentando as características da “literatura migrante” refere que:

“Nessa forma de escrita rente às circunstâncias da vida e ao quadro sociocultural dos seus autores, surgem glosados quase sempre os mesmos temas: a dor da partida; a melancolia da ausência; a saudade; a rotina e a evasão; o desejo de regresso à terra natal; a sensação de estranheza aquando da sua eventual concretização, bem assim como a indelével fissura entre os que partiram e os que ficaram. (2009:101)

Assim são quatro as etapas que estruturam esta viagem de regresso a tempos idos mas que a atual conjuntura obriga a reviver. “Segundo o noticiado pelo Jornal de Negócios a 16 de Fevereiro de 2011, “são quase 100 mil os jovens sem emprego” (Pinto, 2011:20), “já são muitos os que não hesitam perante a proposta e a miragem de se safarem deste país que atrai, repele e confunde. Trocam então o café de qualidade a 55 cêntimos por uma qualidade de vida sem preço” (*idem*:39) e ainda, “En 2012, 121 000 portugais ont cherché légalement du travail à l'étranger, [...] dépassant les 66 360 qui avaient suivi un chemin identique dans les années 1970”¹ (Vaz, 2014 :53).

Numa primeira parte, faremos uma breve abordagem dos conceitos de Literatura e de História (subcapítulo 1.1), estabeleceremos ligações entre História e Ficção (subcapítulo 1.2) e após uma apresentação da noção de contexto histórico, apresentaremos especificamente os contextos históricos e sociais que são pano de fundo das obras em análise (subcapítulo 1.3): décadas de 1960 – 1980, marcadas pelas guerras coloniais, morte do Presidente do Conselho – Salazar –, deterioração da situação económica do país, fim do regime, alteração das mentalidades com os movimentos estudantis, operários, feministas...

O segundo capítulo tem o propósito de abordar a Imagologia enquanto disciplina satélite da Literatura Comparada (subcapítulo 2.1), recorrendo principalmente ao estudo de T. Carvalhal. Desta forma, propõe num primeiro momento, uma breve apresentação dos

¹ Tradução livre da autora: “Em 2012, 121 000 portugueses procuraram legalmente trabalho fora do território nacional, ultrapassando os 66 360 que seguiram um caminho idêntico nos anos 1970”.

vários métodos comparatistas, destacando as noções de ficcionalidade, teoria da receção e intertextualidade – exemplificando com uma passagem da obra de Olga Gonçalves –. Num segundo momento define e estabelece a distinção entre Tema e Motivo (subcapítulo 2.2). Seguidamente, é abordado o tema “A Mulher” (subcapítulo 2.3), iniciando com uma apresentação da história das mulheres na sociedade e na literatura e verificando a forma como surge nas obras escolhidas. Segue o tema “O Estrangeiro” (subcapítulo 2.4) retomando o percurso do subcapítulo anterior.

A terceira parte iniciará com um retrato de Portugal nas décadas de 1960 – 1980 (subcapítulo 3.1), um país que não consegue dar resposta aos ideais de vida dos seus habitantes, empurrando uma grande fatia da população para além fronteiras. Assim surge o sonho da Emigração (subcapítulo 3.2), motivo que apresentaremos inicialmente enquanto fenómeno histórico. Relativamente ao seu tratamento literário, serão destacados os dados referentes à habitação e às condições de trabalho. O salto que é a viagem em busca de um sonho será tratado no subcapítulo 3.3. Com a chegada ao país estrangeiro o choque cultural e linguístico é inevitável (subcapítulo 3.4). Longe da sua terra natal, o emigrante sente saudades e sonha voltar (subcapítulo 3.5).

O nosso trabalho será ainda pautado pela referência a duas obras da literatura francesa: *Dès que tu meurs, appelle-moi* de Brigitte Paulino Neto e *Portugal, années '60 – à l'ombre des montagnes oubliées* de Alice Machado, por apresentarem a possibilidade de levar, de forma muito breve, a nossa análise comparatista a outro universo literário.

No último capítulo serão delineadas algumas propostas para a abordagem das obras em foco nas aulas de Português no 10º, 11º e 12º ano, e da temática em trabalho interdisciplinar com a disciplina de História aquando da abordagem aos módulos oito e nove assim como um projeto de turma mais abrangente.

“A literatura deve [...] ser lida e estudada pelo facto de proporcionar um meio [...] de preservar e transmitir a experiência dos outros, os que estão afastados de nós no espaço e no tempo, ou que divergem de nós pelas condições de vida. Ela sensibiliza-nos para o facto de outros serem muito diversos e de os seus valores se afastarem dos nossos.”²

Foi com esta convicção que investigámos, seleccionámos e analisámos. “A literatura deve preservar e transmitir a experiência dos outros”, “sensibiliza-nos” para as diferenças e “valores” dos outros. Em suma, a literatura guarda, transmite e educa.

² COMPAGNON, Antoine (2010). *Para que serve a literatura*. Trad. José Domingues Almeida. Porto: Deriva

CAPÍTULO 1. Quando a História é ficção e a ficção faz História

1.1- Literatura e História – uma breve abordagem

“Littérature et histoire ne sont pas [...] deux champs étanches, il s’agit bien plutôt d’un vieux couple avec une longue chronique de querelles”³

Qualquer pesquisa levada a cabo numa tentativa de definição do termo “Literatura” obvia a dificuldade em estabelecer fronteiras que delimitem o fenómeno literário. É esta a afirmação inicial de Carlos Reis (2008:19). Se na sua origem, “O lexema complexo ‘literatura’, derivado do radical ‘*littera*’ – letra, carácter alfabético –, significa saber relativo à arte de escrever e ler, gramática, instrução, erudição” (Aguiar e Silva, 2011:2), ao longo dos tempos, o vocábulo foi admitindo várias aceções. Até meados do século XVIII, “obras com o título ‘História literária’ abrangiam [...] todo o tipo de saberes: filosófico, jurídico, médico, histórico com relevo para a história da Igreja, a hagiografia, etc ” (Matos, 2001:200). Até então, designando “o que está escrito e o seu conteúdo”, “o conhecimento”, a função reconhecida da literatura era a de veículo do Saber. No entanto, já em 1666, a criação da Academia das Ciências, em França, dava corpo ao desejo de separar as águas e assim retirar ao termo “literatura” as interpretações relacionadas com o que poderá ser abarcado pela cúpula das ciências.

O significado que lhe é hoje atribuído remonta assim a um passado recente e quando “‘literatura’ passa a significar a arte que se exprime e comunica pela palavra, [o vocábulo] assume [...] uma referência nacional para designar o património literário de um país” (*idem*:201). Fazendo eco a esta definição e lembrando a realização, não só gráfica da palavra mas também oral, impõe-se de imediato a ideia apresentada por Saraiva e Lopes (1989:5-6), de que o estudo da literatura abrange largos séculos sem escrita, de que existem línguas e obras que tardiamente foram reduzidas a sinais gráficos, de que a força expressiva de alguns géneros literários reside na sua ligação à oralidade. Adiantam ainda que a história da literatura é interdependente da história social e da história cultural e que para se definir literatura, é necessário considerá-la não só “como um sistema semiótico de significação e comunicação, [mas também] como o conjunto de todas as obras e textos literários” (2011:30). Reconhece-se então às obras literárias, a capacidade de dialogarem com a História, a Sociedade e a Cultura (Reis, 2008:21), tanto mais que são produtos do espaço e do tempo contemporâneos da sua criação.

³ HARTOG, François, *Ce que la littérature fait de l’histoire et à l’histoire. Fabula / Les colloques, Littérature et histoire en débats*, URL: <http://www.fabula.org/colloques/document2088.php>. Tradução livre da autora: « Literatura e história não são [...] duas áreas estanques. São antes um casal com uma longa crónica de quezílias ».

Em sentido idêntico vão as considerações de Jean-Marie Schaeffer⁴. Para este autor, a distinção entre História e Literatura não tem razão de ser, em primeiro lugar porque se é possível identificar as características prototípicas do discurso histórico, tal não se verifica quanto à noção de “literatura”. Em segundo lugar porque em certos contextos, o discurso histórico – assim como o discurso filosófico e outros géneros não ficcionais em prosa – é literatura. Acrescenta ainda que, como qualquer sistema simbólico humano, a literatura é um facto social e um facto cultural. Duas dimensões distintas, irreduzíveis e que interagem uma com a outra. Baseando as suas afirmações nos trabalhos levados a cabo por Radcliff-Brown, Alfred Kroeber e Talcott Parsons, aponta – também ele – para as duas faces da literatura: um sub-sistema social e uma realidade cultural. Enquanto facto social, é um espaço de relações estabelecidas pelo tempo. É possível reconhecer-lhe uma génese, uma evolução, um devir e até, uma morte. É uma das múltiplas realidades sociais inscritas no tempo histórico. Enquanto facto cultural, dá forma ao problema da partilha de representações que não assenta numa ontologia relacional mas distribuída. É o domínio da polaridade “criação/recepção”. Em todo este processo, o leitor desempenha um papel fundamental. “Penser le temps historique d’une réalité sociale c’est penser la reproduction et la transformation d’un réseau relationnel” (Schaeffer, *idem*). Pensar na dimensão temporal de uma realidade social que é simultaneamente uma realidade temporal, é pensar na difusão – que se processa no seio de uma determinada geração (*fait intra-générationnel*) – e na transmissão – que se realiza entre gerações (*fait intergénérationnel*) –. Enquanto facto social, o seu modo de existência é contínuo, enquanto objeto cultural, a obra literária apenas existe quando “activada” mentalmente, ou seja, é pelo ato de leitura que o texto “acontece”. Os seus significados dependem das funções que servem ou do uso que dele fazem. (Buescu, 2001a:352-3).” E enquanto acontecer e existir, a literatura, que nos testemunha, não pode alienar-se da realidade que mais avilta o homem [...] para nos dar a verdadeira dimensão do que somos, do que nos restringe e do que não soubemos ser” (Namora, 1997:194).

Falar de literatura é falar de uma herança literária estática mas também de uma produção sem fim de textos novos e variados, recordando que se trata de uma noção

⁴ SHAEFFER, Jean-Marie (s.d) *Le temps de l’Histoire et le Temps des Œuvres*. Fabula/ les Colloques. Littérature et Histoire en ébats, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2119.php> [12 de janeiro de 2015].

sobretudo avaliativa e não descritiva. Noëlle Batt⁵ aponta para a especificidade da arte literária que é a de constituir uma escrita que transforma a língua numa “outra língua dentro da língua”. Dificuldade em estabelecer fronteiras!

Com o termo “História” entramos no domínio da heteronímia. “Sabemos que a própria língua pode dispor ou acolher a possibilidade de vários usos discursivos da palavra “história”: há por exemplo, a história que se faz; a história que se escreve – a historiografia; e a história, narrativa oral ou escrita, que se conta e que pode ser assumida como um relato quer como ficção ou como mito” (Buescu, 2001a:182). “A história designa o acontecer, o fazer humano no tempo (...); enquanto a história é um tipo de discurso” a explicação do que se diz, ou [...], uma família de discursos; uma disciplina ou campo disciplinar” (*idem*). Em suma, a História é passado, é presente, é discurso, é disciplina.

A partir do século XIX a sua presença na literatura torna-se recorrente. A ideia ou consciência do seu carácter coletivo transformam-na em pano de fundo para variadas obras. Petitier e Milet⁶ relembram que, como para qualquer outro período, o conhecimento do contexto histórico é essencial para se entender os debates literários e estéticos que surgem. Na sua opinião, a literatura tem a capacidade de pensar a história enquanto processo e enquanto escrita. Para Hartog⁷, nos anos 1970 a criação literária caracteriza-se pela descrição de um mundo onde o futuro não existe e no qual o presente domina. O final do século XX assiste a um surto do romance histórico e a uma ressurreição do passado na criação literária. Se por um lado se assume a existência de numerosas formas de escrita, por outro é necessário reconhecer que só a literatura apresenta uma tentativa de “restituição”. A título ilustrativo menciona os prémios Goncourt de 2006 e 2011, atribuídos respetivamente às obras *Les Bienveillantes* de Jonathan Littell e *L'Art français de la guerre* de Alexis Jenni.

⁵ BATT, Noëlle. “Un malentendu continu. Trois remarques sur les croisements disciplinaires», *Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://test.fabula.org/colloques/document2079.php>, [12 de janeiro de 2015].

⁶ PETITIER, Paule. MILET, Claude. *L'Histoire dans tous ses états. Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2104.php>, [12 de janeiro de 2015].

⁷ HARTOG, François, *Ce que la littérature fait de l'histoire et à l'histoire. Fabula / Les colloques, Littérature et histoire en débats*, URL: <http://www.fabula.org/colloques/document2088.php> [12 de janeiro de 2015].

Admitindo, como afirma Louis⁸, que a abordagem de certos “*corpus*” literários carece da consulta de obras de historiadores, em particular no que a textos memorialistas diz respeito, concordamos com o facto de “A literatura [não ser] apenas representação e sintoma do viver histórico, mas [...] história; experiência na escrita e na leitura, na alteridade histórica dos jogos de linguagem, das atividades e formas de vida dos humanos” (Buescu, 2001a:216). Estabelecendo distinções, Coste⁹ afirma que a literatura se presta a avaliações estéticas normativas porque obedece a um critério de canonicidade enquanto a fonte histórica só ganha sentido pela pertinência e representatividade. Assim, devemos interrogar a fonte e escutar o texto. O autor vai mais longe: afirma que a Literatura tem um papel determinante na nossa visão da História e coloca a questão de se saber até que ponto a Literatura faz História.

Em jeito de conclusão para estas nossas primeiras considerações, ouçamos mais uma voz: “ A História, tal como se escreve, ou [...] tal como a fez o historiador, é primeiro livro, não mais que o primeiro livro. [...] Sempre será melhor ciência aquela que for capaz de [...] proporcionar uma compreensão duplicada: a do Homem pelo Facto, a do Facto pelo Homem” (Saramago, *apud* Reis, 2008:501).

1.2- Ficção e História – distinção e complementaridade

“Preciso de ficção para ver melhor a realidade”
(Gonçalves, *Este verão o emigrante là-bas*, p179)

Ao inverso do teor das reflexões anteriormente apresentadas quanto à dicotomia Literatura/História, a oposição/distinção entre os termos História e Ficção afigura-se defensável e até pertinente. Dizia Barthes que “Dès l’Antiquité, le ‘réel’ était du côté de l’Histoire; mais c’était pour mieux s’opposer au vraisemblable, c’est à dire, à l’ordre même du récit »¹⁰ (1982 :88). A literatura é um sistema de significação e como tal refere-se à

⁸ LOUIS, Annick. *Ce que l’enquête fait aux études littéraires : à propos de l’interdisciplinarité*, *Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2097.php> [12 de janeiro de 2015].

⁹ COSTE, Florent. « *Littérature et Histoire: Rendez-vous manqués et terrains de rencontres*” *Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://test.fabula.org/colloques/document2081.php>, [12 de janeiro de 2015].

¹⁰ Tradução livre da autora: “Já na Antiguidade, o ‘real’ pertencia ao campo da História, mas era com o intuito de melhor se opor ao verosímil, isto é, à ordem intrínseca do relato”.

realidade sem se confundir com ela. “A ficcionalidade está no carácter verbal da literatura” (Matos:2001:225). Diz Aguiar e Silva que “O discurso ficcional da comunicação literária, constituído por [...] actos ilocutivos, constrói, de acordo com determinadas normas, e convenções, o seu próprio contexto de situação, o seu próprio emissor, [...]” (2011:199). O leitor deve ter em conta que o mundo descrito num texto ficcional é um mundo construído, autónomo, “sem nexos de referencialidade directa a um contexto de situação facticamente existente no mundo empírico” (*idem*:201). O autor define o processo comunicativo literário como “*defectivo*”, sendo que se realiza na ausência de uma das instâncias envolvidas no ato comunicativo – o emissor ou o recetor – e sem contexto de situação comum. O mundo criado pelo discurso literário, porque “a pseudo-referencialidade não anula a referencialidade ao mundo empírico” (*idem*:645), poderá apresentar factos realmente acontecidos, num contexto empiricamente comprovado, envolvendo personagens cuja existência pode ser confirmada – características do discurso histórico – contudo, o narrador será o seu último barómetro de veracidade.

O facto de uma obra literária de ficção incluir muitas referências históricas, importa ao nível da particularidade artística da obra em questão. Refere Schaeffer (*idem*) que ambos os termos correspondem a noções opostas. Será justo questionar a veracidade referencial de um texto histórico mas, tendo a ficção um estatuto de ordem pragmática e não semântica, a questão torna-se, no seu caso, irrelevante. Ao entrar num mundo fictício, o leitor celebra um pacto narrativo através do qual aceita as condições de uma realidade outra (Oliveira, 2000:182). Por sua vez Buescu apresenta as noções de “mentira” e “realidade” como resultados diferentes de um mesmo processo de duplicação, de alteração de uma realidade contextual. Segundo a autora, as ficções literárias dão corpo a uma realidade que apesar de remodelada, continua identificável. (2001a:102). De facto, é a selecção que o autor faz do mundo real e a sua representação textual que permitem a criação de uma matriz do possível (2001a:114). Não se trata de um mundo de enganos mas de um mundo imaginário. E, se por um lado a distinção entre ficção e discurso histórico se torna óbvia, porque corresponde a escolhas opostas, não pode contudo, ser considerada simples e unívoca: existem, pois, casos de hibridismo. (Schaeffer. *idem*).

Assim como alguns autores levaram as suas indagações à conclusão de que a Literatura era História, também Wood (2010:82) chega ao extremo de colocar a seguinte questão: “Poderá dizer-se que todos nós somos personagens ficcionais, gerados pela vida e escritos por nós-próprios?” (2010:82). É que segundo o autor, a literatura faz de nós

melhores observadores da vida: “Porque a arte é a coisa mais próxima da vida; é um modo de amplificar a experiência e expandir a ligação com os nossos semelhantes para lá das fronteiras da nossa situação pessoal” (*idem*:187). A este respeito, Buescu cita as ideias partilhadas de Marshall Mc Luhan que considera “a arte da ficção como uma extensão da realidade” e de Kundera quando afirma que “o romance não é uma confissão do autor, mas uma exploração do que a vida humana é nesta armadilha em que o mundo se converteu.” (2001a:103, 113). Voltemo-nos neste ponto, mais uma vez, para o contexto, para a História enquanto contexto da produção literária e verificamos que se tornam a cruzar, e a afirmar a sua coexistência.

Hartog declarava que a literatura sempre esteve presente na sua maneira de ser historiador. A análise que nos propomos assenta no pressuposto inverso: o de que a História – e presentemente, a história contemporânea dos autores, nas décadas de 1960 a 1980 – influenciou a sua produção literária, a sua ficção. “Existe em cada livro um desafio contra o esquecimento, uma aposta contra o silêncio que só pode ser ganha quando o livro for de novo aberto” (Steiner,2003:18), ou seja: ficção para não esquecer a história; ficção para denunciar a história; ficção e história, lado a lado.

Na nota introdutória à obra *A salto*, Nita Clímaco previne o leitor: “Quis escrever um romance e não um livro de tese sobre a emigração” (p10). No entanto, várias vezes, ao longo da leitura nos deparamos com notas da autora, atestando da veracidade dos factos apresentados, como que impulsionada por uma necessidade de separar a ficção da realidade ou de retirar a realidade da ficção. Assim acontece para algumas referências a artigos de jornais denunciadores dos ganhos dos passadores e engajadores com o tráfico dos portugueses:

Em 1965 o tráfico dos portugueses rendeu aos passadores mais de 35 milhões de francos (*L’Aurore*, de 13 de Setembro de 1966, artigo de Didier Leroux). (*A salto*, p49)

Um bilião e meio de francos antigos, por ano, é o ganho aproximado e anual dos engajadores e passadores, especializados na passagem dos portugueses para França – *France Soir*, 3 de Abril de 1965. (*A salto*, p61)

Outras vezes, as notas pretendem comprovar que os crimes relatados, se bem que ficcionados, são reais. Vejamos:

Autêntico. *L’Echo de Lyon* de 30 de Setembro de 1964. O português chamava-se Arménio Barbosa Dias da Silva e tinha quarenta e três anos. (*A salto*, p75)

Dois operários emigrantes portugueses, António Joaquim Caloura e Manuel Pinto, foram abandonados e roubados pelos passadores em território espanhol. Perdidos e desorientados, António Caloura enforcou-se numa árvore, utilizando o seu próprio cinto e Manuel Pinto atirou-se contra uma camioneta que na estrada, entre Secaca e Cyarzum, seguia a grande velocidade – *L'Express* de 26 de Março de 1967. (*A salto*, p80)

Essas notas destinam-se também à cedência de informações adicionais acerca da viagem clandestina no que concerne a pontos de encontro e vias utilizadas pelos emigrantes ou ainda, a legislação específica em vigor e desrespeitada:

É próximo de Vitória, que os passadores juntam os dois grupos de clandestinos portugueses: o dos que atravessam Castela e Navarra, e o dos que vêm do Minho por Pontevedra, Portilla del Fresno e Pancorbo. Alguns emigrantes clandestinos, além destas duas vias utilizam ainda o mar, viajando de barco e abordando a França pela Costa Basca. Esta viagem é, geralmente, iniciada em Viana do Castelo, demorando cerca de três dias. (*A salto*, p73)

Apesar de um decreto de 2 de Novembro de 1945, cujo art.º 19, estipula que o emigrante clandestino será condenado a 20 dias de prisão, findos os quais se procederá à sua expulsão, esta disposição legal só é aplicada, em todo o seu rigor, na Província Basca e no Bearn. Nos Altos Pirenéus, departamento vizinho, a polícia fecha os olhos à passagem dos emigrantes clandestinos portugueses [...] (*A salto*, p78)

Servem ainda para a indicação pormenorizada dos “*principais ‘bidonvilles’ de portugueses existentes na região parisiense*” (p88), os preços praticados (p100), a declarações de emigrantes entrevistados (p90), etc. Apesar da sua vontade de escrever “apenas” um romance, o cuidado em destacar o que era, de facto realidade, mostra um verdadeiro desejo de denunciar um problema para o qual se tornou urgente encontrar soluções.

Da mesma forma, Assis Esperança, antes de abrir a porta do mundo criado em *Fronteiras*, informa o leitor sobre os seus motivos quanto à escolha do tema e do título, e apresenta um resultado da investigação realizada:

Circunstâncias de mais de uma ordem levaram o autor a reescrever este romance. Fora do seu pensar circunscrevê-lo à emigração clandestina, êxodo de que, a esse tempo, a maioria dos jornais, possivelmente por coacção, não dava um relevo muito mais para além da detenção [...] de mais um grupo de “indocumentados” e seus passadores, ou do “desmantelamento” de umas tantas redes de engajamento. (p7) [...] Uma vez predispostos a trocaram o certo pelo incerto, em vez de se acomodarem [...] às servidões sem chorume, esses homens abalavam “às cegas”. Assim se compreende que alargando a acção deste romance, o autor preferisse aumentar-lhe o significado ao eleger mais de uma latitude para a recolha e selecção de materiais de estudo [...] (*Fronteiras*, p7)

Como se pode verificar, de entrada desponta o desejo de dar destaque a um fenómeno em tempos diminuído, menosprezado e encoberto por razões políticas. Dedicava ainda

grande parte do Prefácio à exposição dos resultados da sua pesquisa e no decorrer da obra, também ele refere artigos, leis, estatísticas, boletins...insistindo, assim, na veracidade de muita informação contida nas páginas que esperam leitura. Vários acontecimentos históricos servem igualmente de pano de fundo para os episódios narrados: a Segunda Guerra Mundial, as greves de 1967, as manifestações de maio 1968:

[...] a Alemanha nazi, ao invadir a Polónia, lançara os seus exércitos na conquista e dominação da Europa. Mais judeus a procurarem salvar a vida refugiando-se em Portugal, [...] assim como intelectuais e políticos partidários da democratização do regime. (*Fronteiras*, p373)

Ela lembrava-se bem: a greve de Maio de 1967, em França, fora a mais secundada dos últimos dez anos. Abrangerá dez milhões de assalariados, a maior percentagem de grevistas a dos mineiros das zonas carboníferas, a dos professores também na vanguarda. (*Fronteiras*, p250)

[...] Reagrupámo-nos na Praça Edmundo Rostand. Com os manifestantes que vieram juntar-se a nós, seríamos já um milhar, e resolvemos ripostar à polícia. Erguemos a primeira barricada no bulevar St. Michel. [...] (*Fronteiras*, p283)

Por vezes ainda, a história entra na ficção, quase que “em direto”, pela voz de quem a protagonizou: “De Gaulle põe o dilema: eleições ou guerra civil. ‘Não me demitirei.’” (p323)¹¹.

Em *Este verão o emigrante là-bas*, tudo é verosímil e verificável. O contexto político e social impõe-se com um desabafo indignado de Francisco: “Pois o nosso dinheiro aqui, nem pensar! Dizemo-lo a quem quiser ouvir, se preciso até vamos dizê-lo à presença do Sr. Giscard D’Estaing.” (p99)¹². É ainda por intermédio desta personagem que o leitor toma conhecimento das políticas de emigração implementadas:

“Os Ministros lá decidem entre eles, lá decidem o que lhes parece. Mas há um. Esse mesmo. Barre. Barre¹³, é o nome. Diz que nos põe a todos nas nossas terras, a nós e à família. Filhos, pois, os filhos, mulher e tudo. E ainda por cima dos dá um milhão.” (*Este verão o emigrante là-bas*, p102).

“Uma gravura na parede, *Nous pouvons*, assinala a força dos humanos. *Maió 1968*” (p91), e chegamos aos movimentos de libertação que marcaram os finais da década de

¹¹ Referência ao discurso do General De Gaulle, de 30 de maio de 1968, no qual declara a dissolução da Assembleia Nacional e apela a uma ação cívica em defesa do regime. (Berstein, G., et al. (1997). *Histoire du vingtième siècle: de 1953 à nos jours*, Tome 3. Paris : Hatier, p 187)

¹² Valéry Giscard D’Estaing: Político francês. Presidente da República de 1974 a 1981.

¹³ Raymond Barre: Político francês. Primeiro Ministro de 1976 a 1981.

1960. Assim como Virgílio acompanhou Dante ao Inferno, é com outro Virgílio que a narradora e o leitor vão até outro inferno, o da guerra colonial:

Chegámos em sessenta e quatro, é mesmo ao pé de Nambuagongo mesmo dentro da região dos Dembos onde os portugueses comandados pelo Alferes Robles toda a gente lá sabe quem é fizeram um massacre a quantos apanharam naquelas fazendas que a verdade se quiserem vê-la é que já outros haviam começado com a chacina. (*Este verão o emigrante là-bas*, p53)

“[...] nós que não somos leitores ingênuos e sabemos bem que qualquer texto é sempre de algum modo autobiográfico[...]”(Coelho, 2013:252), verificamos que a ficção se retrai novamente quando a identidade da autora se confunde com a entidade narradora: mulher, nascida em Angola, escrevendo um livro cujo tema é a emigração. Na manta de retalhos de vidas que constitui esta obra, a ficção parece ter dificuldade em encontrar o seu espaço.

Traços reais, autobiográficos, também os encontramos na poesia de Amândio Sousa Dantas. *Poemas da emigração* serão os poemas da sua emigração. Desterrado, estrangeiro num país cuja língua desconhece, estranhando clima e paisagens, os seus versos estão imbuídos de dor deveras sentida mesmo que fingida, diremos, parodiando Pessoa. Debrucemo-nos sobre estas quadras do poema *Da ausência* (p15):

[...]
Sentir o nosso lamento
(ilusão desse sentir)
é somente o fingimento
de ver o tempo fugir

Ausência golpe fundo
e não fere só na hora
fere: já outro mundo
que nos espera lá fora...
[...]

A quase total inexistência de pontuação permite-nos divagar quanto à interpretação destes versos. Se o “sentir” é ilusão mas o “lamento” verdadeiro, talvez seja por o sujeito poético ser todo ele “lamento”. Não sente porque “é”. Se ver o tempo fugir é apenas fingimento, será porque o tempo na realidade se eterniza, eternizando o lamento, ou seja, a dor. A fonte de sofrimento não é apenas a separação, é a ausência que se prolonga, que alastra e se expande em redor do sujeito poético. “*Penso que tenho uma porta / nos dias que vou saindo / mas o que dou é uma volta / entrando num labirinto*” (p20). Ficção? Será... apenas para quem nunca viveu a angústia do exílio.

1.3- Contextos históricos

Que as obras literárias são produtos do espaço e do tempo contemporâneos da sua criação é uma ideia que já foi de sobremaneira apresentada nas páginas anteriores. Dedicar-nos-emos, neste ponto, à noção de “contexto histórico” que está na base da dimensão social e cultural que é pertença da ficção e por extensão, da literatura.

A *Gramática da Língua Portuguesa* refere o “contexto” como sendo a situação “onde tem lugar um dado comportamento linguístico constituído por um enunciado, [e que] contribui para a interpretação desse mesmo enunciado” (Mateus, 2003:81). Conhecer ou desconhecer o contexto, ou princípios socioculturais “que o regulam, numa dada comunidade, actua selectivamente sobre o que se diz e pode ou deve ser dito e restringe ou especializa a interpretação e compreensão do que é, de facto, dito.” Isto é importante para a plena realização de um ato comunicativo. Transpor tal definição para o âmbito da obra literária, obriga-nos a um reconhecimento da relevância do contexto histórico tanto no ato de criação quanto no de receção. Citando Aguiar e Silva, “[...] a obra só adquire efectiva existência como obra literária, como objecto estético, quando é lida e interpretada por um leitor, em conformidade com determinados conhecimentos, determinadas convenções e práticas institucionais.” (2011:33). Uma análise dos elementos de ordem contextual poderá ajudar o leitor a apreender os propósitos culturais, literários e estéticos dos autores, mas essa interpretação será também condicionada pelo contexto em que a leitura se realiza, em que o ato de significação e comunicação – que é defetivo – se conclui, em que o texto, por fim, “acontece”.

No grande debate em torno da definição de literatura, Greimas declara :

La littérature en tant que discours autonome comportant lui-même ses propres lois et sa spécificité intrinsèques est presque unanimement contestée, et le concept de “littérarité” qui voulait la fonder, est aisément interprété comme une connotation socio-culturelle, variable selon le temps et l’espace humains (Greimas, *apud* Aguiar e Silva, 2011 :16-17).¹⁴

Na mesma linha, Todorov “entende que não é legítima uma noção ‘estrutural’ de literatura e contesta a existência de um ‘discurso literário’ homogéneo, visto que [...] não existe nenhum denominador comum para todas as produções ‘literárias’, a não ser o uso da

¹⁴ Tradução livre da autora: “A literatura enquanto discurso autónomo com as suas próprias leis e a sua especificidade intrínsecas é contestada de forma quase unânime, e o conceito de literariedade que a pretendia alicerçar é facilmente interpretado enquanto conotação sociocultural, que varia de acordo com o tempo e o espaço humanos.”

linguagem” (*idem*:17). Ellis adianta que “in an important sense, texts are made into literature by the community, not by their authors” (*idem*:18). E, por seu lado, Miner considera que “the status of literature is cognitive rather than objective or otherwise hypostatic”. Tentar definir com elementos concretos a noção de literatura é na opinião deste autor, “uma falácia objectiva” (*idem*:19). Esta é também uma ideia apresentada por Buescu: “Até certo ponto, os textos são construídos pelos seus leitores e pelo contexto em que são construídos” (2001a:341) e ainda por Tânia Carvalhal quando declara que:

o texto literário estabelece um diálogo entre três linguagens, a do escritor, a do destinatário e a do contexto cultural, actual ou anterior. [...] a palavra é ‘dupla’, pertence ao texto em questão e a outros, pertencendo também ao sujeito da escrita e ao destinatário. (2007:127)

No âmbito da investigação sobre semiótica e teoria do texto, data dos últimos anos da década de 70 o aparecimento do conceito de “estética da receção” que reconhece e valoriza a função do recetor em todo o ato comunicativo. No entanto, o texto literário,

como qualquer outro acto significativo e comunicativo, [...] só funciona como ‘mensagem’, num específico circuito de comunicação, em virtude da prévia existência de um ‘código’ de que têm comum conhecimento [...] um emissor e um número indeterminado de receptores. (Aguiar e Silva, 2011:75).

Por “código” deve-se entender o “sistema modalizante primário e sistema modalizante secundário que possibilitam a produção de um texto e permitem o seu funcionamento como objecto semiótico e estético” (*idem*:316). É a noção de literatura enquanto “polissistema” que subjaz a esta afirmação. Entende-se por “sistemas modalizantes primários” as línguas naturais e por “sistemas modalizantes secundários”, os sistemas semióticos culturais que são a arte, a religião, os mitos, o folclore, etc. Da existência ou não de competência comunicativa por parte do leitor/recetor, ou seja, do seu conhecimento destes códigos, dependerá a compreensão e análise adequada do “co-texto” e do “contexto” de uma criação literária. Considera-se pertinente recordar, neste ponto, que a dimensão contextual se refere às “propriedades internas” de um texto – componentes gramaticais e não-gramaticais –, enquanto a dimensão “contextual” se prende com “as relações externas” que são, segundo designações de Lotman,

“o metatexto” – conjunto de textos que descrevem, explicam e regulam a natureza e o funcionamento dos códigos literários – “o intertexto” – conjunto de textos que entram em relação produtiva com um determinado texto – “o contexto situacional”, de ‘visão do mundo’ e de “universo simbólico”. (Aguiar e Silva, 2011:296)

Restringindo um pouco o âmbito da nossa abordagem, debruçemo-nos, seguidamente, sobre o “contexto histórico” de uma criação literária. Entende-se que o termo designe a informação relativa à mentalidade, ideologia, cultura de uma determinada sociedade, assim como os acontecimentos económicos e políticos – crises, guerras, conflitos – ocorridos num determinado espaço e num tempo específico. “A literatura não é apenas o que se escreve, é também o que se pensa, o que se vive” (Machado e Pageaux, 2001:12). De facto, um escritor, como qualquer indivíduo, é produto do seu tempo. Investigar a sua ligação a essa época – ideológica e artisticamente – e situá-lo relativamente a outros autores – predecessores ou contemporâneos – poderá ser de extrema importância para a interpretação legítima da sua obra porque, diz-nos Baptista: “projeta-se sempre no que escreve quem escreve, pelo que de si revela e até pelo que de si encobre” (1975:11) e Borges, citando Barros:

A época, a sociedade, o ambiente social e cultural, as instituições, os campos sociais, as redes em que estabelece com outros textos, as regras de uma determinada prática discursiva ou literária, as características do género de escrita que se inscreve no texto, são questões que permeiam o texto escrito e constroem o autor de um texto, deixando nele suas marcas (2004:137-8, in Borges, 2010:96).

Deitemos então, neste ponto, um olhar sobre as décadas de 1960 a 1980, que constituem a realidade vivida pelos autores em destaque e escolhidas por eles para pano de fundo das suas criações literárias.

Nos primeiros anos do decénio de 60 o regime Salazarista vive momentos de crise. O “terramoto delgadista” deixar-lhe-á marcas profundas (Mattoso, 1994a:523). Estes vinte anos foram principalmente marcados pela morte do presidente do Conselho, “Pai da Pátria”, “Salvador da Nação” portuguesa e pela sua substituição por Marcelo Caetano, espécie de marca d’água do líder falecido. O novo dirigente muda o nome da polícia política, aprova leis sindicais, alarga o sufrágio às mulheres alfabetizadas nas eleições de 1969 mas declara ter que continuar com a guerra no ultramar. A deterioração da situação económica e financeira é a lógica consequência de um aumento das importações de produtos agrícolas e de equipamento industrial e da diminuição das exportações de alguns produtos valorizados durante a guerra. Num país em que o desenvolvimento industrial assenta na intensificação do trabalho, “aproveitando a existência de uma mão-de-obra barata, abundante e privada policialmente da sua capacidade de intervenção” (*idem*: 462), que vê o investimento de capitais quase exclusivamente orientado para as províncias ultramarinas e que está envolvido em guerras coloniais que se eternizam e vitimizam

milhares de jovens, o descontentamento aumenta e, sob influência dos movimentos libertadores que grassam pela Europa, a contestação chega ao território luso. Em resposta, a liberalização vislumbrada inicialmente, retrai-se. Em 1970 é aprovada uma nova legislação permitindo a destituição de direcções sindicais subversivas e a “curva das prisões volta a aumentar” (*idem*: 553). A censura à imprensa instituída em 1926 estende-se a todos os meios de comunicação: teatro, cinema, rádio e televisão controlando cada imagem ou palavra. Eis a nota introdutória do Despacho do ministro do Interior, Gonçalves Rapazote, de 3 de fevereiro de 1972:

Tendo-se verificado o aumento substancial de publicações que atentam contra a sociedade e a ordem e ofendem os bons costumes, deverá a Direcção-geral de Segurança dedicar um cuidado particular ao imediato cumprimento das seguintes instruções: [...]. (Marques, 1986:427)

Amordaçados durante décadas, jornalistas e escritores desenvolveram a prática da autocensura ou recorreram a publicações fora do território nacional. *Eis uma história* de Olga Gonçalves e os romances de Nita Clímaco – à exceção de *A salto* – foram tidos como subversivos e impedidos de circular. O “Relatório da actividade do Conselho de Leitura – Comissão de Censura à Imprensa – relativo a Janeiro de 1974” (*idem*:432) aponta como “inconveniente a circulação das seguintes obras: [...] *Emigração e Crise no Nordeste Transmontano*, de Modesto Navarro; [...] *Emigração: Fatalidade Irremediável?*, de F. Ramos da Costa”, (*idem*:430), obras cuja consulta nos auxiliou na elaboração do presente trabalho. O fenómeno migratório, porque sintomático e denunciador de uma situação precária, não podia ser alvo de explicação, análise e divulgação.

A revolução do 25 de abril coincidiu com um período de recessão originada pela primeira crise petrolífera e a capacidade de resposta do país viu-se enfraquecida pela situação de profunda alteração social e política vivida. A reforma agrária que se estendeu até 1977 “levou à divisão legal do espaço rural português e serviu para acentuar as clivagens políticas, sociais e culturais entre o Norte e o Sul do país” (Mattoso, 1994b:123).

“De 1974 até aos anos 80 assistiu-se a grandes modificações na história das mentalidades e do quotidiano” (*idem*:166) como por exemplo, a emergência dos movimentos feministas, a alteração dos relacionamentos entre homens e mulheres e no seio familiar, o fim do tabu que era a sexualidade.

Feito o enquadramento contextual destes quatro escritores no que se refere a Portugal, não podemos esquecer que também contactaram com realidades diferentes e que desse

contacto nasceram as obras. A França acolheu Nita Clímaco e Olga Gonçalves, a Alemanha foi o destino de Amândio Sousa Dantas. “De 1961 a 1988, a França acolhe 61,3% do total de emigrantes portugueses, a RFA, 7,8%” (Baptista, 1975:15). São dados. Enquanto Portugal vê uma importante parcela da sua população fugir ao regime, à miséria ou à guerra, o resto da Europa, em reconstrução, economicamente organizada, politicamente estável e culturalmente desenvolvida, dá asilo – e explora – a esta mão-de-obra jovem e barata.

Relembrando: “ [...] a literatura é o que se vive” (Machado e Pageaux, 2001:12). Esta noção é tanto mais importante, tanto mais verdadeira que já Alves Redol assim anunciava na “Breve memória” que inicia a sua obra *Gaibéus*:

[...] 1936 [...] *Gaibéus* germinou nessa época e foi consciência antes de ser romance. Quem o ler, portanto, deve ligá-lo às coordenadas da história de então. [...] Penso que, fora do contexto social, do lugar e do tempo, não há obra literária que se compreenda na raiz. [...] esta, pelo menos, nunca se libertará, e ainda bem, da hora trágica e consciente que a viu nascer.” (1989:54).

Assis Esperança por sua vez, dirigindo-se ao leitor no prefácio de *Fronteiras*, declara terem sido “os alertas da observação directa a guiarem-lhe as curiosidades esclarecedoras” (p7).

Se atentarmos na obra de Nita Clímaco verificamos que os protagonistas dos seus romances são portugueses que evoluem numa sociedade francesa. Assim, não podemos deixar de estabelecer uma ligação com a experiência de vida da própria autora, defendendo que também no seu caso, a obra é produto do contexto histórico e social em que foi criada.

Quanto a Amândio Sousa Dantas, a sua experiência da emigração, está desde logo presente nos títulos das suas obras: *Sentimento da Ausência*, *Poemas da Imigração*, *Emigrar na Primavera* ou *Na cidade estrangeira*.

Recordemos então o tema que nos propomos tratar no presente trabalho: “Literatura e emigração... olhares cruzados”.... Assis Esperança, Nita Clímaco, Olga Gonçalves, Amândio Sousa Dantas: são quatro observadores de um período histórico – décadas de 1960 a 1980 – e de um fenómeno social que lhes é contemporâneo e que marcou profundamente a sociedade de países como Portugal, França, Alemanha, Bélgica, Luxemburgo, Holanda, Suíça,... Quatro olhares, quatro formas de manusear a língua, uma realidade: a Emigração. Literatura, história, ficção, contexto: “le temps dont parle

l'écrivain, et celui dans lequel il vit, le temps dont il traite et sa façon de traiter le temps [...]"¹⁵

¹⁵ HARTOG, François, *Ce que la littérature fait de l'histoire et à l'histoire. Fabula / Les colloques, Littérature et histoire en débats*, URL: <http://www.fabula.org/colloques/document2088.php>. Tradução livre da autora: « o tempo de que fala o escritor, o tempo em que vive e a sua forma de tratar o tempo. »

CAPÍTULO 2.

Imagologia - Temas – A Mulher; O Estrangeiro

2.1. Imagologia – disciplina satélite da Literatura Comparada

Diz-nos Steiner: “Ler é comparar. [...] desde o seu início, os estudos literários e as artes da interpretação têm sido comparativos” (2003: 152). A tarefa que nos propusemos levar a cabo, por ter o propósito de estabelecer diferenças e evidenciar similitudes entre obras que abordam uma temática comum conduziu-nos à leitura de vários textos de autores que se debruçaram sobre a ciência que é a literatura comparada.

Embora tenha surgido no século XIX, marcado por uma “corrente de pensamento cosmopolita [...] é nas primeiras décadas do século XX que “ganha estatura de disciplina reconhecida” (Carvalho, 2007:9:14). A sua história foi marcada pelo surgimento e confronto de linhas de pensamento diversas e implementação de métodos díspares. Vejamos. Em 1931, Van Tieghen impulsionou o que viria a ser a “escola francesa” que assenta a sua metodologia de análise, no estudo das três entidades: “emissor”, “recetor” e “transmissor”. Valoriza-se o contexto em detrimento do texto e coloca-se a criação literária no domínio da “imitação” – *mimesis* de Aristóteles –. Estes procedimentos são colocados em causa por Valéry que considera que a presença de traços de influência de um texto noutra obra é antes uma marca de criatividade e de originalidade, resultado de um processo de assimilação e não de simples imitação. Esta visão será por sua vez contrariada por T. S. Eliot para quem uma obra original renovaria a tradição sem a imitar.

Apesar das divergências que os separam, estes intelectuais assumiam uma supremacia das literaturas da Europa Ocidental. René Etiemble traz uma nova luz à questão, defendendo a não existência de literaturas superiores a outras mas antes “uma ‘interdependência universal das nações’ [...]” (*idem*, 2007:34). Este estudioso propõe o recurso à investigação histórica e à reflexão crítica. Mais tarde, nos anos 50 e 60, Wellek preconizará uma análise centrada no texto, em detrimento dos elementos contextuais.

É a Tynianov que se deve a ideia de que “a obra se constrói como uma rede de ‘relações diferenciais’ firmadas com os textos literários que a antecedem, ou são simultâneos, e mesmo com sistemas não-literários” (*idem*, 2007:48). Mukarovsky segue a mesma linha de pensamento e “assimila o significado [da obra de arte] à função estética [...] que a coloca na dependência da interpretação”, mas independente da “referência a objectos da realidade”, “do seu valor documental” ou “do seu valor de verdade” (Matos, 2001:144). É o domínio da ficcionalidade. Bakhtin restitui-lhe as suas ligações com a história e Julia Kristeva apresenta a noção de “intertextualidade” enquanto base da criação literária. Defende a autora que o processo de escrita é resultante de um processo de leitura

de um determinado *corpus* literário, com o qual estabelece ligações e ao qual dá continuidade (*idem*:52). Assim, o texto deve ser entendido enquanto “intertexto”. Citando Barthes,

Tout texte est un intertexte ; d’autres textes sont présents en lui, à des niveaux variables, sous des formes plus ou moins reconnaissables [...] L’intertexte est un champ général de formules anonymes, dont l’origine est rarement repérable, de citations inconscientes ou automatiques, données sans guillemets” (Charaudeau e Maingueneau, 2002:328)¹⁶.

A fim de ilustrar esta noção de intertextualidade, e porque o consideramos um exemplo de influência de uma obra literária noutra, orientemos o nosso estudo para a obra *Este verão o emigrante là-bas*. Olga Gonçalves apresenta-nos um texto no qual se cruzam textos com textos, textos com artes, no qual se cruzam géneros...como se cruzam vidas. Nesta obra que não raras vezes se assemelha a um estudo sociológico, a narradora vai ao encontro de Madame Santos, emigrante, residente em Neuilly. Sigamos o caminho por si percorrido:

Serviço B. Oitavo andar. Quarto número 23”. “Abro esta porta de ferro, uma porta estampada de cinzento, a porta de um ancoradouro. [...] Desligado para obras, o ascensor. Fico imóvel a examinar o topo da viagem, a fulguração de inúmeros degraus. Estou só. [...] eu queria sentir alguém. [...] Oitavo andar. Um esqueleto me baixa, sereno, mostra-me o corpo das formigas. [...] ao cimo, tudo estreito, cinzento e labiríntico – o corredor, o tecto baixo, as portas. [...] (*Este verão o emigrante là-bas*, pp94-95)

É à maneira de um subterrâneo [...] é o caminho para o Serviço B. [...] Olhe que este caminho por baixo do chão não é fácil” (*Este verão o emigrante là-bas*, p96)

Como não verificar um eco da *Divina Comédia* de Dante? Uma viagem a um mundo subterrâneo, a um submundo em que o “esqueleto” imprime a presença da morte. Assim como Dante passa pelos Círculos do Inferno para chegar a Beatriz, a narradora terá que subir os “inúmeros degraus” que a levarão ao oitavo andar a fim de encontrar Madame Santos. Esta viagem será em tudo simbólica, até na discordância entre o número de andares e os Círculos infernais. A passagem pelo nono Círculo infernal é a condição *sine qua non* para a chegada ao Purgatório e a possibilidade de atingir o Paraíso. No caso da Madame Santos, a sua viagem nunca poderá passar do oitavo andar. O Paraíso, sonhado, nunca será alcançado, não existem mais escadas. Consultando ainda a obra de Dante, verificamos que

¹⁶ Tradução livre da autora: “Todo o texto é “intertexto”, outros textos estão presentes em si, em diferentes níveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...] O intertexto é um campo global de formas anónimas cuja origem é raramente situável, de citações inconscientes, apresentadas sem aspas”.

o Círculo oitavo é o dos fraudulentos, traficantes, rufiães e sedutores,... É este o seu mundo e “o que há mais aí é Santos” (p95).

É ainda possível estabelecer várias outras relações de intertextualidade nesta obra de Olga Gonçalves. *Este verão o emigrante là-bas*, contada na primeira pessoa, é a história de um projeto: “escrever sobre a emigração” (p17). No entanto, a obra ganha traços do género epistolar com a inclusão da correspondência de Monet, pintor impressionista. O teor das suas cartas expõe a situação de um artista, que para sobreviver, vende ao desbarato o fruto do seu trabalho. Quererá a autora estabelecer uma ligação com os emigrantes portugueses que desvalorizando o seu esforço, aceitam ordenados mais baixos, ou que, à semelhança do que aconteceu com o pintor, a sua obra será um dia reconhecida? Por outro lado, a correspondência que se cruza com a narração permite o encontro de presentes diferentes que – no fim de contas – têm o mesmo propósito: solicitar ajuda monetária. A ligação à obra do pintor encontra-se ainda no estilo que dá à sua prosa, repleta de sensações momentâneas e mistura de impressões, como podemos verificar nos seguintes excertos:

tangido pela luz, o arco-íris – vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, indigo, violeta, os corpos flutuando, um blazer negro de encontro ao céu movente, a cinza do cigarro escorregou-lhe, é o nada, arrefece, é o nada. (*Este verão o emigrante, là-bas*, p19)

Cheira ao haver e à acridão da orla ribeirinha, à suspensão de vozes caídas noutra limbo. Ainda longe, os carrapitos de oiro, a forma subtil com que nos entra o dia, a par dos símbolos, e tudo a andar sobre cambraia (*Este verão o emigrante là-bas*, p21).

A relação de intertextualidade passa assim do género literário para o movimento artístico, usando as palavras como o pintor usa as cores, numa sobreposição de tons e sinestésias.

Se dirigirmos neste ponto a nossa atenção para o destinatário da obra literária, regressamos ao início dos anos 60 e ao aparecimento da “teoria da receção”. Com os trabalhos de autores como Jauss, a obra literária não é mais vista como um objeto acabado mas antes continuamente sujeito a transformações consoante as leituras que dele foram e forem feitas. Em suma, resta-nos concordar com Steiner quando afirma que a história da Literatura Comparada “como disciplina profissional e académica é complexa e, em certa medida, sombria [...]” (2003:155)

Quanto ao propósito desta disciplina, diz-nos Buescu, que “aspira a elucidar e enriquecer a representação literária da condição humana em todas as suas variações”

(2001a:34) e ainda que pela “perspectiva comparatista [...] podemos alcançar a extensão e a compreensão da memória cultural que se cristaliza no património literário” (2013:23).

Desta forma, eis-nos no domínio na imagologia disciplina satélite da Literatura Comparada porque, como definem Machado e Pageaux,

a imagem é o resultado de uma distância entre duas realidades culturais. É a representação de uma realidade cultural estrangeira através da qual o grupo ou indivíduo que a elaboram, revelam e traduzem o espaço ideológico no qual se situam”. (2001:51)

O estudo da imagem, dessa “representação da realidade”, levar-nos-á à descoberta e compreensão do “outro” por contraste com o que somos. Pageaux diz-nos que, a imagologia “nos leva a encruzilhadas onde a literatura convive com a história, a sociologia, a antropologia e onde a imagem tende a ser reveladora dos funcionamentos de uma ideologia e de um imaginário social” (1995:140)¹⁷. A literatura, objeto cultural, espelho do que somos, como vimos anteriormente, será também a ponte entre nós e o “outro”, nós e o mundo. E perante a pergunta “Que fazer com essas diferenças?”, Pageaux afirma que a resposta está na “complementaridade e não numa eternização da diferença.” (1995:158).¹⁸ O que está por trás destas palavras se não um profundo desejo de partilha e aceitação? A análise comparatista de um conjunto de textos sai então do espaço restrito do estudo literário para o domínio da socialização. A declaração que se segue é da autoria de Ana Paula Mendes e merece a nossa atenção por apresentar uma tipologia das imagens que podem ser alvo de estudo e uma indicação quanto à metodologia a adotar:

Qualquer imagem estudada em imagologia é sempre: a) imagem de um referente estrangeiro; b) imagem proveniente de uma ação (sociedade ou cultura); c) imagem criada pela sensibilidade particular de um autor. Daí que os estudos imagológicos devam elaborar uma análise das três vertentes (...) de modo a não esquecer a dimensão simbólica das imagens literárias [...]. (2001:95)

Deste modo, a análise comparatista subentende um estudo do texto literário enquanto sistema e do contexto histórico, social e cultural de que é produto. Para tal, é necessário selecionar elementos textuais sobre os quais deverá incidir a investigação. Esses elementos são designados por Temas e Motivos.

¹⁷ Tradução livre da autora : Texto original: « L’imagologie mène à des carrefours (...) où la littérature côtoie l’histoire, la sociologie, l’anthropologie (...) et où l’image tend à être un révélateur (...) des fonctionnements d’une idéologie (...) et plus encore d’un imaginaire social ».

¹⁸ Tradução livre da autora : Texto original : « Le comparatiste doit répondre à la question: que faire avec ces différences? La seule réponse est dans l’idée d’une complémentarité et non d’une pérennisation de la différence. »

2.2 Temas e motivos – as “unidades mínimas de cuja agregação resulta o texto.”¹⁹

Diz-nos Steiner que “os estudos temáticos constituem um terceiro centro de gravidade em literatura comparada” (2003:161), no entanto Buescu relembra o paradoxo existente no facto de que “a noção de tema é irrecusavelmente extraliterária, uma vez que se recorta sobre campos de sentido que emergem do mundo e da existência. [...] “Tema” articula-se com “ideia” que remete para “assunto” ou para “matéria” ou “substância” de representação literária. (2001a:467:471)

Confunde-se frequentemente “tema” com “motivo”. De facto, ambos os termos designam questões que se relacionam com a história das ideias, com a poética, com a reflexão sobre o trabalho de escrita e da imaginação literária. No entanto, segundo Machado e Pageaux,

admite-se em geral que o motivo é mais restrito que o tema. Fala-se de motivo quando se trata de um elemento concreto, enquanto o tema se define pela sua abstração, pela sua generalidade. [...] Deverá chamar-se tema a tudo aquilo que é elemento constitutivo e estruturante do texto literário. (2001:90)

O motivo é um elemento a que seríamos tentados chamar acidental ou decorativo. O que não intervém no plano das estruturas, dos princípios organizadores do texto. (*idem*:90)

Existe uma relação fundamental entre o tema e a estrutura de uma obra. [...] O tema é um elemento mediador e fundador: mediador entre o homem e a sua cultura, fundador do texto, do qual constitui as estruturas profundas (*idem*: 91)

Ou seja, a relação do tema ao texto verifica-se quer ao nível da “matéria” abordada, quer ao nível dos “princípios organizadores” do mesmo, pois usando mais uma vez as palavras de Machado e Pageaux, o tema “representa a problemática, a base e finalidade da comparação literária quando ela abrange vários textos” (*idem*:93), é, portanto, o fio condutor do estudo comparatista.

O motivo será “uma situação típica que se repete, e, portanto cheia de significado humano” (Kayser, 1989:57). Enquanto num texto literário o tema desempenha um papel estruturante, a função do motivo será mais ilustrativa.

Seguindo neste ponto com a tarefa que nos propusemos, citaremos Buescu:

Pavel estabeleceu uma distinção entre um texto que força explicitamente os leitores a interessarem-se por um tema..., e um texto que precisa de um esforço especial (mesmo forçado) por parte do crítico para identificar o tema (2001a:157).

¹⁹ MATOS, Maria Vitalina Leal de, (2001). “Introdução aos Estudos Literários”, Editorial Verbo, Lisboa – São Paulo, p140

As obras em análise não deixam dúvidas quanto aos temas e motivos que podem, ou até, devem ser abordados num estudo comparatista de que sejam alvo. Todas deitam um olhar sobre um fenómeno histórico e social: a emigração. Este desterro dá origem ao encontro e confronto com o estrangeiro – território e indivíduo. Surge o “outro” em todas as suas aceções: o emigrante, o imigrante, o francês...A imagem da mulher, ora tradicional, ora inconformada também atravessa os quatro universos textuais. O choque acontece: choque com a realidade, com a cultura, com a língua, e o regresso é desejado.

Assim, os temas que nos propusemos analisar neste trabalho – ou que se impuseram a nós – são “a mulher” e “o estrangeiro”. Quanto aos motivos, abordaremos “Portugal” – o retrato de um país –, “a emigração” – do sonho para a realidade –, a viagem “a salto”, “o choque cultural e linguístico” e por fim, “a saudade”.

2.3 A Mulher

Descurando a educação da Mulher, considerando-a, isoladamente, incapaz de uma acção criminosa; não cuidando do seu desenvolvimento; não estudando o móbil das suas acções; não lhe dando exemplos d’uma vida sã; não a preservando dos perigos; a honestidade dela fica à mercê do primeiro homem que lhe agrade.
(Esperança, 1921:427)

É terrível esse desprezo que vocês, os homens portugueses, têm pelas mulheres.
(Clímaco, 1965: 43)

O papel que sempre gostei mais de representar foi o da mulher feliz.
(Gonçalves, 1990:171)

2.3.1. Representações do feminino

Um olhar sobre a História das Mulheres leva-nos ao encontro desta definição de Richard Steele, ensaísta do século XVIII: “Uma mulher é uma filha, uma irmã, uma esposa, uma mãe, um mero apêndice da raça humana [...]” (Duby e Percot, 1994:23). Será de destacar a apreciação pouco valorativa que é feita daquela que é apenas um “mero apêndice”. É filha, é mãe, é esposa, é irmã, mas nunca...Mulher. Numa sociedade em que lhes é negado o direito de existir apenas para si, em que se veem submetidas, primeiro ao domínio paterno e depois conjugal, é na vida religiosa e espiritual que muitas vezes se vão refugiar. A dedicação à família, a abnegação em prol dos seus, a obediência ao esposo, as tarefas executadas diariamente, são apenas obrigações, não se lhes reconhece valor

monetário. No entanto, “uma esposa preguiçosa [era] uma maldição para o marido” (*idem*:48). Numa sociedade em que o estatuto da mulher é definido em função da sua ligação a um homem, a viuvez ou a rejeição, colocavam-na numa situação precária tanto a nível social, quanto económico e até, psicológico.

“A inferioridade da mulher, enraizada na sua diferença sexual, vai ser estendida naturalmente a todo o seu ser e particularmente às suas faculdades intelectuais.” (*idem*:385) Já na Grécia antiga, Teofrasto, discípulo de Platão, afastando-se do pensamento do seu mestre no que à educação das mulheres diz respeito,

argumentou que à mulher deveria apenas ser ensinado o necessário para o governo do lar, porque a educação mais avançada “a transforma numa mexeriqueira quezilenta e preguiçosa”. (Manguel, 2010:232).

Assim, a sua reconhecida “falta de juízo” servirá durante séculos de justificação para o jugo masculino que lhe foi imposto.

Na literatura, a representação do feminino perpetua este aniquilamento individual. A produção literária católica aponta para a “doçura, compaixão e amor materno” enquanto “virtudes inatas do sexo feminino”. O teatro – entre 1500 e 1800 – apresenta frequentemente a imagem da “mulher caída” que inspira desprezo ou compaixão, da prostituta, da alcoviteira ou da cortesã (Duby e Percot, 1994: 304:343:344:345). Na poesia, ela é musa, é deusa, é inspiração, é estro!

Voltando, neste ponto, a nossa atenção para as obras dos autores que nos propusemos estudar, muita matéria temos ao nosso dispor, no que à luta para o reconhecimento deste “apêndice da raça humana” diz respeito. Sigamos a linha do tempo ao encontro destes quatro escritores. António Assis Esperança, o mais velho, nasce em 1892, na província algarvia, em Faro. Se enquanto jornalista a sua participação em publicações como “Seara Nova”, “O Diabo” e “Vértice” denuncia um carácter interventivo, a sua obra literária mostra-nos um homem preocupado com o seu tempo, empenhado em denunciar injustiças sociais, a exploração dos mais fracos, a situação da mulher. É o retrato de um país que encontramos nas páginas de *Vertigem* (1921), *Noite de Natal* (1923), *Funâmbulos* (1925) *Ressurgir* (1928), *Gente de bem* (1929), *O Dilúvio* (1932), *Servidão* (1946), *Trinta dinheiros* (1959) e *Pão incerto* (1960). *Fronteiras* (1973) é o seu último romance. Morre em 1975.

Clara, protagonista de *Vertigem*, é casada com Henrique, um homem que nunca amou, e vive uma relação adúltera e apaixonada com Carlos, o seu primeiro amor, por quem fora abandonada. No olhar de Assis Esperança para quem “a honestidade é, pois, uma questão de acaso” (p428), Clara é apenas uma mulher vítima do seu desejo de ser feliz. É ainda o adultério que dá origem à tragédia que ocorre numa aldeia recôndita da província algarvia, cenário da peça de teatro *Noite de Natal*. O homem traído torna-se carrasco da mulher adúltera, carcereiro da filha e assassino da ama. Três mulheres, três vítimas. A denúncia da situação da mulher, encontramos-a ainda nas várias novelas que compõem *Funâmbulos*. Em ‘*Rebanhos*’, não tem nome, talvez porque, sem vida, o nome não interessa, “*Outrora, era o pai que lhe batia; hoje, é o seu Pedro, o seu homem*” (p25) e assume “sou mulher, devo-lhe obediência” (p27). A mulher é ainda título de outra das novelas. É ‘*A inimiga*’, de quem se livra o marido, na hora do parto, sendo-lhe dada a possibilidade de “escolher” entre a companheira e a descendência: “Mate!” (p164). No entanto, em ‘*O vencido*’ ela é a força demoníaca que leva ao fratricídio. *Ressurgir* aborda a temática da homossexualidade feminina, apresentando-nos Helena e Maria Isabel. A primeira, oriunda de uma classe social alta, é caprichosa e dominadora, a segunda, filha da governanta, é submissa e obediente. Em ‘*O homem que perdeu o passado*’, uma das novelas que integram *O Dilúvio*, o autor partilha connosco a opinião do seu protagonista acerca de Grace, a mulher com quem pondera viver: “Empregada, ganhando para o seu sustento, [...] não constituiria um fardo permanente para o seu futuro, como a quase totalidade das mulheres portuguesas” (p163). Na crónica de negócios que constituem *Gente de Bem e Trinta Dinheiros*, Maria Eduarda não aceita uma existência pré-determinada ou determinada pelos outros. Para viver de acordo com o seu coração, sai de casa dos pais; traída pelo marido, abandona-o: “O mais doloroso está feito. A vida conquista-se.”, “Difícil, muito difícil, ser mulher.” (1958:47). *Servidão* traz-nos Leonor, filha de pobres, sem terra. Leonor sonha porque “Nascer, sofrer, morrer... É pouco! [...] Toda a gente necessita de ser feliz.” (p470) Leonor sonha e parte rumo ao Porto! Deixa a miséria, encontra a exploração, a degradação, a sujeição e regressa a casa, porque “A vida dos pobres é essa [...]: trabalhar.” (p495). Resta Maria da Graça, a quem o pai retirou dos estudos por saber que “quanto mais ela soubesse menos atenção daria aos moços da vila.” (1929:17), que quer ser regente escolar mas que reprova por falta de preparação, que decide seguir o seu namorado, António, que sabe ler e escrever e tenta “romper o círculo das milenárias sujeições do trabalho rural” (p32). Partirão... a salto.

De Nita Clímaco – pseudónimo de Maria da Conceição –, pouco se sabe para além da sua atividade como correspondente em França para a revista feminina “Eva” e de ter sido a autora de *Falsos Preconceitos* (1964), *Pigalle* (1965), *O Adolescente* (1966), *A salto* (1967) e *A Francesa* (1968). Os protagonistas são portugueses mas o pano de fundo é a sociedade francesa. Já os títulos das suas obras nos deixam antever uma imagem pouco tradicional da mulher, se confrontada com os parâmetros portugueses anteriores ao 25 de abril. Em *Falsos Preconceitos*, Mariana tem vinte e cinco anos, é órfã de mãe, estudou e vive só em Lisboa. A sua amiga, Monique, convida-a a passar uns tempos em Paris, levando-a a conhecer “Saint-Germain-des-Prés, reino dos tesos, berço do existencialismo, país do inverosímil, onde as convenções foram abolidas e cada um faz o que quer.” (p.40). Desiludida, Mariana reencontra-se com a tradição e “a pureza e a sinceridade do beijo do Dr. Filipe contrasta com a falsidade, com o artifício do amor” (p61), a que Monique, José e Alain, dão corpo. Em *Pigalle*, travamos conhecimento com Anisabel que, não aguentando mais “viver em Lisboa, aquela rua horrorosa e sombria, acorrentada a todas as ilusões da juventude, a lidar dia a dia com aquelas vizinhas mesquinhas” (p13), tentou a sua sorte em busca do amor e de uma vida melhor. Mas a sua “ousadia” foi castigada. Ela que “queria deixar de ser estrangeira... deixar de se sentir ‘estrangeira’, a mais humilhante, a mais deprimente das sensações que um emigrante pode sentir” (p48), cai nas malhas de uma rede de tráfico de mulheres, perde a liberdade e a identidade e fica à mercê de gente sem escrúpulos. A sua ida para França acaba por ser uma escala para a Tunísia. Françoise, a personagem feminina de *O Adolescente*, tem trinta e oito anos, é francesa, jornalista e veio passar férias a Portugal. Vive uma aventura com Rui, de dezoito anos, português que se apaixona perdidamente por ela e que a segue até Paris. *A Francesa* traz-nos Laura, trabalhadora, honesta, fiel, casada com Carlos. A fim de melhorarem o seu nível de vida, emigram para França. Em Paris, o destino leva-os a trabalharem como criados de uma “condessa” francesa que os vigariza, tenta seduzir Carlos e vinga-se em Laura. A Portuguesa e a Francesa: dois mundos, dois estereótipos.

Olga Gonçalves, poeta, ficcionista e tradutora, nasceu em Luanda em 1924. Publicou as obras poéticas *Movimento* (1972), *25 Composições e 11 provas de artista* (1974) e *Só de amor* (1975), mas é enquanto romancista que se expande ao nível literário. São da sua autoria *A Floresta em Bremerhaven* (1975) – Prémio Ricardo Malheiros – *Mandei-lhe uma boca* (1977), *Este verão o emigrante là-bas* (1978), *Sara* (1986), *Armandina e Luciano o traficante de canários* (1988), *Ora Esguardae* (1989), *Contar de subversão* (1990) e *Eis*

uma história (1992). Faleceu em 2014. As personagens evoluem numa sociedade pós 25 de abril e as mulheres que vamos encontrando nas suas páginas, constituem uma verdadeira paleta de contrastes e *nuances*. Em *A Floresta em Bremerhaven*, a mulher de Manuel é ... a mulher de Manuel. A sua ligação ao mundo é a sua casa. Nas antípodas nesta personagem, surge a mulher... de Daniel. No ambiente “tradicional” da emigração, teve a coragem de divorciar e reorientar a sua vida. Guida coloca-se a meio caminho entre uma e outra. Em si, cruzam-se traços da cultura alemã com normas e gostos típicos da sua aldeia algarvia. Em *Mandei-lhe uma boca* e *Sara*, pululam personagens femininas, desde o tradicional “cravo perfeito, quinze filhos e obediência cega [ao marido]” (1986:19), à mãe que tem um relacionamento com o namorado da filha. *Armandina e Luciano – o Traficante de canários* dá destaque ao mundo da prostituição, da violência, das drogas, das doenças, da falta e da procura de afetos, “que rapariga, uma vez tornada corrécia, não volta ao lugar onde esteve ou onde estão agora as outras.” (p33) E depois há Gracinda, em *Ora Esguardae*, que não foi à escola e a quem o marido ensina o que são os partidos, a democracia, a liberdade, e Rosalina que nem uma revolução demove. “Guardo respeito aos meus senhores como dantes se ensinava” (p136), declara.

Amândio Sousa Dantas, oriundo de Ponte de Lima, emigra em 1973 para a Alemanha, cidade de Osnabruck e regressa a Portugal em 1984. Os seus versos impressionam pelo ritmo cadenciado e pela atmosfera por vezes angustiante associada à sensação de perda e profunda solidão que acompanha o sujeito poético longe da sua terra natal. Para além de presente nos seus *Poemas da Emigração*, a figura feminina vai vagueando pelos seus versos e é uma homenagem deliciosa que aí encontramos. “*Só o eco das mulheres se escuta no eterno / [...] / (como uma seta) atravessam a dor de lado a lado*” (“Desce o desejo à sede do amor”, in *Alto amor em Alto Rio*, 2010:14)

Maria da Soledade, Angélica, Ivone, Anita, Madame Santos... são algumas das personagens femininas retratadas nas obras que elegemos para objeto do presente estudo. São as nossas representações do feminino.

2.3.2 A mulher resignada

“Tu é que és o homem e, melhor do que eu, sabes como deves proceder” (p32). São palavras de Eugénia, mulher de Toino, em *A salto*. Saturado da vida de trabalho e miséria

que leva e dá à sua família, Toino deixa-se contagiar pelo exemplo de muitos outros, e decide partir rumo a França. Eugénia não concorda mas a sua oposição dura o que duram as noites – no seu caso, uma –. Esposa respeitadora e fiel, encontra no seu casamento, no seu lar, na sua família o contento bastante para viver. Resigna-se aos projetos do marido “com mais facilidade do que ele pensara” (p35) mas vaticina: “fico com este pressentimento de que fazes asneira” (p34). A visão que dela tem o seu marido é a de companheira a quem, na sua ausência, caberá a responsabilidade de “tratar da casa, ocupar-se dos filhos e cuidar da terra” de acordo com a imagem tradicional e de sobremaneira cultivada pelo regime. “Poderei viver sem a carícia dos beijos da Geninha [...]?”, pergunta (p17). De facto, os abraços de que sente falta ao pensar na separação, são os da filha. Timidamente, o amor pela esposa desponha apenas nas vésperas da partida, mesclado de saudade, num beijo quase de despedida. “Enquanto não voltares, o negro do desespero será a cor que me acompanhará.” (p66). Com o “salto” de Toino, começa a “não-vida” de Eugénia. Veste-se de preto e assim permanece enquanto dura a aventura do seu homem e assim o recebe quando, desiludido, regressa.

Olga Gonçalves apresenta-nos Angélica, a voz da sabedoria simples e natural, garante da sobrevivência de conhecimentos ancestrais, especialista em chás e mezinhas. Esta personagem parece apenas existir enquanto testemunha, prova de um país, de uma época, de uma cultura. “Uma por uma, as tábuas do seu conhecimento: Feita entre as pedras, [andou] no monte, à estorreira do sol. [...] O pior era o pau.” (p28)... e a fome. Várias gerações nestas palavras! O pai trocara a família por uma vida em terras brasileiras. Mas, apesar de não ter ilusões quanto às possibilidades de enriquecimento em Portugal – porque isto tudo para os pobres “é bem pior que um poço de cobras vivas” –, nunca pensou em sair do país. “Homem, deixamo-nos estar, que ele a roda anda e desanda e.” (p32), dizia para o marido que “a estas horas já deu contas a Deus” (p32).

O encontro com Maria das Dores Santos deve-se a um equívoco – 8^{ème} étage, número 23 –. É uma de entre tantas outras mulheres que se tornaram emigrantes por seguirem os maridos na aventura da emigração. “O que há mais aí é Santos” (p95) diz, explicando não ser quem a narradora procura... Ou talvez seja. Em França há dezassete anos, trabalha quinze horas por dia, nas limpezas – de manhã numa farmácia, o resto do dia, numa patroa – e continua com receio de falar de política. “[...] não tenhas medo que não paro a falar por aí” (p100), sossega-a o marido. O hábito entranhado. Maria das Dores pouco difere da outra Madame Santos – 8^{ème} étage, número 27 –. Doze horas de trabalho por dia, “eu faço

ménage, faço costura e olho por duas pessoas *invalides*” (p134). Para não arriscar ser trocada por alguma francesa, “porque aqui as mulheres não olham, é sempre adiante, que tudo lhes serve” (p134), deixou o filho em Tomar, interno num colégio e veio juntar-se ao cônjuge. Para esta portuguesa, a emigração é uma experiência positiva: “Gosto, gosto desta cidade. Muito grande, muito diferente“ (p134). Reconhece ainda que é a esta cidade, a este país que deve as alterações no comportamento do seu marido, no que concerne às tarefas domésticas. “Onde é que lá em baixo se põem à cozinha ou a obrigações de casa?” (p136).

Na biblioteca, “uma mulher que se aproxima, traz um balde, [...]” (p152), é portuguesa e confessa: “assim como tive medo de vir para aqui, agora tenho medo de ir para lá.” (p153). Em França há nove anos, o marido trabalha na construção civil, tem uma filha, casada, em Portugal, e um filho, casado, em França. É a encarnação, no feminino, do corte irremediável que foi, para ela – e que é, para muitos –, a emigração. Na sua investigação sobre opinião dos franceses acerca dos emigrantes, Gastaut declara : “Une autre image, liée aux femmes, était celle des employées de maison ou concierges, fidèles au cliché de la “bonne espagnole” ou la “bonne portugaise”²⁰ (2000 :95). A par de outros estereótipos sobejamente difundidos, tais como o francês usando boina e regressando a casa com a baguete debaixo do braço, a imagem da mulher portuguesa é a da “*femme-de-ménage-épouse-de-maçon*”.

2.3.3 A mulher inconformada

“Maria da Soledade considerara tão insolitamente forçada mais esta das suas demandas de trabalho em pátrias alheias”. (p2) Logo nas primeiras linhas, o leitor trava conhecimento com a personagem de quem vai seguir os passos em terras germânicas e gaulesas. Já o seu nome carrega o peso de uma tradição católica secular. O primeiro elemento é um dos nomes femininos mais comuns desde o século XVI, um símbolo máximo: Maria como a mãe de Jesus – símbolo de todas as mães –; Maria, imaculada, escolhida, santa; Maria como todas as mulheres portuguesas – “Maria qualquer coisa” ou “qualquer coisa Maria” –. O segundo elemento evoca “tristeza”, “solidão”, “melancolia” e “saudade”: Soledade. Maria da Soledade. Um nome que a personagem carrega, como carrega um destino que tenta desesperadamente controlar. Não corresponde à imagem tradicional da mulher portuguesa, submissa, dependente, aniquilada.

²⁰ Tradução livre da autora: Outra imagem ligada às mulheres é a das empregadas domésticas ou porteiras, fiéis ao *cliché* da “criada espanhola” ou “criada portuguesa”.

Na aldeia onde nascera, [...] compreendia a que nível de vida corresponderia o coro das lamentações dos que trabalham a terra, os seus ganhos a não lhe consentirem o luxo da manteiga à sua mesa.” “Ela pretendia fugir àquilo (*Fronteiras*, p180).

Maria da Soledade ronda os cinquenta anos, vive sozinha, já teve vários relacionamentos e tem de si própria uma opinião que não a inferioriza, pelo contrário, “nas suas anteriores ligações, à excepção de duas, se bem as contava, quase sempre se considerara [...] mal empregada” (p20). Mas que remédio teve? Em duas linhas, o narrador traçou a sua sina: ”entregue novamente a si mesma”, “o noivo fugira-lhe” (p2). Esta separação não foi de sua vontade, foi deixada, abandonada. É uma mulher só, que parte em busca de trabalho “em terras alheias” (p2), porque o “curso de hotelaria, que concluía, há poucos anos, com bom aproveitamento” (p31), de nada lhe valera. Os olhares dos outros censuram a sua condição, primeiro, de filha sem pai,

A sua qualidade de filha de pai incógnito merecer-lhe-ia, pela vida fora, o olhar interrogativamente idêntico ao daquele funcionário do liceu a quem tivera de apresentara a sua cédula pessoal (p202), depois, de mulher sem homem (*Fronteiras*, p35).

Essa condição torna-se outro peso, ou o único de que tudo depende. Dizem-lhe quando requiere o passaporte de turista:

[...] a senhora não entenderá que nos cumpre salvaguardar a dignidade das nossas mulheres? Quando sozinhas por esse mundo fora, pode acontecer-lhes tudo (*Fronteiras*, p80).

Acirrada, afirma-se: “Trata-se do meu futuro: de dispor de mim própria nem que seja para passar fome em terra alheia” (p80). E porque a vida mais uma vez lhe prega uma partida – entregaram-lhe um passaporte para Espanha quando tinha pedido para Inglaterra, França ou Alemanha –, a emigração clandestina afigura-se-lhe como a solução. A força que a guia, não é mais do que a resignação disfarçada de coragem. “[...] os seus sacrifícios [...] a escamotearem o que houvera de atribiliário nas alternativas de recusa e de forçadas aceitações de anulação de si mesma.” (p177) e questiona-se, “[...] nunca mais ultrapassaria a barreira da solidão?” (p177). Emigrante pela terceira vez, luta por manter o respeito de si própria, ”Não te deixes vencer pelo teu passado, nem pela vida que te foi possível fazer até ao presente.” (p189). Maria da Soledade é uma das mulheres que em vão lutam para se

afirmar por si só numa sociedade feita por e para os homens. O destino fá-la sair do país, a necessidade mantém-na fora.

Desde o ano em que emigrara pela primeira vez, que aproveitara os dias das suas férias anuais para [...] procurar trabalho valendo-se do ofício que aprendera em Landau, do seu curso de hotelaria e da prenda de falar Francês. (*Fronteiras*, p254)

Ano após ano, ...nada. Assim acaba por coabitar com a prostituição e interroga-se “Em que mãos masculinas acabaria por cair?” (p345). Já Fernando Namora, em *Diálogo em Setembro*, sentencia:

As mulheres, a maioria delas, jogam tudo o que são e o que esperam da vida no cavalo do amor. Se perdem, nada mais lhes resta. O homem joga só uma parte. Nunca fica arruinado. [...] A infidelidade, na mulher, é quase sempre desespero. (1997:410-1).

As fronteiras que a personagem cruza, são mais do que fronteiras geográficas, são todos os obstáculos que teve que ultrapassar, são todos os sonhos sonhados e desfeitos, são todas as esperanças defraudadas. Maria da Soledade representa meio século de História e a história de uma mulher em busca de um lugar na sociedade, no mundo.

Em *Este verão o emigrante là-bas*, a narradora é uma presença feminina diferente. À margem do fenómeno social que pretende retratar, informa: “ [...] não sou uma de entre eles, não estamos juntos nas mesmas obras, eu cresci a estudar solfejo, usei fitas de seda no cabelo, fiz um herbário e escrevi-lhe nomes em latim [...]” (pp124-5). No entanto, também ela é fruto da emigração. Outra, de outros tempos. Nasceu em Angola. O seu “drama” será distinto. É uma mulher que se assume, vive e viaja sozinha, trabalha e sustenta-se, tem empregada! A sua ida a Paris, de avião, é como que uma descida à dura realidade de milhares dos seus patrícios.

2.3.4 A mulher desejada / a mulher-amada

Diz-nos Buescu que “As ficções sobre migração manifestam frequentemente, de modo mais ou menos explícito, figurações em torno do puro e do impuro” (2013:46). Ao longo dos três romances que nos propusemos analisar, a mulher portuguesa é retratada como trabalhadora, fiel, humilde, dedicada, esforçada mas nunca, desejada ou até amada...

Apenas Toino, uma única vez, após meses de ausência, de solidão e sofrimento, vê Eugénia como mulher, amada, carinhosa, sensual... num sonho! Mulheres de perdição são as francesas:

Vocês já ouviram falar das mulheres francesas? Aquilo é que são mulheres! Abonecadas que nem um mimo!” (*A salto*, p14).

“[...] quando têm vontade de um homem, não coram de vergonha e correm a ir dormir com ele. E muitos têm abandonado as mulheres que deixaram em Portugal para correrem atrás das francesas (*A salto*, p84).

Olga Gonçalves também faz referência a esse atrevimento que seduz e que amedronta as esposas que tudo deixam para se juntar aos seus homens, temendo vê-los presos nas garras destas mulheres sem moral: “As francesas não se guardam de nada” (p175), “[...] uma mulher, que remédio, tem que os acompanhar. As francesas, mal uma pessoa se precata já estão alapadas a eles” (p198). Mas logo a autora deixa como que um aviso “[...] ao que oiço, com a democracia, parece que em Portugal a mulher está a tomar liberdade” (p175). Porém, como não reparar que a mudança mencionada se refere apenas às mulheres que se encontram em território nacional, colocando fora da evolução, fora da democracia, a mulher emigrante. Essa parece condenada a comportar-se de acordo com o estereótipo. Se assim não fizer, o olhar dos outros, das outras, condená-la-á e associá-la-á à francesa! “Não são só as francesas, as portuguesas também se não fazem de esquisitas. Tem havido vergonhas” (p199).

A poesia de Amândio Sousa Dantas traz-nos três representações distintas do feminino. Por um lado, surge uma mulher amada, desejada, ausente, geograficamente distante mas cuja recordação acompanha o sujeito poético.

Vai-me cercando o coração
o que vem de ti
os teus cabelos os teus lábios
os teus seios

sinto este desejo
inquieta
à espera de te ver [...] (p17)

Esta mulher ausente está fisicamente presente no poema – “cabelos”, “lábios”, “seios” –, porque a separação é realmente física, e a saudade de tudo o que não tem vai-lhe

“cercando o coração”, transmitindo uma sensação de aperto prolongada pelo uso do gerúndio. Outros versos expressam o mesmo sentimento: “Oh como dói de amor o silêncio da ausência” (p64) diz-nos declarando que “o sol é uma dor / intensa e funda”.

A outra presença feminina é a da personificação da pátria.

Deixo nos teus olhos
a minha ternura
deste dia

deixo no teu corpo
todos os rios do meu país
quando tenho os olhos
soltos
no perfil
(ibérico)
do teu rosto

toda a minha ternura
deste dia
deixo no teu corpo” (p14)

Esta apóstrofe a uma mulher-pátria, portuguesa e amada, encerra como que um compromisso de fidelidade, uma jura de amor por parte de quem na despedida – “*este dia*” –, promete não mais amar – nenhuma outra mulher, nenhum outro país –.

Por fim, a mulher alemã é a imagem do país estrangeiro que o acolheu. Mas enquanto a mulher ibérica surge em toda a sua voluptuosidade, a mulher nórdica prende pelo olhar: “[...] *somente a harmonia / na flor dos olhos / claros e fundos / das inquietas raparigas*” (p21), e ainda, “*Intensamente claros são os teus olhos [...]*” (p22), ou até “*Teu corpo branco / e o azul dos teus olhos*” (p35). As três representações do feminino presente na poesia de Amândio Sousa Dantas estão intrinsecamente associadas à ligação do sujeito poético ao espaço físico que o rodeia, ao sentimento de perda, rutura, saudade em relação às suas raízes e de descoberta, aproximação a um país estrangeiro.

Alargando um pouco o nosso campo de estudo, demos nós também um passo em território transpirenaico e vejamos o que nos traz Brigitte Paulino Neto:

[...] le cuisinier jurait que Dores Pina, *sim Senhor*, elle saurait élever les deux petites, Elisabeth et Faustine, quand bien même elle n’avait jamais eu d’enfant ; elle saurait éduquer ces deux pauvrettes qui lui étaient venues de ce malheur du premier lit, ce malheur qu’il avait eu de sa première femme – quoique portugaise, aussi dépravée qu’une Française. (*Dès que tu meurs, appelle-moi*, p20)²¹

²¹ Tradução livre da autora: “[...] o cozinheiro jurava que Dores Pina, *sim Senhor*, saberia criar as duas pequenas, Elisabeth e Faustine, embora nunca tenha tido filhos; ela saberia educar as pobrezinhas que lhe

Neste trecho, a oposição entre as duas representações do feminino mantém-se e assim o tema atravessa a fronteira linguística para chegar a uma literatura diferente. Duas palavras – “quoique” e “dépravée” – mostram o quanto esta representação corresponde a uma crença, a uma certeza enraizada na opinião coletiva de uma determinada sociedade. A abordagem do tema por Brigitte Paulino Neto permite a partilha desse pensamento com outra cultura: a francófona. Ao longo da sua obra, outras frases terão o mesmo papel: “Des sacs de supermarché à chaque main, le dîner du soir, les produits d’entretien... Il ne vient pas à l’idée de mon père de l’aider à les porter jusqu’à la cuisine » (p148)²². E ainda: “Ça suffit maintenant, je gagne ma vie, je travaille, je paye les factures, tu me parles autrement.” (p149)²³ O destaque é dado ao relacionamento do casal, à mentalidade machista, ao servilismo característico da mulher portuguesa e à sua revolta, fruto dos tempos que vão mudando.

Alice Machado nasceu em Portugal mas, à semelhança de Brigitte Paulino Neto, escreve para um público francófono. A sua obra *Portugal, années '60: à l'ombre des montagnes oubliées* faz o retrato de três gerações de mulheres: a avó, a mãe e a filha – narradora.

Ses yeux avaient la couleur de l’espérance et sur son visage en porcelaine usée, il y avait quelque chose de divin. [...] Malgré sa fatigue et sa pauvreté, ma grand-mère gardait toujours sur ses lèvres un sourire plein d’amour, un sourire qui vivifiait, qui apaisait le cœur, qui faisait renaître en nous le courage de continuer. (*Portugal, années 60’ : à l’ombre des montagnes oubliées*, p45)²⁴

Ma mère aussi plaçait sa confiance en Dieu, et tant qu’il y avait du seigle, elle pétrissait avec amour la farine qui dans ses mains magiques se transformait en pain. (*Portugal, années 60’ : à l’ombre des montagnes oubliées*, p78)²⁵

tinham ficado da infelicidade do seu primeiro casamento, a infelicidade que lhe veio da sua primeira mulher - apesar de portuguesa tão depravada quanto uma Francesa.”

²² Tradução livre da autora: « Sacos de supermercado em cada mão, o jantar, produtos de limpeza... Não passa pela cabeça do meu pai ajudá-la a levá-los até à cozinha.”

²³ Tradução livre da autora: “Já chega, ganho para meu sustento, trabalho, pago as minhas despesas, falas comigo de outra maneira.”

²⁴ Tradução livre da autora: “Os seus olhos tinham a cor da esperança e o seu rosto de porcelana usada tinha algo de divino. [...] Apesar do cansaço e da pobreza, os lábios da minha avó tinham sempre um sorriso desenhado, um sorriso cheio de amor e de vida, que serenava o coração e nos devolvia a coragem para continuar.”

²⁵ Tradução livre da autora: “A minha mãe depositava em Deus toda a sua confiança, e enquanto havia centeio, ela amassava com amor a farinha que nas suas mãos mágicas se transformava em pão.”

São duas gerações de mulheres pobres, humildes, resignadas, dedicadas à família e tementes a Deus. Duas mulheres marcadas pelo destino – ser mulher e pobre – e que aceitam a sua condição com a naturalidade de quem sabe que nada poderá fazer para alterar algo. É esta representação do feminino que reencontramos no estereótipo da “bonne portugaise”.

2.4 O Estrangeiro

“[...] esse homem que, sustendo as lágrimas, atravessa as fronteiras, afronta a dificuldade de uma língua que não entende, luta de sol a sol, trabalha de noite, dorme no chão pestilento, vê a morte no fundo das minas, no alto dos andaimes, nos dentes das máquinas impassíveis, com o único intuito de se defender da miséria”.
(Rocha, 1965:29)

“Era uma vez um homem que para a condição de justo caminhava.”
(Gonçalves, *Este verão o emigrante là-bas*, p216)

2.4.1 Imagologia e imagem do estrangeiro

Perante o desconhecido, o ser humano retrai-se ou escruta, admira ou menospreza, assimila ou rejeita. A este respeito, vejamos o que nos diz Ana Paula Mendes:

O imaginário em torno do estrangeiro apresenta uma lógica de investimento simbólico (Pageaux): a mania (estrangeiro – superior); a fobia (estrangeiro – inferior); a filia (cultura receptora e realidade estrangeira – complementares); o cosmopolitismo (ou internacionalismo) – (movimento de unificação)” (p 98)²⁶.

No entanto, qualquer que seja o posicionamento, a comparação é sempre – logicamente – feita em relação a si-próprio. Será desta forma possível afirmar que conhecer o Outro subentende ou conduz ao autoconhecimento. “L’image de l’étranger est un puissant révélateur des options et des opinions de la culture ‘regardante’ . »²⁷ (Pageaux, 1995 : 136). E ainda :

²⁶ MENDES, Ana Paula (2001). *Imagologia Literária: contornos históricos e princípios metodológicos*. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23368> [1 de fevereiro de 2015].

²⁷ Tradução livre da autora: “A imagem do estrangeiro é um forte revelador das opções e opiniões da cultura ‘observadora’.”

L'image de l'étranger peut dire aussi sur la culture d'origine (...) ce qui parfois est difficile de concevoir, d'exprimer, d'articuler, d'avouer. L'image de l'étranger peut donc transposer sur un plan métaphorique des réalités 'nationales' qui ne sont pas explicitement définies et qui pour cela relèvent de ce qu'on peut nommer 'idéologie'. » (*idem*: p140)²⁸.

Assim, a imagem de uma determinada cultura carrega em si avaliações, apreciações ou depreciações relativas à cultura-alvo. Por um lado, a construção da representação do “outro” baseia-se na simbologia e cria estereótipos que o situam num tempo fora do tempo, por outro, permite uma revelação da cultura responsável pela imagem criada, tratando-se pois, de uma definição do “ser” pelo “não-ser... igual ao Outro”. Citando mais uma vez Pageaux, Je ‘regarde’ l’Autre, mais l’image de l’Autre véhicule aussi une image de moi-même. L’image est un fait de culture. [...] » (*idem*: p141).²⁹

É a partir das diferenças estabelecidas pela observação e constatação, que a alteridade ganha forma. Inserido noutra cultura, o Outro, motivará uma imagem diferente. Por razões que facilmente se poderão depreender, as literaturas de viagem e de exílio são férteis em representações do estrangeiro e por essa razão constituíram desde sempre o *corpus* privilegiado para os estudos comparatistas. Diz-nos Ana Paula Mendes que, a “identidade literária”, ao permitir um cruzamento de “questões de identidade pessoal e social” encerra algo de revelador de uma “dimensão estrangeira” que não é mais do que uma “manifestação do Outro” (2000:93).

Abordando comparativamente a temática do Outro nas obras destacadas, verificámos a diversidade de representações dessa alteridade. Ser emigrante é quase como adotar uma nova nacionalidade porque é mais do que ser Outro em terras estranhas, é tornar-se Outro na própria terra.

2.4.2 Emigrante – uma “nacionalidade”

Os movimentos migratórios portugueses rumo a França iniciaram em meados da primeira Guerra Mundial. A destruição do país levou ao apelo de mão-de-obra estrangeira oriunda dos países do sul, e a emigração portuguesa foi rapidamente aumentando. Se no

²⁸ Tradução livre da autora: “A imagem do estrangeiro pode também revelar sobre a cultura de origem o que por vezes é difícil de conceber, de expressar, de articular, de confessar. A imagem do estrangeiro pode então transpor para um plano metafórico realidades ‘nacionais’ que não estão explicitamente definidas e que por essa razão se prendem com o que poderemos chamar de ‘ideologia’.”

²⁹ Tradução livre da autora: “Eu ‘olho’ para o Outro, mas a imagem do Outro carrega também uma imagem de mim próprio. A imagem é um facto cultural. [...]”.

período de 1926-1928, a população que cruza a fronteira é principalmente constituída por refugiados políticos, na sequência do golpe de estado militar (1926-1927), o final da década de 50 assiste a um verdadeiro êxodo rural. “Dans certaines régions [...] c’est 70% à 80% des actifs qui vont quitter leurs villages, condamnés à s’expatrier clandestinement pour fuir la Dictature, les guerres coloniales et les salaires de misère.[...] De 1969 à 1972, arrivaient en France, chaque jour, 350 portugais » (Vaz, 2014 :8-9)³⁰. A sua chegada é o advento de uma nova realidade com que a sociedade francesa tem que conviver diariamente. O contacto com o Outro torna-se inevitável. Se algumas fontes registam que nos inícios dos anos 60, Espanhóis e Portugueses, são considerados “bons emigrantes” apesar da sua entrada clandestina no território francês e de uma presença marcada pela passividade (Gastaut, 2000 :94), outras apresentam dados bem diferentes :

Du temps des fortes arrivées annuelles d’immigrés, des attitudes hostiles envers les Portugais n’étaient pas absentes. [...] Face à ces attitudes, les immigrés vont chercher, par différents moyens, à se rendre ‘invisibles’, à passer ‘inaperçus’, à forger d’eux-mêmes une image qui ne puisse offrir de prise à l’hostilité de la population du pays d’installation. » (Vaz, 2014 :70)³¹

E ainda, segundo estatísticas oficiais, em 1966, e no que se refere ao grau de apreciação dos Franceses, os Portugueses apenas chegavam em sexto lugar (Gastaut, 2000 :78).

Constrói-se então o estereótipo :

L’image commune des Portugais et des Espagnols était celle de rudes travailleurs et surtout de solides bâtisseurs. Bons pour les travaux physiquement difficiles, le travail à la chaîne ou les chantiers, peu qualifiés et très mobiles, vivant pour leur salaire, ils sont très honnêtes et polis [...] » (Gastaut, 2000 :95)³².

E ainda, “La famille portugaise semblait soudée, très solide avec un attachement particulier à son pays [...] les déplacements entre le Portugal et la France étaient vus

³⁰ Tradução livre da autora: “Em algumas regiões [...] são 70% a 80% da população ativa que deixam as suas aldeias, condenados a expatriarem-se clandestinamente a fim de fugir à Ditadura, às guerras coloniais e a salários miseráveis. [...] De 1969 a 1972, chegavam a França, diariamente, 350 portuguesas”.

³¹ Tradução livre da autora: “No tempo das importantes chegadas anuais de emigrantes, as atitudes hostis para com os Portugueses não eram inexistentes. [...] Perante essas atitudes, os imigrantes vão procurar, por todos os meios, tornar-se invisíveis, passar despercebidos, forjar de si-próprios uma imagem à qual a hostilidade da população do país de instalação não se pudesse agarrar.”

³² Tradução livre da autora: “A imagem comum dos Portugueses e dos Espanhóis é a de rudes trabalhadores e sobretudo de sólidos construtores. Bons para os trabalhos fisicamente difíceis, nas linhas de montagem ou nas obras, pouco qualificados e móveis, vivendo apenas para o ordenado, muito honestos e educados [...]”

comme le moteur de la vie des migrants” (Gastaut, 2000 :96)³³. No entanto, esta imagem do estrangeiro humilde e trabalhador, pacífico e prestável, desvanece um pouco com a crise originada pelo choque petrolífero de 1973. Rápida e facilmente se estabelecem ligações entre o aumento do desemprego e o número elevado de estrangeiros em território nacional. A humildade passa a ser considerada servilismo e incomoda as classes trabalhadoras em luta para uma melhoria das condições de trabalho.

[...] os franceses queriam trabalhar só oito horas, enquanto nós os portugueses, se o chefe nos dizia para ficar a trabalhar mais uma hora ou duas, nós ficávamos. É por isso que os franceses não gostam lá dos portugueses (Navarro, 1976:49).

Em contrapartida, “o patrão francês rejubilava com este homem do sul da Europa, este homem bom e robusto, insensível à fadiga, cego pelo dinheiro, capaz de dormir no chão, este homem sem exigências, que trabalhava das 7h da manhã às 11h da noite.” (Rocha, 1965:48). Não nos esqueçamos de que o seu principal – único – objetivo era o de ganhar o suficiente para regressar de cabeça erguida. Por isso, “O emigrante juntava dinheiro, e encontrava no salário pago rigorosamente ao fim da semana a compensação para aqueles sacrifícios, pagavam-lhe a sua tragédia.” (Rocha, 1965:25) É só a partir de 1981 que a imagem mediática do emigrante responsável pelo desemprego, e que “rouba o pão dos franceses”, se propaga (Gastaut, 2000 :301).

Em Portugal, onde o fenómeno da emigração tem já uma história longa, quem fica vai construindo uma imagem de quem partiu. Na sua obra *La Communauté silencieuse*, Vaz assevera o seguinte:

Au Portugal, l’opinion publique sur les migrations et sur les migrants a beaucoup changé au cours des 50 dernières années. [...] Le décalage économique entre ceux qui sont restés et ceux qui ont réussi à l’étranger au prix de grands sacrifices a provoqué des critiques injustes, motivées par des frustrations mal contenues. [...] (Vaz, 2014 :59-60)³⁴

Estas declarações incidem sobre aspetos importantes quanto aos fundamentos da imagem do emigrante criada em Portugal. “Desnível económico”, “sacrifícios”,

³³ Tradução livre da autora: “A família portuguesa mostrava-se unida, sólida e com uma ligação particular ao país [...] as viagens entre Portugal e França eram vistas como o motor da vida dos migrantes.”

³⁴ Tradução livre da autora: “Em Portugal a opinião pública acerca das migrações e dos migrantes, mudou muito ao longo dos últimos 50 anos. [...] O desnível económico entre os que ficaram e os que tiveram êxito no estrangeiro à custa de grandes sacrifícios provocou críticas injustas, motivadas por frustrações mal contidas.”

“críticas”...porém tudo resumido numa única palavra: “êxito”. O êxito almejado e alcançado tornou-se “êxito invejado”. A par das frustrações mal contidas, surgem algumas preocupações por parte de outros que só a custo aceitam as mudanças. A este respeito, Navarro testemunha:

[...] nas relações, apenas se tomava nota da diferença crescente no comportamento dos emigrantes que vinham, mais afoitos; aquela cabeça baixa e o bom-dia a V. Ex^a, terminara; bem o sentiam os senhores, preocupados, siderados com a paragem ruidosa do carro de algum emigrante ao lado do seu, à entrada do café, na praça, na avenida, à porta de casa [...]. (Navarro, 1976:21-22)

Desta vez é a possível redução do fosso económico entre classes sociais que põe termo à deferência e origina o desconforto. A experiência da emigração altera as referências transformando comportamentos e mentalidades. O ruído do carro marca de forma simbólica, o fim dos anos de silêncio.

Importante será também determo-nos na imagem que o emigrante tem de si próprio, consequência de uma experiência vivida na primeira pessoa e da consciência da imagem que os outros têm de si. Recorramos neste ponto a mais um testemunho:

C'est malheureux à dire, mais vous savez, ici, on est des Portugais, des étrangers, et quand on arrive là-bas, on est des Français.... Les gens nous appellent “les Français”, nous sommes les maçons et les femmes de ménage, qui sont allés en France nettoyer ce que les Français ne veulent pas nettoyer...Mais ce n'est pas la réalité. C'est la vie qui veut ça. (Vaz, 2014 : 183)³⁵

Esta imagem que surge de uma constatação transforma-se num sentimento de desterro perpétuo e profundo desamparo. “C'est malheureux à dire”.

Realizemos neste ponto, uma viagem pelas obras dos autores que elegemos para centro do nosso estudo em busca dessa imagem do Outro – podendo o Outro referir-se à sociedade francesa, à sociedade portuguesa ou ao próprio emigrante.

Em *Fronteiras*, o contributo para a construção da imagem do emigrante português na literatura, pode ser retirado de considerações tecidas por personagens anódinas numa carruagem ou que em algum momento desempenharam um determinado papel na vida da

³⁵ Tradução livre da autora: “É triste dizer isto, mas sabe, aqui, somos Portugueses, estrangeiros, e quando chegamos lá somos Franceses... As pessoas chamam-nos “os Franceses”, somos pedreiros e mulheres de limpeza, que foram para França para limpar o que os Franceses não querem limpar... Mas a realidade não é essa. É a vida assim o define.”

personagem principal, Maria da Soledade. Atentemos neste excerto de diálogo entre a protagonista e um amigo aquando da sua emigração para a Alemanha:

Não esperava pelo assentimento dela e durante o trajecto, pô-la de sobreaviso sobre o que poderia acontecer: “ – A dona da casa deve receber-nos bem, mas desde já a previno de que são poucos os alemães que simpatizam, à primeira vista, com os estrangeiros.”
“- Não eram essas as informações que me deu para Lisboa.”
“- Falta de contactos. [...]” (*Fronteiras*, p40)

O mote está dado e não foi estabelecida nenhuma diferença quanto às origens de quem vem de fora. Para o povo alemão, a nacionalidade do emigrante pouco importa, basta a sua condição de estrangeiro. O que mais se depreende destas palavras é a denúncia do engodo de que foi vítima quem partiu, “Não eram essas as informações”.

Da sua experiência em terras francesas, ficou o olhar dos nativos, mais uma vez pela boca de outros:

[...] Talvez a senhora saiba o que dizem essas donas de casa a respeito do pessoal estrangeiro: Que é uma trabalhadeira ensinarem o francês a uma espanhola e, a uma portuguesa, o simples manejo de uma máquina de lavar roupa. [...]
- Isso já é, há muito, voz corrente. [...] (*Fronteiras*, p16)

Mais uma vez, o uso da expressão “pessoal estrangeiro” não estabelece distinções de origens e quando alguma pormenorização existe, serve para associar duas nacionalidades. Relembremos neste ponto, os resultados do trabalho de investigação levado a cabo por Gastaut e anteriormente apresentados, referindo que para a população francesa, a imagem da mulher portuguesa corresponde ao *cliché* da “bonne espagnole” e da “bonne portugaise”. No entanto, mais do que a falta de conhecimentos ou de capacidade de entendimento de determinados indivíduos, é o atraso tecnológico de um país que está na mira. A emigrante portuguesa não percebe nada do “manejo de uma máquina de lavar roupa” porque continua apegada a práticas ancestrais paradas no tempo.

Outra imagem do “temperamento ‘bom-serás’” (p159) do emigrante português é a do trabalhador submisso, pacífico e passivo mas que, precisamente por essa razão, nem sempre é apreciado.

Gritara-lhes: - Não gosto dos portugueses porque nunca puxam pelos seus direitos, nem se associam às nossas reclamações. Esforçam-se mais do que o necessário fazendo-nos sombra. [...] No hospital descansa e alimenta-se melhor. É um dos muitos que comem carne de segunda categoria, e nós já chegámos ao rosebife, o que nos custou muito a alcançar. Não voltaremos atrás”. (*Fronteiras*, p160)

Como se pode verificar, a caracterização do Outro é feita por comparação com o que define o locutor: “o português não reclama quando nós reclamamos, faz mais quando nós fazemos o necessário, come carne de segunda e nós, rosebife”. Para além da fácil anuência que é criticada pelo colega de trabalho, deveremos verificar outra crítica, precisamente pelo louvor que é feito aos operários franceses. Existe uma determinação nestas palavras, uma determinação vinda de lutas travadas, de vitórias alcançadas que “muito custaram” e o firme desejo de não voltar atrás, ao tempo remoto da subserviência, o tempo em que se situa o trabalhador português. A sombra virá do anacronismo.

Por colocar o problema da emigração sob uma luz diferente, merece a nossa a atenção a seguinte passagem da obra:

Conversam, os dois, no corredor da carruagem, Maria da Soledade a ouvi-los. – A mim, o que mais engulhos me mete são os comentários dos meus amigos franceses sobre a baixa condição da esmagadora maioria dos nossos emigrantes. Já o tenho dito aos funcionários do consulado de Portugal em Paris: Mais que convénios, decretos e portarias, o remédio seria o de não concederem quaisquer facilidades ou vistos a quem não se mostre digno deles pelo nível das suas aptidões e cultura. (*Fronteiras*, p24)

As palavras são ditas por quem comenta um fenómeno do qual não faz parte. A esses emigrantes liga-o apenas a nacionalidade. As referências a amizades em Paris, no Consulado, e à “baixa condição” daqueles indivíduos, colocam-no de antemão numa posição de superioridade. Se assim o admitirmos, então o uso do possessivo “nossos” não terá apenas uma carga de pertença mas também – ou principalmente – um significado de propriedade. Os emigrantes são os joguetes nas mãos de quem manda e comanda e que tem sobre eles, um olhar desdenhoso e aniquilador. As últimas apreciações feitas pela personagem denunciam e até censuram a sua falta de qualificação e de cultura. Assis Esperança dá desta forma destaque ao fosso que separa as diferentes classes que compõem a sociedade portuguesa. As baixas condições que motivaram a partida de uns são apontadas por outros como justificação para a sua permanência. O significado contido na expressão “nossos emigrantes” difere em tudo desta outra que não podemos deixar de referir por ser ilustrativa das várias perceções de uma mesma realidade, por ser da autoria de quem não se afirmou mais cedo porque “com outros ventos [...] havia um inferno chamado Caxias” (Neto, 1975:10).

[...] os nossos pobres emigrantes, [...] filhos bastardos duma terra pertença de meia dúzia de algozes, que os não queriam deixar sair para melhor os explorarem [...] entregues a espoliadores estrangeiros, que os apelidaram de carneiros [...]. Pobres emigrantes portugueses, lutadores heróicos na busca de mais pão e justiça [...]. (*idem*:11)

Quanto sentimento contido no possessivo! Quanta diferença na apreciação dos mesmos indivíduos!

E no que se refere à imagem que o próprio emigrante tem de si, relembremos as palavras de um pretendente para Maria da Soledade e verifiquemos que tudo depende da ideia que de si têm os outros. “[...] ainda não saiu de Portugal, mas se conhecesse a França ou a Suíça, convencer-se-ia da estreiteza da nossa mentalidade” (p218). Esta frase é uma ilustração perfeita da definição do ser pela “ausência de”. É a afirmação de que o reconhecimento apenas acontece comparando, que a tomada de consciência da individualidade ocorre no confronto com a alteridade. Concretamente, aponta para a mesquinhez da mentalidade portuguesa.

Na obra de Nita Clímaco o destaque é dado às condições de vida dos emigrantes – condições que serão abordadas no próximo capítulo deste trabalho – e a imagem transmitida está essencialmente ligada à precariedade na qual viviam.

[Os funcionários da municipalidade] Disseram-me coisas que custam ouvir: que não compreendem como é que teimamos em viver como bichos, sem qualquer espécie de comodidade e de higiene, preferindo este chiqueiro a condições razoáveis de habitação. Estavam convencidos de que era por necessidade que tinha aparecido *o bidonville* [...] mas compreenderam agora que os portugueses vivem em França de maneira tão miserável por gosto e ganância.

- Às vezes, sr. Mendonça –disse Toino – chego a pensar que os franceses têm razão [...]. (*A salto*, p165)

Como se pode depreender pelo diálogo entre as personagens, os funcionários da municipalidade tinham uma determinada imagem que foi substituída por outra. O vocabulário usado é bastante depreciativo. Os homens são comparados com animais e as suas habitações são “chiqueiros”. O retrato está feito: rudes, imundos, miseráveis e gananciosos. E Toino afirma que por vezes, concorda. Ele, o emigrante, confirma a justeza da opinião dos franceses. Neste caso a imagem que tem de si acaba por coincidir com a que os outros formaram. No entanto, como que por receio de ver esta imagem estender-se aos portugueses residentes em Portugal, o diálogo continua:

- Ao chegarem a França, os portugueses parecem ter alma de mendigos: outra coisa não sabem pedir, queixar-se e humilhar-se [...] É por causa de tanta miséria que nunca corresponde à realidade que muitos franceses têm uma ideia errada do nosso país. (*A salto*, p165).

A mensagem transmitida é a de que a emigração é a grande responsável pela transformação dos homens. A descrição é explícita, a metamorfose acontece em solo francês e é aparente: “parecem ter alma de mendigos”. Sendo que a miséria existe e foi anteriormente descrita, o facto de a personagem declarar que “nunca corresponde à realidade” poderá apenas significar que a realidade a que se refere é Portugal. Assim se entende “a ideia errada do país”. Pois a miséria vivida, o chiqueiro, as queixas e as humilhações não são realidade são apenas um sonho que virou pesadelo. No entanto, foi esse pesadelo que proporcionou o contacto com o outro e deu origem à representação.

Toino traz-nos também a sua imagem dos franceses: “[...] ainda por cima olham para nós com umas trombas, como se viéssemos comer o seu pão. Quando os oiço na sua língua de trapos, até me sinto como se estivesse a ser insultado” (p143). A separação dos dois mundos é total. Uns consideram que estão a ser espoliados, outros que estão a ser injustiçados. O diálogo não pode ser estabelecido, tanto mais que a língua – a palavra – longe de permitir uma aproximação, afasta.

Quanto à visão que tem de si próprio, Toino desabafa: “Não se pode dar um passo aqui que não se seja obrigado a pôr no papel! Dá-me a impressão de que sou um cadastrado”(p143). Sobressai desta declaração a ideia de ausência de liberdade. Ironia? Aviso? Ele que saiu de um país governado por um ditador vê-se na condição de recluso além-fronteiras.

A representação do emigrante do ponto de vista de quem não emigrou resume-se ao ponto de vista de Toino antes de emigrar. “Os *outros* vão lá para a *estranja* e chegam aqui com os bolsos cheios de dinheiro! Por que me fatigar?” (p11). As ideias de facilidade e rapidez em enriquecer estão bem firmadas nestas duas frases. Rapidez na primeira que apresenta duas ações consecutivas simples: Vão e voltam; entretanto trazem dinheiro. O único adjetivo utilizado qualifica os bolsos: cheios. Tão simples...e tão fácil que pergunta por que razão continuar com aquela vida de labuta e cansaço.

Perante as dificuldades encontradas no dia a dia, a imagem dos outros torna-se recorrente nos seus pensamentos:

[...] começara a invejar os *outros* e a desejar imitá-los. Os *outros* eram aqueles que, manhã cedo, levavam como bagagem uma muda de roupa e o farnel para o caminho, partiam para as terras longínquas de França, procurando ali ganhar o que na terra que os vira nascer não conseguiam! Eram aqueles que mandavam todos os meses contos de réis para a família e que, no Verão, voltavam à aldeia bem vestidos, alguns trazendo automóvel, tendo no bolso dinheiro para pagarem copos na venda a todos os que apareciam. Eram aqueles que vinham da *estranja* empregando estranhas palavras como *assurances* sociais, *vacanças* e *chomagem*, na taberna do Ti Luís, com foros de cultura e de autoridade”. (*A salto*, p13)

Este excerto resume de uma só vez todas as imagens associadas à figura do emigrante e que seguem as diversas etapas do seu périplo, da sua ascensão, da concretização do seu sonho. A oposição entre o antes e o depois é óbvia: levam uma muda de roupa e o farnel, voltam bem vestidos, com carro e dinheiro no bolso. Gente que partia rumo a um destino desconhecido porque longínquo, regressa de cabeça erguida, orgulhosa e segura de si. A terra ingrata, sinónimo de trabalho esforçado mas nunca compensado, a terra que obrigou ao exílio foi trocada por um trabalho reconhecido e enquadrado por leis laborais que estabelecem os direitos dos trabalhadores. É a oposição entre o antes e o depois, o cá e lá, uns e outros. O desejo de Toino é imitá-los, emigrar porque outra certeza acompanha todos estes clichés: “Trabalha-se pouco e ganha-se muito” (p39), no entanto, alerta: “o difícil é conseguir lá chegar” (p39).

Olga Gonçalves apresenta-nos uma verdadeira paleta dos vários tipos de emigrantes. Um deles, de férias em Portugal, estabelece as primeiras distinções:

[...] há-os de vária maneira: os que gramam este governo e os que nunca o levarão no carro deles à missa. Há-os que hão-de mandar para cá dinheiro, e os que não se esquecem que foram para aquela terra com uma mão atrás e outra à frente. Descanse que desses não vem para cá um tostão. Há-os de muita cor, quero eu dizer de uns e de outros partidos. [...] Voltarem? Bom. Alguns voltarão, mas olhe que outros, ninguém lhes põe a vista em cima, nunca mais voltam a pôr cá os pés. Qual! Nem para férias! (*Este verão o emigrante là-bas*, pp43-44)

Dadas as características desta obra cuja narradora explicou de início a sua intenção de escrever sobre a emigração, as informações referentes a este grupo de trabalhadores pululam em cada página. Procedendo a uma investigação, realizando entrevistas, recolhendo relatos na primeira pessoa, as imagens do outro – mesmo que seja o próprio – são frequentemente delineadas a partir do olhar do emigrante entrevistado e da narradora que observa e regista. No excerto proposto, definem-se dois grupos distintos: os que pela vida fora – pelo menos enquanto durar o desterro – nunca cortarão o cordão que os liga à sua terra, vivendo o sonho que os levou a partir. Esses são os que correspondem ao

estereótipo, os que Toino de *A salto* inveja. Os outros livram-se do olhar “dos da terra”. “Nunca mais cá põem os pés”, diz a personagem, porque não esquecem as razões que os empurraram para fora do país.

Continuando com o álbum de retratos, alguma diferença ou evolução encontramos nas palavras de Angélica, residente em Moledo, acerca dos seus compatriotas que resolveram tentar a sorte “lá fora”. Diz-nos: “[...] a suar nas obras. Ganham bom dinheiro mas ficam sem pele” (p33). Estamos a léguas da ideia de riqueza facilmente alcançada. E acrescenta: “Que a esse meu primo não lhe serviu de nada o que juntou no bolso. Ficou tuberculoso, veio morrer a casa “ (p33). O discurso aponta de forma certa para uma existência de sofrimento vão. O dinheiro ganho a todo o custo, em situações difíceis, de nada lhe valeu. Regressou à terra ... porque à terra pertence.

Imagens menos positivas também vão surgindo, associadas a comportamentos tidos como marcas de snobismos:

[...] nem te conhecia, homem, de farpela nova!, que asseio!, está visto que chegaram da França, não compres. Estes chapéus de palha são mais baratos em Sesimbra. Ó Picolino, fala à gente e guarda o teu dinheiro! Já se esqueceu de quando andava aí todo ranhoso a pedir um tostão pelas almas, aquele fuinha e a madama a falarem francês, estapores, são franceses de cá” (*Este verão o emigrante là-bas*, p72).

Enquanto revelador de comportamentos censuráveis, este episódio terá, quanto a nós, dois alvos. O emigrante, presunçoso, considera que a sua estadia em terras distantes o colocou num patamar acima do dos seus conterrâneos e por essa razão exhibe-se e ignora-os. Os “não-emigrantes”, inconvenientes num primeiro momento, tornam-se insultuosos. O vocabulário usado é deveras depreciativo: “farpela”, “ranhoso”, “fuinha”, “madama”, “estapores”. O desejo de amesquinhar, de diminuir aquele que se atreveu a tentar a sorte para melhorar a vida, está latente nas primeiras palavras: “não te conhecia”. Esta interpelação que aponta para uma mudança quanto à roupa – nova e lavada – tem apenas o propósito de relembrar os tempos em que a roupa era sempre a mesma. A ideia inicialmente velada é de seguida exposta detalhadamente, e ao “dinheiro” que é acusado de esbanjar, opõem-se “os tostões” que em tempos mendigou. A expressão “franceses de cá” é também digna de reparo por apontar para outra realidade. A ida para o estrangeiro exila em todos os sentidos. É-lhe retirado o direito à nacionalidade portuguesa e gorada a perspectiva de pertença à francesa.

Ao nível linguístico, as interferências do francês – que abordaremos de forma mais detalhada no próximo capítulo – são igualmente alvo de chacota e constituem um aspeto relevante na construção da imagem do emigrante. Vejamos: “Ena, pá! Isto está cheio de ‘barcanças’! Volto cá logo à tarde!” (p83), ou ainda: “Parece que ao perro aqui é hábito darem-lhe o nome de ‘cõ’, e que na França isto se diz ‘abec’. Ou isso: ‘avec’ ou ‘abec’, tanto dá! É daí que ao emigrante deram em chamar-lhe o ‘abec’!” (p59).

Neste ponto, detenhamos a nossa atenção no seguinte excerto:

Vou já sentada no avião [...] ao meu lado alguém solta palavras. Horror!, os emigrantes!, uns ambiciosos, querem é ser ricos. [...] na Beira estragaram a paisagem! Medonho!, medonha a construção das vivendas! [...] Que mau gosto!, deviam proibi-los, de que lhes serve a fortuna?, há mãos a que não devia chegar o dinheiro. [...] Olha em frente, olha atrás. Muitos já nem viajam de comboio, veja, veja como isto vai cheio. [...] ouvi-los falar é um pratinho, que prato!, sabem lá francês se nem aprenderam o português!” (*Este verão o emigrante là-bas*, pp85-86).

Este excerto é por um lado, ilustrativo da alteração verificada nos comportamentos dos emigrantes que trocaram o comboio pelo avião – não olhando a despesas... – e por outro, da forma como essa mudança é encarada por quem deita um olhar de escárnio sobre evidências de sucesso. Considerados “ambiciosos” e acusados de falta de gosto, é-lhes negado o legítimo direito à fortuna. O dinheiro, o avião, as vivendas – o luxo – são privilégios de uma minoria que não os aceita como seus iguais. Na sua qualidade de “comentador fora do jogo”, este homem constata, desgostoso, que são “muitos” e a última observação, para além de se referir às interferências linguísticas, serve sobretudo para insistir na origem modesta daqueles “a-pátrios” e assim justificar a ideia de que as suas pretensões são desapropriadas.

Em *Este verão o emigrante là-bas*, por razões anteriormente expostas, é dada a palavra aos emigrantes e estes denunciam o trato pouco amistoso que lhes é reservado por uns e por outros. Comentam: “Eles aqui são iguazinhos, são tal qual como là-bas. Como em Portugal, pois. E racistas? Ui! Nem é bom pensar!” (p128), “E o que a gente lhes lê no pensamento! Estás aí graças à França! Vai prò teu país, andas cá a tirar-nos o pão! (p162), “Os franceses odeiam os emigrantes. [...] Quanto a esta falta de trabalho, leva ao racismo, quero eu dizer, aumenta o racismo” (p173). “Ah! *Tu es portugais, toi?*, um desprezo na frase, um desdenho na forma de dizer!” (p188). Apesar da melhoria significativa em termos financeiros, a consciência de ser explorado também vai despontando: “Tem-se a condição de *manoeuvres* que são os mais mal pagos” (p163), “Ele ao emigrante sempre foi

dado a fazer aquilo em que os franceses não punham as mãos. Quer maior desprezo?” (p173). A sua visão do que representam para o seu país é bastante clara: “O emigrante é negócio em Portugal e em França” (p146), “[...] só tem préstimo na medida em que manda dinheiro” (p159). E recordando tempos antigos, tempos de outras emigrações, sentencia: “Olha, là-bas em Portugal, o emigrante é a vaca a dar leite para eles mugirem, já o Salazar tinha descoberto isso [...] O Botas não deixava a gente ir para Angola, obrigava-nos a dar o salto” (p165). Fazem um balanço e defendem-se da crítica: “É-se explorado em França. Mas foi-se explorado em Portugal. Aqui é-se estrangeiro, mas o que é que se sentia na terra diante dos ricos?” (p177). Estas palavras encerram como que uma mensagem de denúncia: é possível ser-se estrangeiro no próprio país.

A narradora, quanto a si, coloca-se na posição de observador empenhado em estudar, retratar, descobrir: “Há muita coisa de que não sei, mas quero certa encontrar o que mexe no mundo cerrado dos que resistem. Dos que labutam. Que se defendem. E a quem chamam reles” (p123). Reconhecendo a sua falta de informação, esboça no entanto o perfil daqueles que de antemão sabe que uns consideram “reles” mas a quem ela restitui o valor e a nobreza. De facto, depreende-se admiração e respeito no uso das palavras “resistem”, “labutam” e “defendem-se”, como que para justificar qualquer comportamento censurável. Outra declaração da narradora corrobora esta nossa leitura:

Entretanto considero a arquitectura da coragem. A coragem deles, no êxodo, colectiva desgraça, famílias inteiras porfiantes no risco. [...] Viriam buscar o direito à dignidade humana, ao odor cru de um dialecto, outro, e a exigência da civilização. Vêm-me à ideia inesperadas trajectórias, os movimentos húmidos dos vermes. [...] Mas nos meus romances só haverá gente de membros desatados e de cabeça ao sol, gente à procura da sua exactidão e robustez, a única profissão da carne viva ” (*Este verão o emigrante là-bas*, pp112-113).

Passeando por Paris, a narradora faz uma pausa no Jardim de La Muette e, sentidos em alerta, escuta e observa o que a rodeia: o céu, as árvores, os edifícios... e surge a expressão “arquitECTURA da coragem” como que numa alusão ao estereótipo do emigrante-português-pedreiro, identificando primeiramente o fruto do trabalho realizado e seguidamente a força de carácter necessária para que acontecesse o “êxodo”, a “colectiva desgraça” que toca “família inteiras”. A prosa segue o fio aparentemente desconexo dos pensamentos, numa interferência de sensações e aparece o “odor cru de um dialecto” que nos traz a ideia de que uma língua tem sabor, tem cheiro e precisa de ser apropriada, “cozinha da” para se tornar uma porta para qualquer mundo ou para todos os mundos. A imagem pouco

lisonjeira da trajetória dos vermes evocadora dos movimentos migratórios – “húmidos” de suor? de lágrimas? – é rapidamente substituída por outra: “gente de membros desatados e cabeça ao sol”. Põe-se desta forma termo às comparações com animais e restitui-se ao emigrante, o seu estatuto de homem livre – de membros desatados – sem medo, finalmente saído da sombra, um homem que, como qualquer outro, tem direito à dignidade porque, para além da nacionalidade, para além da condição, é “carne viva”.

A poesia de Amândio Sousa Dantas traz-nos uma imagem do estrangeiro ligada à luta diária contra a adversidade.

QUEM RESISTE...

Acordados
sabemos o que valemos
altos muros
o que nos espera
a fábrica

e os dias frios
que nos caem
em cima
e assim estrangeiros
quem resiste? (p16)

O “estrangeiro” retratado neste poema, não é o homem, muito menos o turista mas sim o trabalhador e apenas isso. “Acordados”, não há tempo para outra ocupação que não seja “a fábrica” com os seus “altos muros”. A adversidade que vem de cima e que os rodeia está patente nas palavras “frio” e “caem”. A fatalidade da vida do estrangeiro é esta: a luta diária. No entanto, apesar de enclausurado, apesar de não saber quanto tempo conseguirá resistir, o trabalho surge como meio de afirmação e de resgate de todos os sacrifícios: “*Acordados / sabemos o que valemos*”.

Uma outra imagem do emigrante está ligada ao anonimato. Resumidamente, recordemos as razões que estão na origem do fenómeno migratório: Para o emigrante, trata-se de um desejo de melhorar a vida, para o país de acolhimento, está incluído no número relativo à mão-de-obra necessária para a retoma da economia alemã. Pouco importa o seu nome ou a sua origem, ele virá para integrar a máquina reconstrutora do país: “[...] *a cidade / espera-nos / para o (nosso) trabalho e / o pouco que sabe de nós: / contrato assinado...*” (p36).

As peregrinações anuais à terra também fazem parte das representações do emigrante.
Vejam os:

Descem à fronteira no mês de Agosto
e recebem às mãos cheias
sorrisos e
flores.

são ordens do governo:
não sejam muito rigorosos
um mês o vento leva

(os braços dos emigrantes
cintilam
no mundo) [...] (p47)

O acolhimento amistoso que lhe é feito, “as mãos cheias de sorrisos” não passam afinal de uma fachada, são “ordens do governo”. A denúncia está feita, o mês de férias do emigrante não corresponde à realidade, o país transforma-se para o receber – ou será ele que transforma o país? É preciso que os emigrantes sejam bem recebidos, mas apenas “um mês”. Estes versos apresentam mais uma vez a ideia de que o país também lucra com a emigração... e muito, porque “os braços dos emigrantes cintilam pelo mundo”. A sinédoque associada à metáfora é a representação do emigrante: um braço prolongado pela ferramenta ou substituído por ela. É ainda esta imagem que reencontramos nos versos: “*Hoje / assim nos vendo / pela Europa / obreiros // por altos telhados e / linhas / de montagem [...]*” (p55).

Em jeito de conclusão e a fim de ilustrarmos de que forma esta temática atravessa a barreira linguística, citaremos novamente Brigitte Paulino Neto. “Les misérables migrants que nous sommes, la misérable pérégrination qui nous mène : cette vision nous échappait » (2010 :195)³⁶. Esta frase situa-se no termo de mais uma viagem de regresso a Portugal, nas férias de verão, e evidencia uma insistência nas noções de repetição e continuidade. De facto, o paralelismo existente na construção dos dois segmentos frásicos, traduz o ritmo repetitivo e o movimento circular da vida do emigrante – no espaço e no tempo – uma vida monótona, regular e pautada pelo regresso anual à terra. A repetição do adjectivo “misérable” retira qualquer nota de heroicidade, mas o uso da primeira pessoa do plural

³⁶ Tradução livre da autora: “Os miseráveis migrantes que somos, a miserável peregrinação que nos guia: essa visão escapava-nos”.

atenua a crítica, porque a narradora, ao contrário do que acontece em *Este verão o emigrante là-bas*, pertence àquele “mundo cerrado”.

CAPÍTULO 3. Motivos – Portugal; A emigração; A viagem; O choque cultural e linguístico; A saudade

3.1 Retrato de um país: Portugal nas décadas de 1960-1980

“Um homem não pode viver a vida inteira debaixo de um túnel, de rastos, como se fosse uma cobra. As cobras ainda levantam a cabeça, mas eu, nem isso pude ainda fazer.
(Redol, 1972:94)

Como já foi anteriormente apresentado – Capítulo 1: subcapítulo 3 – nas décadas de 1960 a 1980 sopram ventos de mudança pelo mundo e em Portugal assiste-se a profundas alterações sociais, políticas e ideológicas. Nestes anos em que se viveu o fim de um regime, o fim de um império, o fim de uma guerra, também se assistiu à fuga em massa, de uma geração jovem e inconformada. A que realidade tentava escapar? Que país deixava para trás? É esse retrato que nos propomos traçar.

O excerto que se segue, retirado da obra de *Emigrados e Ofendidos* de Manuel Geraldo, mereceu a nossa atenção por apresentar, apesar de não exaustiva, uma descrição certa da sociedade portuguesa nos anos em foco, destacando um dos aspetos que estão na origem do êxodo – a miséria. Trata-se de uma denúncia das desigualdades sociais enraizadas no tempo: os ricos que têm tudo e os pobres que têm fome.

Sòmente sabias e sabes que na tua aldeia viviam e vivem homens ricos e homens pobres. E que tu eras e continuas a ser, um homem pobre. Que existiam e existem homens que possuíam e continuam a possuir tudo o que desejam, que podiam e podem comer o que lhes der na real gana (...). Mas que tu esgalhavas e continuas a esgalhar, arduamente, para beberes um trago de vinho ou trincares um pedaço de pão (...). E vocês, tu Zé Chanoca e os outros, de mantas de retalhos, capotes ou gabões, carcomidos e esburacados, lançados sobre os ombros, as mulheres de xailes diluídos e engelhados, os filhotes friorentos acorados nos regaços das mães, de mãos estendidas. (Geraldo, 1972:48-49)

Nesses tempos, para os trabalhadores agrícolas, diz-nos Navarro que “a jeira, a paga do dia de trabalho no campo, estagnou muitos anos nos 14 escudos” (1976:9). Sugado por uma indústria que assenta a sua produtividade no aumento do horário laboral e na prática de baixos salários, “o operário encara o trabalho numa forma crítica porque vê o produto ir para os bolsos daquele que diariamente o explora” (Navarro, 1976:8). A título ilustrativo: “o salário médio nacional era, em 1973 de 25% do alemão, 26% do francês, 49% do espanhol” (Mattoso, 1994a:498). Para além de ter que enfrentar condições de vida economicamente precárias e, no caso dos homens jovens em idade de cumprir o serviço militar, a possibilidade de uma mobilização para a guerra em África, a população vê-se privada das liberdades básicas de opinião e de expressão. Censura, denúncias, prisões,

torturas são práticas comuns e correntes que oprimem e instauram um clima de medo. De outra forma não podia ser, “só em 1973, 560 pessoas foram presas pela PIDE”³⁷ e “a repressão endureceu à medida que se multiplicavam os movimentos de oposição”³⁸.

Como vimos, Maria da Soledade é a protagonista de *Fronteiras*, mas, numa sociedade dirigida por homens, Assis Esperança coloca-a no papel de espetadora dos acontecimentos que marcam estes anos de mudança e no de ouvinte de todas as opiniões, denúncias ou críticas que surgem na obra – quando emitidas em voz alta. Os assuntos sérios são debatidos por homens.

Desde moça pequena que ouvira destacar os percalços e riscos de vida que corriam os contrabandistas. Crescera entre eles [...] Levaria anos a ouvir-lhes, periodicamente, as mesmas queixas: “- Saberão os governantes o que será ganhar salários que mal chegam para nós, quanto mais para o dividirmos pelos que estão a nosso cargo? E os dias sem trabalho? Quando das colheitas, os patrões apregoam que nos pagam jornas exorbitantes, esses seus pregões a chegarem até aos jornais. Mas por que diabo não sabem eles dividir, por 365 dias, o que recebemos em toda a roda do ano? Assim é que estaria certo!” (*Fronteiras*, pp81-82)

Naquela “aldeia pobretana da Beira Baixa” (p81) infringir a lei parece ser a única forma de sobreviver. Estes homens que apostrofavam as noites de luar e carregavam os fardos graças aos quais aumentariam a ração de broa dos filhos (p82) denunciam – “periodicamente” – os baixos salários e a precaridade do trabalho no campo. É de notar o contraste estabelecido entre estes trabalhadores contrabandistas que falam e se queixam mas que apenas uma criança ouve, e os patrões que “apregoam” “pregões” que chegam “aos jornais”. Apesar da legitimidade dos protestos, a situação mantém-se. Relembrando o contexto histórico da obra rapidamente é estabelecida a ligação com a prática de controlo da imprensa próprio dos regimes repressivos. A voz é dada a uma minoria, privilegiada, abastada e exploradora. No entanto, a solução parece tão óbvia: basta fazer contas!

“[...] Também ouvira amaldiçoar aqueles paisanos que se passavam para o campo dos zeladores dos interesses do Estado, inimigos tanto mais de temer quanto conheciam as manhas dos seus ex-camaradas [...]” (*Fronteiras*, p82)

Desta vez a denúncia é clara e dupla: qualquer camarada pode transformar-se num inimigo se decidir tornar-se “zelador dos interesses do Estado”; os interesses do Estado não

³⁷ BASTOS, Joana Pereira, (2013). “Os últimos presos do Estado Novo: Torturas e desespero em vésperas do 25 de abril”, Alfragide: Oficina do Livro, p19)

³⁸ (*idem*, p24)

se coadunam com o bem-estar da camada mais pobre. Assim, Maria da Soledade cresceu coabitando com o receio da denúncia, a desconfiança, a traição... o medo. Mas, ao contrário do que sempre presenciara – queixas e conformismo – “decidira-se a agir” (p82): emigrou. Outros, como ela, assim fizeram e aproveitando uma pausa na viagem a salto que os leva até à França, os emigrantes clandestinos desabafam e falam da vida de miséria que levavam nas suas terras. O retrato do país ganha assim mais uns tons: “[...] aldeias desarruadas, lamacentas no Inverno, sem estradas nem onde elas assomem, sem luz eléctrica nem água encanada, a escola primária a quilómetros de distância [...]” (p93-94)

Com a emigração, Portugal vai-se transformando e os comentários continuam a surgir. Maria da Soledade está alerta:

“- Colocaram o país à beira do suicídio. É, ou não, verdade que ao sobrepor a Liberdade ao interesse nacional, ameaçam de morte a própria nação? Do que necessitamos é de contribuir para o bem comum estreitando entendimento entre o Capital e o Trabalho.” (*Fronteiras*, pp203-204)

Novamente o contraste: o “interesse nacional”, “o bem comum”, “o país”, por um lado, e a “Liberdade”, por outro. O sacrifício da camada mais pobre é visto como necessário para a sobrevivência da nação. No entanto, esta opinião encontra opositores. Mais uma vez no seu papel de ouvinte, Maria da Soledade capta o teor de uma conversa entre três empregados bancários, no comboio:

: “[...] hoje, e se não fosse a emigração clandestina, ainda não se pensaria na mecanização das tarefas agrícolas, várias as regiões do nosso país, por efeito do seu lentíssimo crescimento económico, que ainda esperariam a simples promessa do mais indispensável alento industrial. E quem ignorará que as actividades agrárias continuam a absorver uma excessiva percentagem da população de Portugal? [...] O que também observei foi isto: essa promoção é mais para o rico que para o remediado, e ainda muito menor para o pobre, como se o potencial económico devesse contar.” (*Fronteiras*, p77)

A personagem aponta as primeiras consequências da emigração em território nacional: o despovoamento das aldeias e a falta de mão de obra. Explica que na origem do processo de mecanização da agricultura está a necessidade de colmatar esta carência. Denuncia as causas do “lentíssimo crescimento económico” que na sua opinião, se prendem com um desequilíbrio entre o número elevado de braços utilizados nas tarefas agrícolas, e a sua escassez noutros setores. Por fim, aponta para o desnível económico entre classes sociais e regista que, apesar de todas as alterações, a hierarquização mantém-se e os lucros aparentam ser proporcionais às fortunas.

Maria da Soledade é uma personagem fora do seu tempo. De facto, as suas aspirações à liberdade, à afirmação pelo trabalho, ao reconhecimento do seu valor individual correspondem às ideologias trazidas à tona pelos movimentos de libertação dos finais da década de 60. Mas, enquanto estes ideais a colocam na vanguarda em relação à sua geração, os seus quarenta anos não lhe permitem colher os frutos dessas reivindicações e vitórias. São as suas reflexões, as suas revoltas caladas que chegam até nós:

“[...] impacienta-a ouvir aqueles dois homens. Refugia-se na sua cabina, mas a lengalenga ainda lhe chega aos ouvidos, e ela fecha, de arremesso, a porta do compartimento, se os comedimentos do calar o bico lhe resguardam a compostura de mulher, a custar-lhe muito reprimir o arremesso que lhe quadrava: provocar a antipatia daqueles dois palradores perguntando-lhes se conheciam e bem avaliavam as premências económicas de quem, enfeitado, como ela, dos estudos, e não conseguindo coalhar cinco réis por via do trabalho humilde, os procurava angariar, fora da sua pátria [...]” (*Fronteiras*, p27)

“Sair de cena” é a forma de protesto da personagem. Descontente com a situação do país, emigra; revoltada com o teor de uma conversa entre dois viajantes no corredor de um comboio, fecha-se no compartimento. Os comportamentos repetem-se... talvez porque nada muda. Os seus pensamentos dão destaque à impossibilidade de sucesso em Portugal onde muitos são “os enfeitados” cujas pretensões são modestas: “coalhar cinco réis por via de um trabalho humilde”, o suficiente para sobreviver. A conversa que que suscitou a indignação de Maria da Soledade reproduz a resposta da esposa de um dos senhores às autoridades francesas que fechavam os olhos à situação de clandestinidade.

“[...] a minha mulher respondeu que era por aquelas e por outras que estávamos a lutar com a falta de braços na nossa casa agrícola [...].” (*Fronteiras*, p25)

“[...] as escolas técnicas cada vez em maior número, o que também rouba futuros braços à agricultura. [...] Liberdade! Os franceses costumam exportá-la muito [...]. Fique a saber que, até hoje, nunca senti a falta dela. Ou julgará que, no meu país, me proibem de fazer o que quero, de dizer o que penso, me impedem de ir ao teatro ou ao cinema, e de receber, na minha casa, quem muito bem entenda?” (*Fronteiras*, pp26-27)

Quanta distância separa esta senhora do grupo dos contrabandistas da pequena aldeia da Beira Baixa! São palavras que expressam os sentimentos e convicções de uma minoria. Não é já apontado o interesse nacional, mas os perigos que corre uma indústria familiar. A formação é também referida como prejudicial para o *status quo*. Se recordarmos o

desabafo de Maria da Soledade, percebemos que há preocupações que não têm razão de ser porque em muitos casos, nem a instrução pode alterar algo.

Os anos vão passando e no entanto, é a imagem de um país parado no tempo que chega até nós: Falta de trabalho e trasladação da miséria para os arrabaldes das grandes cidades...

Prestara provas na sucursal de uma fábrica americana de rádios, as suas aptidões e desembaraço de soldadora a agradarem plenamente. O salário não lhe consentiria, porém, viver desses ganhos. [...] Solicitara a sua admissão numa outra fábrica de montagem de rádios, e nem à bancada a sentaram” (*Fronteiras*, p256).

Maria da Soledade saiu do país porque, para além de desejar “viver entre gente que a aceitasse pelo que valesse” (p27), queria trabalhar e ser dona do seu destino. Emigrou porque apesar do curso de hotelaria concluído com “bom aproveitamento” (p31), nada conseguira. Na altura interrogara-se: “- Falta de bons padrinhos?” (p31). Almejando regressar, dedica grande parte das suas férias anuais à procura de emprego. Porém, não obstante a formação inicial na área do turismo, a experiência técnica adquirida em países mais desenvolvidos como é o caso da Alemanha, e o domínio da língua francesa, as suas diligências foram sempre infrutíferas, e quando existiram hipóteses de contratação, os salários eram irrisórios.

O atraso do país não se verifica apenas nas ofertas e condições de trabalho. Enquanto em França começam a destruir os *bidonvilles*, diz Maria da Soledade que conhece “[...] em Lisboa, bairros de lata que foram implantados em quintas, que mais de um ganancioso arrendou, e que cresceram tanto que chegam, presentemente, à beira de grandes blocos residenciais” (p258).

Toino partilha em muito a opinião de Maria da Soledade no que ao país diz respeito. Desabafa: “Raios partam a vida! Levanta-se um homem ao sol-nascente e entra em casa ao sol-posto! Trabalha-se o dia todo e não se consegue pôr de parte dois patacos!... Isto não é vida!” (p11) É assim que inicia a obra *A salto*, com as queixas de quem trabalha diariamente, do nascer ao pôr do sol, sem ver os frutos dos seus esforços. As declarações situam de antemão a personagem quanto à sua atividade: Toino é um trabalhador rural à semelhança do que fora o seu pai e o seu avô. “Não escolhera a profissão, nascera escravizado à terra, que seu pai conservara à custa de muitos trabalhos e canseiras e sobre a qual já seu avô se curvara e regara com muito suor” (p12). Pobres de geração em geração.

É um exemplo de muitos outros cujo trabalho está à mercê das intempéries, o retrato de uma geração de trabalhadores que muito cedo trocaram as brincadeiras de criança pelas tarefas agrícolas. Perde-se nos seus pensamentos: “Meu pai nem teve tempo para aprender a ler e a escrever e a terra foi a sua companheira de jogos e canseiras. Eu fui mais feliz do que ele, andei na escola e só comecei a trabalhar depois do primeiro exame” (p16). Apesar de “venturoso”, a instrução recebida não resolve os problemas que o assolam. “Era preciso desbravar a terra e não havia dinheiro para pagar a jornaleiros” (p16). A fatalidade parece tê-lo escolhido: não choveu, vierem as doenças, vê-se sem sustento e cada vez com mais dívidas: “O ano havia sido seco e a terra dura custava a cavar, as febres tinham morto o vitelo, as contribuições aumentavam e a água escasseava!” (p17). O que pode o homem contra a natureza? Contra o destino? Toino é uma personagem destinada ao fracasso. Precisava de uma chuva que não caiu e de uma terra que não se deixa cavar. Para ele, e para os seus, não há vida possível. Relembremos: “Isto não é vida!” (p11) De facto, falta-lhe muito para alcançar o mínimo: habitação, alimentação, educação.

Toino não sabia onde ir inventar dinheiro para comprar as sementes, para pagar as obras da casa, para renovar as alfaias e fazer as economias necessárias para encomendar os adubos, e ainda pagar os estudos do Raúl.” (*A salto*, p13)

Sem sementes não há colheitas e sem colheitas não há dinheiro, nem para as sementes. Todos os seus esforços foram gorados pela falta de água. Tal Sísifo, condenado a um trabalho vão, expiando que crime? O desamparo assoma e Toino, ciente de que não consegue ganhar dinheiro, interroga-se sobre a forma de o inventar. Mais uma vez, não tem saída. Sendo impossível é como se a sua situação não tivesse remédio.

O excerto permite-nos ainda reparar na manifesta preocupação da personagem quanto aos estudos do rapaz e o seu total silêncio quanto à educação da filha.

Fazendo um balanço da vida miserável que tem levado – dez anos de trabalho no campo – e relembrando a das gerações anteriores à sua, Toino conclui que maior proveito da terra tira quem não a trabalha.

-Dez anos! Dez anos a trabalhar de sol a sol e não consegui economizar mais do que dez contos! Isto da terra, está mais que provado, só é rendável para os grandes lavradores e, principalmente, para os revendedores dos produtos agrícolas. [...] preferia sujeitar-me ao mais exigente dos patrões do que levar esta vida escravizada aos caprichos da terra ou dos ventos, ou da boa disposição dos fregueses a quem vendo os produtos que cultivo.” (*A salto*, p18)

Outro grupo social representado nesta obra é o da Igreja. Vejamos:

Depois vinha o Sr. Prior, trazendo sobre os ombros uma capa de brocado cor de creme, bordada a ouro, acompanhado pelo sr. Clemente, o sacristão, que agitava o turíbulo, em movimento cadenciado. [...] Finalmente, trazido ao ombro de quatro homens da confraria, vinha o andor com a Virgem. Quando o andor saiu da capela [...] As mãos calejadas, tanto das mulheres como dos homens, ergueram-se, num sinal da cruz, rapidamente esboçado [...] e quando o andor passava à sua frente, ajoelhavam-se respeitosamente.“ (A salto, p23)

Enquanto o povo não tem que comer, não tem casa decente, está condenado à ignorância, o Sr. Prior cobre-se de ouro... e o povo segue. A ironia está patente nestas linhas – ironia ou cinismo. De facto, enquanto os pobres esperam pela ajuda divina, os representantes de Deus na terra, passeiam pelas ruas em dias de festa ostentando uma riqueza que nunca estará ao alcance dos mais necessitados. No entanto, o rebanho segue o pastor. À sua passagem, homens e mulheres, humildes e trabalhadores, ajoelham-se, respeitosos e submissos a uma vontade superior, apesar de nada terem em retorno. Num país pobre, arreigado às tradições, passa a procissão e o peso nos ombros dos quatro homens, é mais do que o do andor, é o peso da religião. Mas este ano Toino não reza a habitual Avé-Maria. Este ano, a oração é bem diferente: “Se partir para o estrangeiro, não me abandoneis e ajudai-me a conseguir voltar depressa para junto dos meus!” (p24)

Como ele, muitos viram na emigração a única saída possível para situação de precaridade em que viviam. Perante a debandada, uma voz se levanta, a do Sr. Álvaro:

Portugal tem mais ou menos 9 milhões de habitantes. [...] só em França encontram-se, actualmente, cerca de 350 000 portugueses. E a Holanda? A Alemanha? O Canadá? A Austrália? A Venezuela? E o Brasil? Quer dizer que cerca de 10%, ou mais, da população válida do nosso país, trabalha no estrangeiro. Daqui a pouco só ficam cá os velhos e os coxos (A salto, p51).

Li no outro dia [...] que a actual emigração portuguesa para França tinha benéficas consequências para a economia portuguesa! Já é preciso ser burro para escrever tamanha cretinice! Não sabem que o futuro nacional depende da industrialização! (A salto, p51)

O Sr. Álvaro, um velho democrata conhecido pelos seus “discursos furibundos” durante as campanhas eleitorais, dá-nos a imagem de um país abandonado e estropeado. As suas palavras não se dirigem apenas aos que decidiram dar o salto, têm também por alvo, o regime que nada faz para reter o seu povo. É necessário investir na “industrialização” do país, opina um homem que “Lê todos os dias o jornal, mesmo quando o jornal não traz notícias da bola.” (p50). Esta frase põe em destaque mais uma característica do povo

português, muito mais preocupado com os resultados do campeonato nacional do que com a situação económica e política do país. Esta crítica é reiterada pelo próprio Sr. Álvaro que se interroga: “Como podem dar uma opinião sobre um assunto sério, se a única coisa sobre que se habituaram a falar é *a bola*?” (p53), e resumindo: “É fácil governar um país onde os homens foram habituados a usar a cabeça para pôr o chapéu” (p50).

Tradição, miséria, injustiças também são aspetos encontrados no retrato de Portugal elaborado por Olga Gonçalves. Angélica é a fiel guardiã da memória de tempos idos. Recordemos com ela:

Rija, rija, a invernia!, o gelo! De manhã, a carambina, era bonito de ver! Mas coisa mais ruim acarrear os cântaros da água, a água a correr-nos pelo cabelo, pelo pescoço, a traspasar-nos a roupa. O dia inteirinho que nem dobadouras, mal luzia o buraco das sopas de café na malga esmoucada [...] Nós todos ainda assim tamanhos, ainda os oito como crias, diante de nós pois só labuta, labuta até pegar a noite e ver lá vir o sete-estrelas. [...] Maio, isso sim! [...] conhece o dito?, “do cerejo ao castanho bem me amanho, mas do castanho ao cerejo mal me vejo” (*Este verão o emigrante là-bas*, pp28-29)

Se o ritmo ternário dado à descrição cria harmonia, esta não restabelece o equilíbrio, antes intensifica a ideia da adversidade que os mais pobres têm que enfrentar. O sofrimento advindo das condições de vida ganha forma na gradação “água a correr-nos pelo *cabelo*, pelo *pescoço*, a *traspasar-nos a roupa*” e, expresso mais uma vez num movimento descendente, evoca um castigo divino. A descrição segue, impregnada de significados: a duração do dia de trabalho, mal acaba a primeira – única? – refeição, até “lá vir o sete-estrela”, a idade dos trabalhadores – “tamanhos” - , a monotonia e continuidade das tarefas realizadas. Não será ainda de esquecer que a assimilação das crianças a animais não irá além do termo. De facto, ao contrário do que acontece com os animais que cuidam das suas crias até atingirem a idade adulta, o trabalho infantil é uma forma de sustento para muitos homens. Por fim, vem o dito popular que traduz a resignação de quem aprendeu a viver a sua vida segundo o compasso das estações.

Também Angélica relembra as festas religiosas, “ a Festa do Senhor dos Passos, vestido de roxo e de cruz às costas, pesada, [...]. Era a festa maior” (p29). Quanto do sofrimento do povo estará retratado no percurso simbólico do Sr. dos Passos carregando a sua cruz? Outros Santos merecem igualmente a devoção popular. S. Sebastião, por exemplo, “é santo pra nos livrar da fome, da peste e da guerra” (p30) e por isso “alumiava-se-lhe todos os dias” (p30), e outros se lhe seguem: Santa Luzia, Santa Bárbara, Santa Rita,

Santo António e a Senhora da Conceição (p30). Muito se espera em Portugal pela ajuda celestial, muitos rosários rezados, muita “lâmparina a arder” (p30). No entanto, também se lembra “a Quinhas, épocas em que não se lhe entendia uma palavra, com os filhos todos, cada um de seu pai. Todos tão pequeninhos que juntos cabiam debaixo duma cesta. Que triste! Como a Tia Ferreira que morreu a pedir esmola” (p31), apesar de todas as protecções: fome, doenças, guerra, tormentas, injustiças... Se Angélica, estóica aceita o seu destino, permanece em Portugal e aguarda tempos melhores, outros fizeram a mala e não se esquecem:

[...] quero eu bem saber da terra! Fome e piolhos foi o que eu lá tive. Descalço, os pés criavam crosta! A minha mãe no outro mundo e o meu pai nem dinheiro tinha para o azeite da candeia. [...] Olhe que eu, em canalha, quase dormi com os lobos. Muito gelo passei! [...] Conheço a neve, conheço a geada, vi chover pedra a monte [...]. Mal, vivia-se mal, a nossa casa era coberta de palha [...]. Vi o tempo em que uma sardinha tinha que dar para quatro, e quem levava a sardinha não molhava o pão no molho [...].” (*Este verão o emigrante là-bas*, pp140-141)

E tudo na prosa de Olga Gonçalves nos remete para as condições de vida desumanas: recurso a mais uma gradação – “neve”, “geada” e “pedra” – e repetições de verbos cujo sentido se apega à realidade, ao concreto, ao vivido: “tive” fome e piolhos, “dormi” com lobos, “passei” gelo, “conheço” a neve, a geada, o granizo, “vi” uma sardinha repartida em quatro porções. Outras personagens dão o seu contributo para a elaboração do retrato do país visto pelos mais necessitados:

Ai fácil não foi, não! Cheguei a ir comer erva às bouças, erva daquela a rebentar, novinha. É só eu vê-las, inda as conheço, eram de vária qualidade. Tinham-me uns a dormir ao lado do cortelho, uma loja paredes meias com as galinhas e com o porco. [...] (*Este verão o emigrante là-bas*, p202)

A gente sem dinheiro para o sustento, sem dinheiro para os remédios, secar-se-me o leite [...]. Tempo ruim! À farmácia ia buscar fiado, ia buscar fiado à mercearia, por fim aviavam-me de má catadura, mais eles sabiam que os nossos dinheiros não eram nenhuns.” (*Este verão o emigrante là-bas*, p203)

À semelhança dos homens que se preocupam com a bola, em *A salto*, as mulheres em *Este verão o emigrante là-bas*, nada mais fazem do que rezar porque “A Senhora da Conceição/ deixou escrito aos seus devotos/ quem a louvasse cento e cinquenta vezes ao dia/ na hora da sua morte lhe aparecia.” (p30). Se a salvação esperada apenas se manifesta na hora da morte, o que lhes reservará a vida?

A guerra colonial que se estendeu por mais de dez anos cobriu de luto o país inteiro e integra o rol dos motivos que levaram à debandada. É na primeira pessoa que tomamos contacto com a tragédia. “Chegámos a Mussaluando em sessenta e quatro [...]. Assisti tomei parte em várias operações [...]“ (p52) e segue-se o relato de atrocidades. “Maus tempos foram carago maus tempos que mal deixei Angola disse nunca mais quero ouvir falar de tiros [...]” (p51). É o testemunho de quem foi e teve a sorte de voltar. Com a sabedoria que a experiência lhe trouxe, sentencia: “Afinal tudo aquilo eram só os homens tudo aquilo era só a guerra.” (p55). Nesta obra, a referência ao conflito armado serve também para denunciar outra característica do regime ditatorial: o controlo e manipulação dos meios de comunicação social que apenas noticiavam o que não denegrisse a imagem do governo e lhe fosse favorável. Referindo-se à irmã, outro emigrante conta:

O marido, bom rapaz, a ter de cumprir o serviço militar, marchou para Moçambique. Estava nas transmissões, telefonista, morreu numa emboscada em Chai, distrito de Tete. Aquela guerra de África, a senhora sabe o que foi. Que não morreu ninguém! Fartou-se de morrer rapaziada, aí está a ganância das colónias. Eu sei, que bati o pé na Guiné [...] (*Este verão o emigrante là-bas*, p144).

Assim se passa para a outra face do país. Salazar que é responsabilizado pela miséria porque que “só sabia olhar para o capitalista, não baixava a cabeça, não podia olhar para baixo” (p109) e que apesar de saber de “contas”, “nunca as fez de maneira a contentar o pobre” (p109), também é lembrado pelo regime político que instituiu. A referência à falta de liberdade de expressão manifesta-se junto à banca dos jornais portugueses em Paris: “Sá Carneiro quê! Vá dizer isso pra sua terra! Vá pra onde lhe estoirem o coiro!” (p125), ou ainda na alusão a certos comportamentos entranhados por tantos anos de medo e desconfiança:

Na minha equipa de trabalho há dez portugueses, [...] Entendemo-nos bem, não há novidade. Há lá um de ao pé de Guimarães que tem um paladar diferente da gente. Ou inda está com medo. O que é que julga?, inda há muitos que olham para todas as bandas se entram a falar de política. “ (*Este verão o emigrante là-bas*, p160)

Os emigrantes que anualmente regressam à terra observam as alterações: “[...] lá em baixo já se ganha. Um homem em Portugal já tira dinheiro, o operário já está bem pago [...]” (p103). A irmã de um deles que não quer ficar em França “diz que [...] já tem luz, que já tem rua alcatroada, camionetas para toda a parte. [...] Aquilo está melhor, isso é

inegável, muito melhor que no nosso tempo, tem lá comparação! [...] O correio, olhe, ia lá num burro uma mulher com cartas, e água?, só no chafariz [...]” (p145) Mas, apesar de sabermos que “já ninguém encolhe os ombros e afirma pobrete mas alegrete” (p63), as suas apreciações apontam para os problemas da sociedade portuguesa pós-Revolução. De facto, verificam que o desnível económico entre classes sociais mantém-se: “Vê lá na nossa terra se não os há com haveres. Faltam-lhes os cómodos? Faltam-lhes os preparos? [...] – Viemo-nos que ninguém lá se governa [...] “ (p97) ou, “Inda este verão eu perguntava para com Deus e para comigo como é que em Portugal uma pessoa se governa.”(p153), e ainda, “[...] o que dói, em Portugal, é muitos estarem a ganhar um ror de dinheiro e outros nada. Sim, que eles muitos andam à larica. [...] E porque é que o Governo só há-de pensar nos retornados?” (p199) Algum despeito poderá igualmente despontar no final do comentário, considerando o empenho do governo na questão dos retornados e a falta dele no que à emigração diz respeito.

A crítica torna-se por vezes mais contundente e denuncia a corrupção como prática corrente. Já Maria da Soledade desconfiava que se tivesse tido padrinhos a sua vida teria sido outra!

Portugal um país pobre? Não parece! Em Paris tem o Embaixador, o Plenipotenciário extraordinário, um conselheiro de estudos políticos, que é um funcionário de carreira. Há um primeiro Secretário, um segundo e um terceiro secretário. [...] E a Coordenadora do ensino ganha 10 000 francos por mês. [...] Foi tomar posse em Lisboa onde nunca viveu, para ter mais 100 contos de ajudas de custo para a sua instalação. [...] nunca lá viveu. Viveu em Angola, viveu no Brasil e viveu em Paris. Mas arranjou este tacho. “ (*Este verão o emigrante là-bas*, p161)

Reparemos na enumeração de títulos apresentados e remunerados. Neste excerto os ordenados descomunais e a vida de boémia dos representantes do estado português em França opõem-se implicitamente à situação do emigrante da mesma nacionalidade no mesmo país. A denúncia continua e é bastante clara:

Este verão o emigrante, là-bas, o que é que afinal encontrou? [...] Volta à forma antiga, não tarda que esteja entregue aos capitalistas. [...] O custo de vida a aumentar, o preço da fruta – quem é que lhe toca? – a gasolina a vinte e seis escudos, o quilo do pêssego a cinquenta paus, como é que as pessoas lá vivem? [...] Está pior, aquilo piorou, piorou là-bas. Vai à terra um indivíduo e vê que se marcha para trás. A gente encontrou-se mas foi com o 24 de Abril [...]” (*Este verão o emigrante là-bas*, p127)

Resumindo, não houve revolução. Quem vivia bem, continua a bem viver, quem não tinha nada, continua a nada ter. Tal Sr. Álvaro que vê na inércia e apatia dos seus

compatriotas parte da responsabilidade pela situação em que se encontram, outra personagem entrevistada pela narradora censura:

Ao mesmo tempo gostam de ver [...] Que continuem brutos. Olhe este verão [...] fartei-me de observar e de pensar. As mercearias, as farmácias, os lugares, abre ali tudo às nove horas e às sete horas têm de fechar. Pois as tabernas às seis da manhã já estão abertas, [...] já lá está o pessoal nas matadelas de bicho [...] ali estão a embrutecer. E é que as tabernas podem estar abertas até às onze da noite, quando não fecham à meia-noite. [...] Acham que isto quer dizer que se preocupam em civilizar o povo? [...] – [...] Olhem lá se eles nos não deram futebol no dia das Comunidades. Lembraram-se lá que era a maneira como Salazar e o Marcelo entretinham o povo!” (*Este verão o emigrante là-bas*, pp165-166)

“*Panem et circem*”! Já os governadores romanos tinham percebido que para conter distúrbios sociais bastava oferecer ao povo “pão e jogo”, “Será como broncos que eles nos hão-de ver sempre?” (p166).

O último retoque ao retrato feito por Olga Gonçalves é consequência direta da emigração: “Viu? Muita vivenda em construção. E dizer que são quase todas do ‘abec”” (p59). Diz-nos a narradora que “Não é com triunfalismo que Portugal se veste de palmas e lhanezas para festejar o emigrante. É com triunfo: Portugal tem cá os seus braços, a vocação e a humilhação de abalar.” (p63) “Humilhação de abalar”, um triunfo? Escárnio? Porém, existe a certeza de que durante o mês de agosto, o emigrante é uma animação, um negócio rentável: Festas do Concelho, Concertos, Festivais, Atuações, Baile, Procissão (pp63 – 67) e anúncios cujo destinatário é só um: o emigrante. Vejamos um exemplo:

“AOS EMIGRANTES” – Vendo casa de lavoura com cerca de 4.000m², estábulos, eira, espigueiro e diversos, ótima situação, bom acesso, a 13 quilómetros do Porto (só à vista). Cont. telefone... (*Este verão o emigrante là-bas*, p75)

Atentemos por fim na reflexão que fecha a lista dos anúncios: “Há quinhentos anos buscavam-se as espécies, fazenda, tapetes de arabescos. Era outro mexer, distintas formas de mercancia – os passos, os afazeres de que não sei falar” (p76). A referência a outro expatriamento, perdido no tempo mas cuja glória se mantém viva, pretende apontar para as diferenças quanto às atividades comerciais. Há quinhentos anos, os portugueses saíam do território e regressavam com riquezas de todo o mundo, hoje, os portugueses saem do território e é o país que se vende.

TERRA

Ó minha pequena terra
[...]
ó meu pequeno lugar
onde
pela primeira vez
eu vi as folhas
estremecer
ao vento

e as folhas das árvores
pela corrente
de um rio
[...] (p50)

Enquanto Olga Gonçalves, Assis Esperança e Nita Clímaco constroem uma imagem do país real a partir de elementos concretos – datas, acontecimentos, personagens –, Amândio Sousa Dantas dá destaque ao país do coração. O poema de que selecionámos um excerto é uma invocação à terra natal, um recanto de que o sujeito poético se apropriou, por estar ligado às suas raízes – “minha pequena terra”, “meu pequeno lugar” –, ao reconhecimento de si próprio como pessoa, às suas primeiras recordações – “pela primeira vez eu vi” –. A insistência no amor sentido pela terra natal, a apropriação daquele pedaço de chão, resulta do uso do paralelismo sintático e das repetições de vocábulos. É possível reencontrarmos a imagem das folhas das árvores pela água, no poema *Nostalgia*: “[...] na minha terra / as folhas dos plátanos / caem / levemente / na água” (p23). O tom saudoso que imprime aos seus versos leva-nos a associar a representação das folhas dos plátanos a caírem e seguirem pela corrente às lágrimas de quem sofre pela ausência. Uma ausência que transforma a natureza personificando-a: “Escuto a fonte / sob o silêncio dos carinhosos plátanos / e o canto / do pássaro // pousada na ausência” (p39), em *Escuto a fonte*. A comunhão com a natureza é tão forte que o carinho que sente pelos lugares conhecidos lhe é retribuído pelos elementos amados. Em *Caindo aos pés do tempo*, a sua não pertença ao local em que se encontra é evidenciada pela ausência da natureza conhecida e acarinhada: “falta-me o lugar / da árvore // [...] (folhas sem a infância no olhar) // [...] o rouxinol não veio” (p90). Reencontramos a mesma imagem em *Elegia*: “Sigo por este chão / [...] sabendo que nem as primeiras / chuvas / nem a saudosa árvore [...] me esperam no caminho // não se volta / sem mácula / de novo / ao lugar abençoado” (p40). Por fim, os versos “o silêncio / da florida ameixoeira // ai o calor da terra / e a luz da erva // [...] o som / na / água” (p92) trazem-nos mais umas *nuances* através da sinestesia, como se todos os sentidos se unissem para recriar a imagem da terra natal. Se tentarmos recompor o retrato,

encontramos os elementos: árvore, folhas, rio, fonte, água, chuva, rouxinol, ameixeira, terra, erva. Este postal seria igual a todos os outros não fossem os sentimentos do sujeito poético.

Na sua representação do país o poeta destaca igualmente uma estação do ano: a primavera. Do poema *Os dedos brancos do inverno* - por referência ao clima mais frio que encontrou na Alemanha - destacamos os seguintes versos: “o verde luminoso / do mês de Abril / a correr/ nas águas da minha terra (p95) e ainda, retirados de *Intensamente*: “[...] a cor morosa / dos claros dias / de Maio / do meu país “ (p22).

E quando o poema é dedicado à mulher, as comparações remetem para elementos da natureza do país de que é oriundo: “deixo no teu corpo / todos os rios do meu país” (p14), no poema “*Deixo nos teus olhos*” e mais uma vez o poema *Intensamente* com o verso, agora completo: “[...] os teus olhos / têm a cor morosa / dos claros dias / de Maio / do meu país “ (p22).

Existem ainda referências à tradição com a evocação da Páscoa: “[...] (e o sino) / e os braços / de Cristo / cobertos / de linho / bordado & perfumado / e o beijo / no / Crucificado / por todos / pousado” (p103). À semelhança do que já anteriormente foi analisado, também neste caso se destaca a riqueza e requinte dos elementos religiosos e a devoção popular.

Para o poeta, uma outra forma de aludir ao país, é reconhecer-lhe a língua: “da palavra / [...] nós conhecemos / [...] a língua/pátria” (p44), diz-nos em *Da palavra* e “também da fala / há um chão conhecido / por sua raiz // [...] a palavra não vive / sem seu berço de canto” (p86), em *Longe se perdem as palavras*.

Com o poema *Camões* verificamos a homenagem a um país através da homenagem a um dos seus maiores poetas, de uma das suas maiores obras. “Um verso no meu peito [...] / um livro que se abre / [...] e a terra que se sente / a nosso lado [...]” (p41). O leitor visualiza o país, o sujeito poético, revive-o.

No entanto, não esquecendo a sua condição de exilado, o poeta propõe-nos igualmente uma visão menos idealista de Portugal, no poema intitulado *Casa*: “não há uma pátria / que por nós rogue / céu & casa” (p60). Interpretando: a pátria não zela pelos seus filhos, não lhes dá fé nem abrigo, daí se tornarem emigrantes.

Chegando ao fim deste capítulo referiremos apenas uma frase da obra de Alice Machado, com o intuito de ilustrarmos mais uma vez a forma como este motivo poderá evoluir num ambiente literário francófono: “*N’oublie pas qu’ici personne ne doit jamais*

parler des hommes qui gouvernent notre pays” (Portugal, années 60’: à l’ombre des montagnes oubliées,p92)³⁹. A imagem que se impõe é a de um país oprimido onde os habitantes, as crianças, desde jovens, são ensinados a passarem despercebidos a fim de evitarem represálias e a não confiarem nos governantes da nação.

3.2 . A Emigração – um sonho

“[...] não consegui ajuntar um tostão na nossa terra, ao passo que na Alemanha, dando a minha língua muda e os meus braços, consegui dinheiro para esta casa. [...] Já tenho quarenta anos, e até aos trinta e seis não ajuntei nada em Portugal.”
(Gonçalves, 1984:20)

“Finalmente, tinham chegado à França. Acabava uma aventura e começava outra!”
(Clímaco, A salto, p78)

3.2.1- Um fenómeno histórico

Entendemos que um estudo da emigração, enquanto motivo, deverá começar com a sua abordagem enquanto fenómeno histórico. Assim, por nos parecer ilustrador da posição dos órgãos do Estado relativamente ao fenómeno, iniciamos com a reprodução esquematizada da introdução do discurso de Baltazar Rebello de Souza⁴⁰ na sua tomada de posse do Secretariado Nacional da Emigração, em oito de janeiro de 1971:

[...] O fenómeno complexo e universal das migrações humanas, [...] relacionado com a própria evolução do homem, no seu longo peregrinar, em espaço e tempo. (p7)

[...] Claramente se sabe ter sido a penúria de mão-de-obra nos países europeus mais industrializados [...] o motor fundamental destas migrações [...]. (p9)

[...] Falaremos da situação criada nalguns locais, no que concerne às condições de remuneração, alojamento, de ensino, de insuficiente protecção social, de nula ou débil participação na correspondente organização sindical. (p10)

[...] Nos países de origem, salienta-se a sangria demográfica de indivíduos na pujança da vida, com a perda transitória ou definitiva, do capital humano, e do custo absoluto da sua formação. [...] (p10)

[...] Falaremos, [...] do drama angustioso dos clandestinos, explorados desde o início da sua aventura e explorados ainda nos locais de destino, na estranha e criminosa combinação de engajadores e passadores com pressurosos, interesseiros e desumanos empresários, alguma vez com a complacência das respectivas autoridades. [...] (p10)

³⁹ Tradução livre da autora: “Não te esqueças de que aqui nunca ninguém deve falar dos homens que governam o nosso país.”

⁴⁰ Baltazar Rebello de Souza : Médico, professor e político português (1921-2002)

Da análise deste discurso sobressai o não reconhecimento de qualquer responsabilidade no que ao problema da emigração diz respeito. De facto, inicialmente apresenta o fenómeno como natural e inerente ao desenvolvimento do ser humano e na sua enumeração dos fatores impulsionadores das migrações, a situação no território nacional não é mencionada. Pelo contrário, referindo-se à “sangria demográfica”, salienta o prejuízo sofrido pela perda do capital humano e do custo da respetiva formação.

Esta imagem da emigração enquanto sangria é recorrente: “Era como se o sangue saísse das veias do país. A Junta de Emigração calava-se cúmplice, procurando que ninguém descobrisse o que se estava a passar” (Rocha, 1965:20). No entanto, citando Oliveira Martins, “a emigração portuguesa é o barómetro da vida nacional, marcando as suas oscilações do bem-estar metropolitano” (Serrão, 1976:158), ou seja, as condições de vida levam ao abandono das suas terras quem não encontra nelas forma de sustento. Esse abandono torna-se, segundo Steiner, uma obrigação: “Uma nação é sempre um lugar que se deve abandonar, na medida em que o seu comportamento poderá ser por nós considerado inaceitável”. (2003:240) Quando as condições precárias em território nacional se aliam a possibilidades de melhoria além-fronteiras, desencadeia-se um processo legítimo de procura de promoção social e económica, de busca do bem-estar.

Na sua História, Portugal conheceu várias vagas de emigração. Entre 1855 e 1865, os portugueses rumam aos Estados Unidos. Trata-se de um “fenómeno quase exclusivamente açoriano, [...] A emigração madeirense desse período dirige-se, predominantemente, para a América Central.” (Serrão, 1976:43). Diz-nos o mesmo autor que no século XIX “o emigrante português é solicitado para substituir o escravo nas rudes fainas agrícolas, em condições reais de prestação de serviços” (Serrão, 1976:49). Em 1921, em França, já se registam 10 000 portugueses e em 1931, cerca de 50 000 (Vaz, 2014 :36)⁴¹. No entanto, diz-nos Poinard que em 1950, “[...] julgaram tratar-se de uma fase conjuntural e transitória ligada à expansão que a reconstrução das economias devastadas pela guerra prolongava. [...] consideravam a estada dos trabalhadores migrantes como algo que seria breve.” (1983:29). Neste contexto de pós-guerra, a França e a Alemanha assumiam a função polarizadora que, até à crise mundial de 1929, coubera ao continente americano (Serrão, 1976:41). Para França, o fluxo de emigrantes aumentou consideravelmente a partir de 1957

⁴¹ Texto original: « En 1921, il y a déjà 10 000 Portugais en France, et environ 50 000 en 1931 ». (Vaz, 2014 :36)

em que se registaram 30 000 entradas no território e culminaram em 1973 com 79 588, numa verdadeira “ enxurrada, ..., orientada sobretudo, pelos salários praticados pelo Mercado Comum” (Serrão, 1976:35), mas também por “um alto nível de vida [...] e os benefícios de uma Segurança Social larguíssima” (Rocha, 1965:75). No entanto, o “salto” transpirenaico [...] cobrirá não só a França, mas também a Alemanha, a Holanda, e “outros países europeus” (Bélgica, Luxemburgo) ” (Serrão, 1976:60).

Em Portugal, as leis da emigração tinham principalmente o propósito de dificultar a saída do território: “encontravam dificuldades intransponíveis na obtenção de passaportes legais, mesmo na qualidade de turistas. Havia assim todos os dias, casos de passaportes falsificados” (Rocha, 1965:63). E “a lei portuguesa é clara neste sentido: não podem emigrar os indivíduos de menos de 35 anos que não possuam o diploma de exame de 3ª classe” (Rocha, 1965:106). Assim, emigrar tornou-se um crime e uma prática clandestina. Diz-nos Vaz que “durante mais de uma década, entre 1964 e 1973, entraram em França, anualmente, em média, 78 500 portugueses. 55% fê-lo clandestinamente e por vezes com o consentimento das autoridades francesas (2014:6)⁴².

Regarde, Alice, regarde mes mains ! La terre les a rongées, et si tu restes ici, elle te mangera aussi. Tu dois quitter ce village, quitter cette terre qui s'alimente de notre sueur et de notre sang. (Machado, Portugal, années 60':à l'ombre des montagnes oubliées, p53)⁴³

É uma imagem totalmente invertida do equilíbrio natural que encontramos neste excerto. Num país em que uma grande maioria da população tira o seu sustento de um trabalho agrícola diário e árduo, as mãos são a ferramenta essencial para a sobrevivência, sem elas, não existe salvação. A emigração torna-se necessidade porque em Portugal, a terra é madrasta. Esta é a mensagem da avó de Alice para a sua neta, esta é a mensagem de Alice Machado para os seus leitores... francófonos. E assim como aquele camponês que “ [...] ao lado das bestas [...] esperou escondido que rompesse a manhã, com medo e com fome apertou o estômago, limpou o suor outra vez, outra vez pensou no vizinho que passou

⁴² Texto original: « Pendant plus d'une décennie, entre 1964 et 1973, sont entrés en France chaque année, en moyenne, 78500 portugais (...) / Une majorité, environ 55% est entrée en France clandestinement avec le consentement des plus hautes autorités françaises. » (Vaz, 2014:6)

⁴³ Tradução livre da autora: “Repara, Alice, repara nas minhas mãos! A terra roeu-as, e se ficares aqui, comer-te-á também. Tens que deixar esta aldeia, tens que deixar esta terra que se alimenta do nosso suor e do nosso sangue.”

a fronteira, [...] (Gonçalves, 1989:21), os filhos enjeitados decidem-se relembrando que “O Cabo das Tormentas quem o dobrou foi o Bartolomeu Dias” (Gonçalves, 1992:48). Partem com “Poucas bagagens, pouco dinheiro, mas ricos de muitas ilusões” (Clímaco, 1968:26), “Levam fé, levam coragem, levam de amigos distintos, endereços.” (Gonçalves, 1992:62) e quando chegam à fronteira: “França! Palavra mágica, cheia de sete estrelas e de azul-marinho” (Gonçalves, 1992:30).

3.2.2 A habitação

“Para quem ia era a continuação da luta pela sobrevivência”.
(Navarro, 1976:19)

“[...] o homem deve recear o homem. [...] porque a autodestruição é tipicamente humana.”
(Namora, 1997:50)

Vaz denuncia o paradoxo: a quase inexistência de política de acolhimento adaptada à imigração portuguesa apesar da implementação de medidas facilitadoras da regularização da sua situação e como tal, promotoras da imigração (2014 :43)⁴⁴. Em 1967, no bairro de lata de Champigny, situado nos arredores de Paris, viviam, em condições miseráveis, 14 025 portugueses (Serrão,1976:208). Assis Esperança, Nita Clímaco e Olga Gonçalves apresentam-nos um retrato verdadeiro quanto às condições de vida nos *bidonvilles*, de tal forma que uma exposição dos resultados das nossas leituras e pesquisas seria redundante. O seu dia a dia nas ”barracas” e no trabalho, os auxílios de que dispõem assim como a exploração de que são vítimas e a apreciação que fazem da experiência, são os pontos que tentaremos abordar de seguida, dando a palavra a cada um dos escritores.

A obra de Assis Esperança apresenta-nos duas experiências de emigração em países diferentes: Alemanha e França. No que concerne ao alojamento, verifica-se uma maior organização para lá do Reno, mas não menor desumanidade.

“[...] espeluncas que costumam acomodar, as mais das vezes jugoslavos, espanhóis ou portugueses, quinzenal a muda de roupas, colchões sujos, remendados e até rotos, uma bacia para se lavarem, e móveis quase sem aproveitamento. Quem os aluga sabe dizer que servem bem a classe dos emigrantes que pretendam amealhar marcos” (Fronteiras, p38).

⁴⁴ Texto original: “quasi-absence d’une politique d’accueil adaptée envers ces immigrants portugais, alors qu’on encourageait leur immigration pas des mesures de régularisation faciles ».

Apesar de sumárias, as preocupações com a higiene existem. As roupas das camas são mudadas e os colchões remendados. A consciência por parte de quem aluga estas instalações de que não reúnem condições mínimas de bem-estar acompanha o despeito e desprezo pelos que “pretendem amealhar marcos”, como se o propósito da vinda destes trabalhadores justificasse a forma de existência que lhes era reservada.

A descrição que é feita dos bairros de lata em França, se bem que menos fria, continua miserável e desordenada.

[...] a sua memória visual guardara imagens da sua primeira e única visita a Champigny, ia em quatro anos. Muito mais do que o aspecto sórdido daquele “*bidonville*”, impressionara-a o número de garotas que brincavam à beira de um regueirão de águas pútridas, homens e mulheres já idosos como a aquecerem-se, à porta dos seus casebres, a uma réstia de sol doente. (*Fronteiras*, p258)

O que sobressai desta descrição será a menção exclusiva dos “rejeitados” da sociedade. São crianças – rapariga – homens e mulheres de idade avançada, sem préstimo, à margem de um grupo social, também ele marginalizado. Nos extremos dos extremos estão os moradores sem préstimo para a atividade laboral que vivem no bairro de lata. A localização temporal do excerto coloca-o no final da tarde, quase ao sol-posto. Neste local esquecido de Deus, a água, símbolo de vida, está putrefata e é um sol “doente” que aquece os velhos. Detenhamo-nos no seguinte excerto:

[...] Villeneuve-la-Garenne, nos Altos-do-Sena, é também isto: crianças portuguesas que correm umas atrás das outras, por veredas peçadas de detritos, brincam nos buracos abertos e aprofundados por “bulldozers”, ou de pé, imóveis, contemplam o rio. Retoiçam, ainda, na relva que viceja à sombra das velhas construções de madeira. Todas elas de tal porte que parecem prestes a esmagar as doze barracas que constituem os vestígios tenazes do “*bidonville*” que um conjunto de habitações, de construção recente, quase fez desaparecer. Essas crianças impressionam-me. Adaptadas ao mundo que as aprisionou [...] (*Fronteiras*, p258)

Destacando novamente as crianças, são referidas as brincadeiras inocentes e comuns realizadas numa paisagem quase apocalíptica. Os seus campos de jogos não são mais do que lixeiras cavadas – “buracos abertos e aprofundados” –. Conotativamente é estabelecido um contraste entre os “*bulldozers*” e “as crianças”, o “rio”, a “relva” que “viceja”. Referiremos ainda a gradação existente na evocação dos diferentes edifícios que compõem a paisagem: as “velhas construções de madeira”, as “barracas” e o “conjunto de habitações recentes”. Enquanto à sua volta o mundo avança, o “*bidonville*” e os seus habitantes resistem, parados no tempo, “imóveis”, “vestígios tenazes”. Destaca-se ainda a ausência de

esperança porque “estas crianças portuguesas” – símbolo de inocência e de futuro –, afinal, já estão “adaptadas ao mundo – ou submundo – que as aprisionou”.

Para além das barracas, tudo pode ser alugado ao emigrante: “[...] a municipalidade de St. Ouen registou, por aqueles sítios, nada menos de uma quinzena de lares clandestinos, e neles vivem centenas de pessoas: uma bicheza de homens, em caves, águas-furtadas e barracas ao fundo de pátios” (p171). Outro exemplo será o da “*roulotte*” em jeito de apartamento miniatural, mediante o aluguer de duzentos francos mensais” (p261), ou ainda, simplesmente, “uma cama e, essa, por muito favor, apesar de [pagarmos] o aluguer. As barracas em Champigny estão a abarrotar de gente” (p131).

No entanto, estas condições de extrema miséria parecem ser aceites por aqueles que mais não querem do que poupar. “Segundo eles, nos “*bidonvilles*” não se sujeitam a piores cómodos que nos casebres da aldeia onde nasceram” (p131). Quando por fim é tomada a decisão de destruir os bairros de lata para, no local, se construírem as cidades-dormitórios, há quem confesse: “Herdei-a, e cada vez lhe tenho mais apego” (p259). De facto, de acordo com a máxima de que os fins justificam os meios, os emigrantes são muitas vezes responsabilizados pelas condições nas quais se sujeitam a viver: “mas quando admitirá o senhor que as barracas desumanizam quem as habita e, muito mais, quando sozinho? Que vida faz o senhor? Isola-se, pretende bastar-se a si próprio, queixa-se de tudo e de todos, sem dar conta de é o primeiro a explorar-se sequestrando-se” (p166).

A sobrelotação das barracas, a sua fraca construção e os preços exorbitantes dos seus alugueres são aspetos destacados por Nita Clímaco: “Não os posso alojar aqui na minha barraca porque já cá habitam mais dois” (p98), “[...] também é perigoso despirmo-nos, por causa das malditas correntes de ar [...]. Poderíamos apanhar uma pneumonia. Nem sequer podemos aquecer a casa com um fogareiro!” (p103). “Pagamos por uma barraca o preço do aluguer de um palácio e, ainda por cima, quando temos dificuldades, somos insultados” (p99). De facto, há quem aproveite porque, apesar de tudo, muitos são os que precisam de um tecto para se abrigarem: “São duzentos francos por mês. Dividido por cinco não é muito” (p100). O espaço de convívio dá um último retoque à paisagem, e denuncia por um lado, uma paragem no tempo quanto à evolução natural das espécies, e por outro, uma capacidade de adaptação às circunstâncias, abstração quanto à realidade circundante e aceitação das condições de vida: “o grupo entrou para dentro da carroçaria de um velho autocarro que tinha sido transformado em taberna” (p101).

“Habitei o bidonville [...]. Ainda me lembro! [...] Era como se estivesse na terra” (p174), são palavras de um dos entrevistados em *Este verão o emigrante là-bas*. Esta informação poderá ter duas interpretações possíveis. A primeira será a de que os emigrantes apegados à sua terra e fiéis às suas origens reproduzem no país de acolhimento, um pouco da sua aldeia. Estão, desta forma destacados os sentimentos de nacionalismo e patriotismo, “contra ventos e marés”. No entanto, recordando que uma grande maioria dos emigrantes saiu do território nacional em busca de melhores condições de vida, sobressaem a censura e a ironia na apreciação dos comportamentos de quem facilmente aceita em território alheio o que abjurou na sua terra.

Em comparação com Nita Clímaco e Assis Esperança, Olga Gonçalves retrata o fenómeno emigratório numa fase temporalmente mais avançada. Em alguns casos, passados dez anos, ou mais, as condições de vida, pouco evoluíram. Uma esposa conta-nos a história do seu marido durante os primeiros tempos em França: “viveu nos foyers [...]. Viveu com oito homens na mesma habitation, tinham mesmo que se ajeitar assim. Muita falta de limpeza” (p134). Para ele, trata-se de uma recordação, pois “está cá vai para dezassete anos” (p133), a experiência é contada no passado. No entanto, a situação de precariedade mantém-se para outros:

- [...] Que o digam os portugueses de Massy, que ainda habitam o bidonville” (p163)
- Nem é preciso ir tão longe, homem!, não é o bidonville, mas vire aqui à esquina e vá à Rua Solferine. Vivem ali como sardinhas, uns contra os outros, há habitations com doze pessoas. (*Este verão o emigrante là-bas*, p163)

Dezassete anos depois, o número de pessoas por “*habitation*” passou de oito para doze e verifica-se uma aproximação ao centro da cidade. “O último étage. Ali estamos. Faz-se tudo no quarto. Ali se cozinha, ali se dorme, ali se trata da roupa e da loiça. Temos o lavatório. Fazem-se as lavagens todas no lavatório. Quarto de banho só há um em cada étage. Serve os quartos todos” (p135). Em suma, para quem deixou o *bidonville*, a ascensão social resume-se ao número de escadas que deve subir para chegar a casa.

3.2.3 – O trabalho/ o dia a dia

No que respeita às condições de trabalho, Assis Esperança permite-nos estabelecer uma comparação entre a situação dos trabalhadores emigrantes na Alemanha e em França. Na Alemanha destaca-se a construção civil e a fábrica com a sua organização, mecanização, distribuição de tarefas e rigidez. Para os homens:

A dar-se bem com o clima deve tentar fixar-se no norte deste país. O salário é mais alto. O que muita vez, nos aborrece por lá é a fraca cotação dos portugueses, principalmente em Frankfurt e Hamburg: Sem habilitações, não passam da cepa torta: construção civil, abertura de túneis, estradas e novos arruamentos, assentadores de travessas nas linhas férreas, atascados muitas vezes em lamas, tarefas todas essas a que os alemães já não se sujeitam. (*Fronteiras*, p51)

Assis Esperança sublinha neste ponto a adversidade total com a qual se deparam e têm que enfrentar: o clima, o povo, o trabalho fisicamente desgastante. Se nos detivermos na enunciação das várias tarefas apresentadas – construção civil, túneis, estradas, ruas – verificamos que o trabalho do emigrante desqualificado e desprezado é imprescindível para a reconstrução do país.

A fábrica com as linhas de montagem, seccionamento da produção, repetição e automatização dos movimentos é o local de trabalho destinado às mulheres tornadas escravas da máquina que impõe o ritmo de trabalho.

“Trabalho em cadeia, houvesse entre todas essas mulheres uma única que demorasse, um segundo que fosse, a entrega à operária à sua esquerda, do pequeno bloco em que fora da sua especialidade o atarraxamento de certo número de parafusos, e toda a “banda” suspenderia a tarefa, tal-qualmente qualquer máquina automática que escravizasse o seu manejador” (*Fronteiras*, pp54-55)

O desempenho de cada trabalhadora tem que ser regular e irrepreensível, não existindo espaço para a individualidade. São peças de um motor cuja utilidade reside no funcionamento do mesmo. Neste contexto, a possibilidade da “banda” suspender “a tarefa” torna-se uma verdadeira espada de Dâmocles. Para Maria da Soledade: “a “banda rolante” a não lhe dar um minuto de pausa, a “velocidade”, quer nas horas da manhã, quer nas da tarde, sempre a mesma [...]” (p67), teve as suas consequências. De facto, “já arritmico o coração, um derramamento das artérias da vista direita, por efeito da subida da tensão arterial, assustara-a a ponto de consultar o médico da fábrica [...]” (p69). Em Portugal, Maria da Soledade não encontrou forma de se sustentar e por isso decidiu emigrar. Na

Alemanha, o trabalho aniquila-a enquanto pessoa e rouba-lhe a vida. Escolhe então outro destino.

“Em França só há uma profissão que lhe consentirá arrecadar uma parte dos seus ganhos: a de “employée de maison”: criada ou mulher-a-dias. As “bonnes” portuguesas estão, até, em maré de sorte.” (p71). São estas as tarefas que esperam por si no país que classificam de “mãe dos emigrantes” (p382). Trata-se de “dez horas, seguidas, de trabalho” (p136) e folga “ ao Domingo mas só depois da refeição da manhã” (p147) e, por vezes, apenas “de quinze em quinze dias” (174). Maria da Soledade tem consciência de que novamente lhe roubam a vida e interroga-se:

Resistiria, porém, a sua vontade, quanto mais não fosse, ao monótono derreamento de fazer as camas, lavar os pratos, lavar pratos e o chão da cozinha, fazer camas, escovar, brunir, brunir e escovar, lavar pratos e o chão da cozinha?” (*Fronteiras*, p123)

Não são desta vez as máquinas que lhe imprimem o ritmo de trabalho, são as patroas donas de casa.

Em relação aos homens, as ofertas continuam idênticas às encontradas na Alemanha. Presentemente, é a indiferença quanto à sorte dos trabalhadores portugueses que sobressai. Sabendo do seu desejo de ganhar dinheiro rapidamente, a não inscrição no sistema nacional de saúde é-lhes proposta, evitando descontos por parte da entidade empregadora e desprotegendo o trabalhador que abdica de cobertura social. O cinismo de uns vai de mãos dadas com a ganância dos outros. Vejamos:

[...] oito horas de trabalho diário, todas elas entregues ao labor de descarregar pedras de vinte quilos, depô-las e consolidá-las no levantamento de paredes. [...] De catorze em catorze dias, receberão a fêria, já livre de descontos [...] podem não se inscreverem na “Segurança Social”. É dinheiro que poupam. A empresa, ou o empreiteiro, ignorarão, ou fingirão ignorar essa imprevidência. (*Fronteiras*, p260)

Toino faz ele próprio um balanço das razões que o levaram a emigrar:

Decidi ir para França, a fim de ver se melhora a situação dos meus, e se deixo de acordar e de me deitar preocupado. Quero tentar ganhar um pouco de dinheiro para pôr de lado, de maneira a não ter medo do dia de amanhã: medo das geadas, da chuva ou da seca, medo de uma doença, de uma má colheita. Medo de tudo! (*A salto*, p49)

Para ele, partir é mais do que uma solução, é a salvação. A personagem declara ter medo de tudo. Mas, especificamente, os seus receios prendem-se com a fatalidade, o destino de quem retira da terra o seu sustento e por essa razão fica à mercê das condições climatéricas. O medo de tudo não aponta para a situação política, ou económica do país, ou estará precisamente no “tudo” que o inclui sem o referir?

Apesar das facilidades de que tanto tinha ouvido falar, Toino conhece horas e dias de grande angústia nos primeiros tempos da sua estadia no território francês. Por isso, logicamente, “depois de tanto desespero, a felicidade de ter encontrado finalmente emprego, de que já desesperava, encheu Toino de alegria [...]” (p124). Rapidamente, porém, chega à conclusão de que não fora apenas nas facilidades em arranjar trabalho que fora enganado, as riquezas prometidas continuam almeçadas. A ilusão foi-se. “Farto-me de trabalhar e a paga não é nenhuma fartura. Os franceses recusam, geralmente, os trabalhos violentos, porcos ou mal pagos, e só nós, os portugueses, alguns espanhóis ou os argelinos, é que os aceitamos” (p111), porque os move o mesmo desejo de melhorar a vida.

Mais uma vez na primeira pessoa, Olga Gonçalves apresenta-nos outro caso:

A trabalhar na obra todo o dia, com este gelo do inverno, chegar à noite e ir um homem prà cama sem ter com quem desabafe, saber que a luz do dia nos espera para o mesmo martírio. Dia trás dia, mês trás mês. Pra isto não vale a pena uma mãe botar filhos no mundo, mais nos valia logo morrer. Bom, eu agora já me afiz [...] já não sou trolha, faço outros serviços. Levanto-me por essas seis da manhã, tenho de ir apanhar o metro, deixa-nos num local onde a camioneta da obra espera por nós. Aí é que nos juntamos todos porque o trabalho fica a oitenta quilómetros. (*Este verão o emigrante là-bas*, p110)

Às condições de trabalho junta-se a solidão. A angústia descrita é de tal forma que a morte se apresenta como melhor solução do que a vida de sofrimento que é levada. No entanto, as suas declarações trazem uma nota de esperança. O “martírio” chegou ao fim ou, como diz, já se afez. De facto, constatamos que, para ele, o dia de trabalho começa cedo – seis da manhã – porque a obra “fica a oitenta quilómetros”, uma distância que terá que percorrer novamente no final do dia, em sentido inverso. Comparativamente, a sua esposa trabalha quinze horas por dia. “Quando tu te levantas estou eu a abalar pró trabalho. [...] às seis da manhã pego eu a limpar a farmácia [...] só largo às nove da noite.” (p110). E desabafa, resignada: “à semana, vemo-nos de fugida, mas que se lhe há-de fazer?, tem de se aguentar mais uns anos” (p110).

3.2.4 Auxílio e exploração

Como vimos, quem partia fazia-o esperando contar com a ajuda de algum parente ou conhecido. Em *Fronteiras* contactamos com um destes casos:

O diabo era que os alemães só deixavam entrar pessoal com colocação previamente assegurada. Bem nos importámos com isso. Eu trazia uma carta de apresentação para um português que reside num hotel de Paris, pessoa influente a quem, ainda hoje, visito, e vá de o procurar, os meus camaradas atrás de mim. Uns para aqui, outros para acolá, encaminhou-nos a todos. Como “souffleurs de verre”: sopradores, horas seguidas à beira dos fornos. Eu fixei-me em Estrasburgo. [...] Aconteceu foi que comecei a padecer do fígado. [...] Mudei de ofício e toca a apressar a minha vinda para a Alemanha.” (*Fronteiras*, p50)

Assim como se contornava a legislação portuguesa e se partia a salto, também as leis alemãs eram desrespeitadas. Vários outros casos encontramos de pessoas que, a título individual, orientaram e auxiliaram estes trabalhadores em terras desconhecidas. A figura do padrinho é vista até como indispensável: “quantos dias perderá um clandestino a encontrar trabalho, se não dispuser de padrinhos que o encaminhem e protejam? (p130) Se para quem emigra tudo é novo e assustador, há quem se tenha tornado perito nos meandros burocráticos da emigração: “O sistema [...] é o de cada qual emigrar legalmente requerendo o passaporte de turista [...]. Virão até Paris, arranjar-lhes-ei trabalho, e regressarão, a Portugal, já munidos da documentação francesa, inclusive a carta de trabalho” (p246).

Assis Esperança denuncia:

Uma vez que os nossos emigrantes não encontram, na França, qualquer organismo do Governo Português que os proteja devidamente, muito principalmente quando venham “a salto” [...] procure o padre espanhol que atende os portugueses tal-qualmente os seus compatriotas. (*Fronteiras*, p72)

Em oposição ao Governo português que foge às suas responsabilidades para com os seus concidadãos, encontra-se um padre espanhol que, não olhando a nacionalidades – nem a antagonismos antigos –, ajuda quem a ele se dirigir em busca de amparo. Vários foram ainda os organismos que desempenharam essa mesma função: “Nos Serviços Públicos de Colocação” interrogaram-na sobre o grau das suas habilitações e género de trabalho que mais a interessava [...]” (p70), “Agora está em distribuição gratuita um folheto, [...] que uma das Confederações de trabalho, de Paris, mandou imprimir em quatro línguas, e instrui os emigrantes, p-á, pá Santa Justa, sobre o que têm a esperar, em protecção as leis

francesas” (p245), “[...] Associação de Auxílio ao Infortúnio do padre Joseph” (p324), “[...] serviços sociais de recolhimento espanhol”. (p328)

Nos antípodas, a obra de Assis Esperança, retrata os exploradores: “Se a Polícia francesa não reconhece a existência dos “bairros de lata”, quem empresta endereços cobra dinheiro por essa facilidade” (p129). Os patrões ou responsáveis pelas tarefas são também apontados:

O mestre-de-obras aproveitara-se do prazo concedido, pela Polícia, para aqueles dois homens legalizarem a sua situação como trabalhadores, e continuara a pagar-lhes um salário muito abaixo do normal, eles a encolherem-se, por mais que alguns dos seus camaradas os aconselhassem a puxar pelos seus direitos [...] (*Fronteiras*, p159)

Tempo é dinheiro e o oportunismo caracterizador de alguns “ mestres-de-obras” é denunciado. Outro tipo de explorador surge ainda nesta obra: o compatriota. Vejamos:

— Um português que hoje dispõe de recursos está a construir barracas com paredes de tijolo, mas vai alugá-las a cem novos francos por mês. É muito. (*Fronteiras*, p131)

[...] um nosso compatriota? Trabalhou tanto e a tal ponto que, no “bidonville” de Aubervilliers, se tornou dono de toda uma rua de barracas. Alugou-as, voltou para Portugal, mas, no começo de todos os meses, apresentava-se aos seus inquilinos para o recebimento das rendas. (*Fronteiras*, pp166-167)

Os dois casos apresentados são reveladores do mesmo comportamento: quem foi explorado, explora. Mais uma vez nos encontramos perante a máxima dos fins que justificam os meios. Pouco importa a correção, a moral, os princípios quando o objetivo é apenas: ganhar dinheiro. No primeiro caso, as barracas com paredes e tijolo, são mais caras, no entanto, continuam a ser barracas. O segundo relata a história de quem emigrou para fazer fortuna, regressa e deve a sua riqueza à exploração daqueles que como ele, emigraram. De forma regular e sistemática vem cobrar o dinheiro das rendas.

Também na obra *A salto* é possível verificar a oposição entre quem ajuda e quem explora. “A esperança de todos aqueles homens que corriam em direcção a Paris residia nos conhecimentos que lá tinham: um amigo, um irmão, um vizinho. Nenhum fazia a mais pequena ideia onde se empregaria e que género de trabalho poderia fazer” (p82). Pouco importam as habilitações quando se foge do infortúnio e se conhece as pessoas certas. “Os padres portugueses de Paris” também são um recurso para quem necessita de ajuda porque “às vezes eles têm conhecimento de empregos” (p111). Atentemos em mais um excerto relativo ao auxílio com que os emigrantes portugueses podiam contar:

Quando os portugueses começaram a vir para Paris, juntavam-se na Missão Católica espanhola [...] Como o movimento de portugueses crescesse de dia para dia, começaram a transtornar a vida e hábitos dos espanhóis. O padre português mandou vir outro padre de Portugal, e saiu da Missão para se instalar num apartamento situado numa luxuosa avenida de Paris [...] (*A salto*, p114)

Mais do que uma descrição da atuação de instituições de caridade, Nita Clímaco critica comportamentos da Igreja por intermédio dos seus representantes portugueses. À semelhança de Assis Esperança refere o auxílio prestado pelos padres espanhóis. No entanto, os religiosos portugueses são descritos como oportunistas e amantes do luxo. A afluência de uma mão de obra pobre e desamparada permitir-lhes-á a ocupação de um espaço físico em tudo oposto às barracas nas quais vivem os pobres que lhes pedem auxílio. “Antigamente recebiam todos os dias, mas eram tantos os portugueses que os procuravam, para pedirem emprego ou para se lamentarem, que os padres, que são quatro agora, não tinham tempo senão para tratar de empregos” (p115).

Quanto à exploração, também esta obra regista o caso de um português que enriquece à custa dos seus conterrâneos:

[...] como foi o primeiro a chegar aqui e ninguém se interessava pelo terreno, começou a dizer-se dono de Champigny e a alugar bocados de terra para os portugueses que queriam construir barracas para se abrigarem.[...] Em poucos anos enriqueceu. Tem uma quantidade de carros e anda sempre acompanhado de dois dos seus empregados, fortes e mal-humorados, que convencem os locatários mais recalcitrantes a serem pontuais no pagamento. (*A salto*, p98)

Associada à falta de escrúpulos, surgem os meios coercivos, a violência, e o medo do qual fugiram é substituído por outro. Não se toleram atrasos no pagamento das rendas e nem o facto de ter conhecido a mesma sorte o demove. Não se tratará de um comportamento isolado, como prova a observação de Zé Inácio para Toino: “Aqui vale tudo, menos tirar os olhos! E os patrícios não são aqueles que menos temos a recear!” (p122).

Relativamente a este ponto da nossa análise, a imagem proposta por Olga Gonçalves é muito semelhante à dos autores precedentes. Também a sua obra refere-se aos familiares que servem de intermediários para o expatriamento. Assim, Angélica partilha: “[...] o meu sobrinho, o Luciano, o filho da minha Cacilda, foi aos quinze anos para França. Levou-o um primo de Paredela do Rio há muito naquelas terras a trabalhar nos comboios” (p33). As associações portuguesas de várias ordens são igualmente mencionadas: “Associação

Portuguesa de Clichy [...] Associação Jovens Trabalhadores Portugueses de Ivry [...] Associação dos Chauffeurs Originários de Portugal. [...]” (p129). E as próprias autoridades francesas participam na receção e orientação da mão de obra que chega ilegalmente ao território:

Quarenta e sete homens. Apareceu logo a polícia que mandou chamar patrões para todos. Patrões para nos darem trabalho. Não se esperou nada, vieram mesmo ali ao cais. Deram-nos de comer, deram-nos de beber, deram-nos lanche prò caminho. Digo-lhe que nos foram até pôr no comboio [...] tinha pedreiros, tinha serventes, tinha de tudo. Eu? Eu de estucador [...] (*Este verão o emigrante là-bas*, p78)

Cientes das necessidades do país em termos de mão de obra, as autoridades, não só fecham os olhos como também alimentam e encaminham os trabalhadores. E mais uma vez, os postos mencionados estão ligados à construção civil. Em contrapartida, “[...] nunca a embaixada portuguesa se interessou pelos emigrantes a nível de os defender” (p131).

Como que movido por um rancor antigo, recordando todos intervenientes na sua viagem a salto, o entrevistado aponta o dedo aos exploradores:

Deram aos quarenta e aos cinquenta contos para vir para cá. E quem lhe disse que não foi exploração? E da grande! Pelos portugueses também. E pelos espanhóis. E pelos franceses. Por todos. [...] Ou a senhora julga que um homem não sabe que está a ser levado? Finge é que não entende! (*Este verão o emigrante là-bas*, p108)

Para este emigrante, a exploração não começou apenas quando chegou a França. As suas palavras servem de denúncia de todos os que de alguma forma foram lucrando com o fenómeno. No entanto, não aceita a imagem do emigrante vítima ingénua e ludibriada. “Fingir que não entende” é a opção escolhida por quem sabe que é a única maneira de chegar onde quer. É também com muita lucidez que se refere ao aproveitamento de mão de obra barata para não ceder a reivindicações de aumentos salariais: “Olhe que o poder, esses lá do alto, serviram-se de nós para os de cá não lhes pedirem mais ordenado [...]” (p102). Continuando o seu acerto de contas, desabafa:

Do espanhol que me explorou quando aqui cheguei. Sim, o que me alugou a primeira habitation. Por bom dinheiro. A gente aceitava, então!, não tinha outro remédio, não tinha onde ficar. [...] Mas aquilo era demais. Os ratos de noite a passarem-me por cima da cara. [...] Explorados foi sempre a nossa condição. [...] Qual Emigração! Ora! O Consulado? Ó minha senhora, ao Consulado não devo obrigações nenhuma. (*Este verão o emigrante là-bas*, p107)

Mais uma vez nos explica: não foi ingenuidade, foi falta de escolha e de uma assentada, denuncia a apatia das autoridades portuguesas em território francês. “[...] e isto pra resumir a vida do emigrante? – quando uma pessoa arriva aqui não é pra encontrar grandes confortos, grandes libertações, é para ser espezinhado” (p136).

São principalmente os sentimentos que dominam os versos de Amândio Sousa Dantas. Da sua poesia da emigração retiraremos duas criações por se apresentarem como os únicos momentos em que o poeta se refere concretamente à experiência que foi o seu desterro.

O QUE SE GANHA

aqui se perde
aqui se ganha
o que se perde

aqui se ganha
aqui se perde
o que se ganha

(aparente
contradição) [...] (p24)

Este poema refere-se concretamente ao principal objetivo da emigração: ganhar dinheiro. A sua construção assenta na repetição ao nível do ritmo, da métrica, da estrutura, do sentido e da oposição entre “ganhar” e “perder” – mesmo que aparente. Esta construção traduz ainda a repetição dos dias de trabalho do emigrante, a realização da mesma rotina, da mesma tarefa, dia após dia, numa luta sem fim para melhorar a sua existência. Se ali se ganha o que se perde, não se ganha nada e se ali se perde o que se ganha, o resultado é o mesmo. A mensagem transmitida será a da inutilidade dos sacrifícios associados à experiência do exílio. Vejamos agora o segundo poema seleccionado:

HOJE ASSIM NOS VENDO

Hoje
assim nos vendo
pela Europa
obreiros

por altos telhados e
linhas
de montagem
[...]
portugueses
todos [...] (p55)

O sujeito poético usa a palavra para falar em nome de um grupo do qual faz parte. A primeira estrofe apresenta-nos o tema do poema: os emigrantes que apelida de “obreiros”, insistindo no propósito da sua saída do país de origem, o trabalho. Esses obreiros que hoje vê pela Europa são os emigrantes nos vários países de acolhimento. A segunda estrofe traz-nos a indicação das tarefas que lhes são destinadas: a construção civil e a fábrica. Por fim, indica a nacionalidade destes trabalhadores. O advérbio inicial assim como o tempo verbal utilizado, transmitem-nos a ideia de que o sujeito poético faz uma constatação e não uma apreciação. É um retrato da realidade: hoje, os portugueses trabalham em todos os países da Europa.

A sujeição dos trabalhadores emigrantes portugueses é igualmente retratada em “Nós dobrados...”: Nós / dobrados / ao vento de outros povos / até dizemos / que o nosso chão / não dá nada [...] (p43). Estes versos esboçam a imagem do indivíduo de costas curvadas por ventos que não são dele, ou seja, na sua condição de estrangeiro. Os três últimos versos evocam as razões da partida: a terra não alimenta os seus filhos. Em “Quem resiste”, sobressai a representação do trabalhador enclausurado por “altos muros”, pela “fábrica” (p16). Na sua representação do fenómeno emigratório Amândio Sousa Dantas insiste nos sentimentos que lhe estão associados: a angústia, o sofrimento causado pela ausência, a solidão.

Para finalizar a nossa análise do presente motivo, deter-nos-emos na obra *A Salto*, primeiramente por ser a que maior número de avaliações apresenta, e seguidamente pela particularidade de ser, de todas as obras da autora, a única cuja circulação em território português não foi interdita.

As apreciações positivas e que justificam a emigração, apesar de sumárias, existem. “A França é um porto de abrigo para muitos rapazes da nossa criação que têm ambições e não querem sujeitar-se a ganhar só para a broa” (p28). Destas palavras depreende-se a visão do país associada à esperança de um futuro mais sorridente para jovens que têm uma vida pela frente mas cujos sonhos estão toldados por salários miseráveis e liberdades amputadas. A França é tida ainda como a prova de que é possível trabalhar com dignidade e sendo respeitado: “dos patrões só dependemos para que nos paguem os ordenados” (p28). No entanto, a experiência vivida por Toino revelou-se bastante negativa. A descrição da sua passagem pelo *bidonville* denuncia um processo de animalização dos seus residentes. “- “Bons dias!” Poucos foram os que responderam à saudação” (p105), “É noite ainda, quando nos levantamos; [...] é noite, quando partimos da fábrica ao acabar o trabalho. Há

semanas que só vejo a luz do sol ao domingo! Aqui, em França sinto-me como se me tivessem enxertado em morcego!” (p125). E rapidamente chega à conclusão: “Quando vim para França, julguei que vinha para desenrascar a vida, mas vejo que a compliquei. [...] Como amaldiçoo o dia em que decidi partir para França” (p128).

Vejam agora as últimas considerações tecidas pela personagem e selecionadas por nós:

O que eu ganhei em vir para França? Enquanto aqui estive, em casa, segundo parece, tudo correu pelo torto! O filho deixou de estudar, a mulher está doente, e os campos vou encontrá-los mal tratados. Cansei-me, perdi tempo e dinheiro; o pouco que levo é para acabar de pagar o que me emprestaram para vir. Lindo negócio que fiz! (*A salto*, p167)

Este excerto em tudo se parece com propaganda anti emigração. A experiência de Toino será um exemplo dissuasor. A mensagem é clara: o pai, chefe da família deve zelar pelos seus e não pode fazê-lo se estiver longe.

Por fim, dando mais uma pegada breve em solo literário francófono, a fim de averiguar que tratamento é dado ao fenómeno, citaremos Brigitte Paulino Neto:

Rue Garibaldi, à Saint-Ouen, mon frère et moi: le soir venu, chacun escorte la petite misère de l'autre jusqu'à la porte des waters et, même si c'est le même palier, un pas bien grand palier où l'on trouve au retour, la ressource d'un sprint avant de claquer la porte à la barbe de ce qui pourrait y traîner d'épouvante.[...] (*Dès que tu meurs, appelle-moi*, p67)⁴⁵

As personagens não residem no *bidonville*, a sua habitação será antes parecida com a de Madame Santos de Olga Gonçalves: um edifício nos arredores próximos de Paris. É o segmento: “chacun escorte la petite misère de l'autre” que nos transmite informações sobre as condições de vida destas crianças e por consequência, da sua família. “La petite misère”. A miséria é pequena porque é proporcional ao indivíduo, no entanto, sendo caracterizadora de uma criança, torna-se total.

⁴⁵Tradução livre da autora: “Na Rua Garibaldi, em Saint Ouen, o meu irmão e eu: à noitinha, cada um escolta a pobre miséria do outro até à porta da rerete e, apesar de ficar no mesmo piso, não muito grande até, onde encontramos no regresso, força para um *sprint*, antes de bater com a porta na cara de qualquer terror que lá poderia andar.”

3.3A viagem: “o salto”

“Se nos cortarem as asas, iremos de rastos. Estamos habituados a tudo.”
(Esperança, *Fronteiras*, p8)

Citando Machado e Pageaux, “A viagem é uma experiência do estrangeiro [...]. É simultaneamente uma experiência humana singular, única, inconfundível para aquele que a viveu e um testemunho humano que se inscreve num momento preciso da história cultural de um país: o do viajante” (2001:33). Tradicionalmente representa a passagem entre o “cá” e o “lá”, entre o “antes” e o “depois”, entre o sonho e a realidade. Para os portugueses que tomaram a decisão de emigrar nas décadas de 60 e 70, e o fizeram clandestinamente, a viagem fez parte da aventura do desterro, e “o salto” tornou-se um dos símbolos desta emigração. Diz-nos Vieira que “quando uma língua estrangeira incorpora uma palavra que pertence a outro idioma, esta detém uma força expressiva que não tem um equivalente suficientemente forte, [...] na língua que a adopta” (2007:5). “O salto”, conhece então a mesma sorte que “a saudade” ou “o fado”.

Buescu afirma que que “o tema da viagem como errância peregrina e sem destino [...] recebeu a partir do Romantismo, uma configuração mítica sustentada pela consciência da perda de um eixo estruturador da vida e do mundo [...] (2013:98). De facto, os sentimentos de perda e desamparo, aliados às condições precárias em que se realizaram estas deslocações agregaram ao termo “viagem” no contexto da emigração portuguesa clandestina, aceções específicas. “O salto”, mais do que uma viagem até à França, é um desafio lançado à vida.

Não se encontram vestígios desta faceta da emigração na poesia de Amândio Sousa Dantas, e apenas umas breves referências em *Este verão o emigrante là-bas*. Em contrapartida, verifica-se uma profusão de informação nas restantes obras em foco.

Entre analepses e prolepses conseguimos recompor o salto narrado por Maria da Soledade – uma das suas viagens de emigrante.

Quando mal se precatara, o passador prevenira-a de que o “carrego” máximo que poderia levar, dessa vez, seria o de sete pessoas. Assim lhe dissera o seu sócio espanhol, já comprometido com outros emigrantes [...]. “ [...] ela que escolhesse os seus protegidos, sem esquecer que, dos dez contos que custava cada “frete”, ele cobriria três na hora de saírem da aldeia. Entregariam o resto em terras de Espanha. (*Fronteiras*, p85)

O excerto apresenta-nos uma das figuras importantes associadas à temática: o passador. Era quem organizava as viagens, quem tinha os contactos, quem estabelecia os preços, quem recebia pagamentos. A passagem clandestina de emigrantes é garantida pela existência de uma rede organizada que cobre os territórios dos três países envolvidos. Os emigrantes passam de mão em mão: “passada a fronteira entregaram-nos ao sócio espanhol e mais tarde “apresentaram-lhes dois passadores franceses, e ala!” (100). A forma como o negócio se apresenta – entrega de parte da quantia em momentos diferentes – aparenta atestar da confiança merecida por ambas as partes. Existiam ainda outras formas de garantir o pagamento e o serviço: “[...] fora entregue a cada qual o recibo da quantia que desembolsara. Mostrá-lo-iam, depois a quem tomasse conta do ranchinho e entregá-lo-iam ao último” (p90).

Na sua descrição do “salto”, Assis Esperança reproduz a difícil caminhada destes homens e mulheres. Acompanhem-nos:

[...] atravessaram o rio-fronteira, a água a chegar-lhes até um pouco abaixo das virilhas. Forte a corrente, e antes que qualquer deles escorregasse e caísse [...] (*Fronteiras*, p85)

[...] aquela primeira caminhada seria de horas e fã-la-iam através de terras semeadas de trigo. Recomendara a fila indiana[...]. Toca a marchar, pisando novamente, terreno lavrado. (*Fronteiras*, p86)

Caminharam ao longo da linha férrea, mas não tardaram em enviesar os passos para mais veredas de montanha [...] Desceram para um vale, [...] ordem de se alapardarem num barranco ali próximo [...] (*Fronteiras*, p88)

Numa ladeira cascalhenta que começaram a subir, [...] na descida [...] Depois das oito da noite, duas mudanças de local [...] às dez, [transpuseram] um murozito de malhada.” (*Fronteiras*, p89)

[...] toca a marchar, a inclinação e a humidade do terreno a exigirem passos cautelosos [...] O caminho a estreitar cada vez mais, prestes se tornara forçoso que o percorressem em fila indiana, e adeus a auxílios de qualquer género, ou não houvesse, cada qual, de se preocupar consigo próprio” (*Fronteiras*, p100)

[...] Numa volta do caminho, [...] a goela escancarada de um precipício [...] (*Fronteiras*, p101)

[...] Não tardaram a descer mais uma encosta, ora um, ora outro dos clandestinos a tropeçarem em pedregulhos, ou a escorregarem na lama. (*Fronteiras*, p102)

Ao atentarmos nos verbos usados para narrar a viagem – “atravessam”, “escorregasse”, “caísse”, “marchar”, “pisando”, “caminharam”, “enviesar”, “desceram”, “alapardaram”, “subir”, “transpuseram”, “marchar” “descer”, “tropeçar”, “escorregar” – verificamos que reproduzem o caminho percorrido por campos, montes e vales. Se destacarmos os nomes referentes à paisagem que acompanha a jornada, constatamos uma diversidade que é fruto

da longa distância percorrida: “rio-fronteira”, “água”, “corrente”, “terras”, “terreno”, “linha férrea”, “veredas”, “montanha”, “vale”, “barranco”, “ladeira”, “descida”, “murozito”, “inclinação”, “encosta”, “pedregulhos”, “lama”. O perigo surge como parte integrante da viagem. De facto, atravessam o rio com “água um pouco abaixo das virilhas” e com “forte corrente”, mais à frente, a “inclinação do terreno” exige cautela, de seguida, o caminho afunila-se deixando cada um por sua conta e finalmente ladeia um “precipício”.

Algumas etapas do caminho são realizadas recorrendo a meios de transporte, como por exemplo o carro: “[...] de pronto o automóvel ganhara velocidade de corrida em pista, guinchando nas curvas da estrada, as árvores e as barreiras do terreno como a deslocarem-se ao seu encontro para lhes vedarem a passagem [...]”. (pp90-91) O retrato de uma natureza hostil e personificada ganha vida para se transformar em mais um obstáculo. Esta imagem já encontrada no segmento de frase: “goela escancarada de um precipício” surge ainda na passagem: “[...] a névoa a cerrar-se e tão rasteira que, à distância de dois metros, tudo e todos tragava”(p101).

Com os homens e mulheres que constituem o grupo, verifica-se o processo inverso. Enquanto a natureza é personificada, os emigrantes são desumanizados: “Para se ressarcirem, tropa fandanga, ciganagem sem préstimo, ou saltimbanco de aldeia que pedissem agasalho, encafuaram-nos no curral, o tojo e feto à discrição” (p103). Assimilados num primeiro momento a marginais sem eira nem beira, é como animais que por fim, são tratados. Encontramos ainda outras referências idênticas: “[...] não tardara que lhes abrissem a porta de comunicação com o palheiro. – Vão lá encontrar compatriotas vossos. E ainda virão mais alguns até amanhã à tarde” (p92), ou “os três dias do limite para a permanência no curral a sair-lhes certo, fora ao começo da noite que o ranchinho reiniciara as caminhadas (p105), e “[...] onde haveria água? “- Bebedoiros de gado, sim! Topá-los-iam mais além [...]” (p86). Detenhamo-nos por fim no seguinte excerto:

Muitas horas para ali encafuados, o cheiro do suor dos corpos a assemelhar-se ao bedum dos chibos em crise de cio [...]. Uma camioneta para o transporte do gado cavalari fora encostada à porta da estrebaria, um oleado de grandes dimensões a cobrir os altos taipais e ainda, a passar-lhes por cima, de um lado ao outro, como precaução para quando chovesse ou nevasse, uma camada de estrume, no chão do carro, a disfarçar, pelo cheiro, a natureza da carga. Foram várias as proibições: “- De cócoras, todos, ou sentem-se nas maletas. De pé, ninguém! E nada de falatórios ou ruídos: mudos e quedos, ouviram?, quando atravessarmos qualquer localidade. Se não, deixaremos na estrada os desobedientes. Arranjem paciência para três horas, e, cautelinha! [...] Arriscamos a liberdade. (*Fronteiras*, p98)

Vários pontos merecem a nossa atenção. A animalização continua com a alusão ao “cheiro a bedum dos chibos em crise de cio” e a referência ao transporte habitualmente utilizado para “o gado cavalariço”. Se atentarmos na movimentação do “ranchinho”, constatamos que passa da estrebaria para uma camioneta cujo chão foi coberto de estrume. Enquanto no curral, o tojo à disposição os impedia de descansar o corpo moído da caminhada, agora, na camioneta, durante três horas, vão ter que aguentar curvados, “de cócoras” ou sentados “nas maletas”, junto ao estrume. Simbolicamente, os emigrantes não se podem erguer. As últimas proibições remetem-nos para o silêncio.

Em *A salto*, a representação da viagem que deu o título à obra segue uma linha cronológica e apresenta alguns pontos comuns com *Fronteiras* de Assis Esperança. A figura do passador é apresentada na primeira pessoa:

Não é difícil atravessar a fronteira. Estamos habituados a fazê-lo. Há mais de 25 anos essa é a nossa tarefa de todos os dias. Há sempre homens para passar: os republicanos espanhóis, os resistentes franceses, mais recentemente os políticos da O. A.S. e, agora os portugueses. Se não fossem os clandestinos portugueses agora não teríamos com que viver. (*A salto*, p77)

Esta auto apresentação relembra-nos a sequência dos movimentos migratórios europeus. Recorrendo à lei da oferta e da procura, o passador justifica a sua atividade – “há sempre homens para passar”. Também nesta obra se constata a existência de rede organizada da clandestinidade na qual o passador é definido como o “[...] elo de uma cadeia de um novo tipo de modernos negreiros bem organizados, com ramificações nas mais ignoradas aldeias portuguesas [...]” (p88). Tudo está devidamente planeado, todos os contactos foram estabelecidos: “Lá do outro lado, em França, terão uma camioneta e o passador francês lá estará à vossa espera” (p78). No entanto, muitas histórias são contadas e por essa razão, a desconfiança desponta: “[...] é perigoso e arriscado. Podemos ficar sem o dinheiro e ainda por cima ser presos” (p29), e sabe-se que há casos em que “[...] os passadores, depois de terem o dinheiro no bolso, abandonavam os portugueses na serra” (p73). Como o oposto também acontece, um passador explica-nos o “sistema do retrato”: “[...] Corta-se o retrato ao meio, eu fico com uma metade e a outra metade é a que eles enviam para a mulher, para dizerem que chegaram sãos e salvos ao seu destino, e que me pode pagar o que me ficaram a dever” (p42).

A natureza personificada desempenha papéis dúbios:

[...] Instintivamente, os homens olharam para trás, procurando ver o caminho que tinham percorrido. As árvores recortadas, espantalhos escuros contra o negrume da noite, pareciam vultos estranhos ali colocados para facilitar uma emboscada, encobrirem aqueles que fugiam ou ajudarem a esconder-se aqueles que os procuravam. (*A salto*, pp57-58)

Olhar para trás, poderá ser olhar para o caminho percorrido, isto é, para o passado que se deixa. Neste caso, “as árvores, espantalhos escuros”, “vultos estranhos” representam de uma forma geral, os motivos que levaram aqueles homens a emigrar. Se atentarmos nas palavras “escuros”, “negrume”, “noite”, “vultos”, “estranhos”, “emboscada” e “esconder”, verificamos que remetem para a ideia de desconhecido e despoletam o “medo”. Constatamos ainda que aquelas árvores tanto podem ser aliadas como inimigas. Essa incerteza poderá ainda ser um eco de uma outra incerteza, não quanto ao passado, mas quanto ao futuro que espera os homens que caminham entregues a quem não conhecem, para um país incógnito. Num outro momento, a natureza acompanha o grupo de emigrantes: “Os troncos inclinavam-se, contorciam-se, dobravam-se, como dobrados iam aqueles homens que desciam pelos caminhos da serra. Dobrados pelo peso, pela pressa, dobrados pela angústia da incerteza!” (p58). Desta vez, a comparação é explícita. Os homens são como os troncos dobrados, inclinados e contorcidos, pelo esforço, pelo sofrimento, “pela angústia da incerteza”. A adjetivação permite retratar os sentimentos de quem caminha e cujos passos vão pautando a frase num processo aliterante – **pelo peso, pela pressa**. E assim como não sabiam o que esperar do futuro, “o olhar dos homens não conseguia ultrapassar a escuridão da noite sem lua” (p57).

Também nesta obra, a viagem apresenta-se como um processo de desumanização. Vejamos: “[...] Toino seguia na bicha, integrado naquele rebanho de homens (p59), “Vão ficar alojados numa quinta e partirão de novo ao pôr-do-sol.” Esperava-os um palheiro para dormirem” (p70), e ainda:

Os homens curvavam-se para poder atravessar a porta do palheiro, que, antes de ser utilizado para etapa de emigrantes clandestinos, deveria ter servido de estábulo, tal o cheiro fétido que ali reinava, um cheiro de putrefação misturado com amoníaco das urinas atrasadas. (*A salto*, p63)

De forma reiterada reencontramos a imagem simbólica do homem curvando-se em sinal de submissão. O estábulo em vias de transformação mantém no entanto as características que o ligam à bestialidade. Os homens, também eles em processo de mutação, aceitam o estábulo por guarida e inclinam-se para entrar. O trato por parte dos

outros também os vai colocando no limiar da humanidade: “Dizem-nos que nos alimentam durante a viagem e trazem uma comida pior da que em minha casa dava às galinhas!” (p64)

Enquanto vão avançando rumo ao futuro, vão pensando e são estes os resultados das reflexões de Toino: “Se todos estes sacrifícios me servirem para melhorar a vida, dou-os por bem empregados. Mas... se não conseguir chegar a França, se for preso no caminho? Se chegar a França e não encontrar emprego?” (p67) A construção anafórica tem o propósito de evidenciar as dúvidas e incertezas que assolam a personagem. E o narrador conclui: “Mas esta viagem [...] ficaria para sempre gravada na memória dos que a haviam empreendido como uma recordação de suplício e de pavor” (p80).

No que se refere à viagem em si, “eram vinte e oito fugitivos, cheios de ilusões, que procuravam chegar a França!” (p59). Em *Fronteiras* a travessia do rio faz com água até às virilhas, neste caso, “as malas foram colocadas à cabeça” (p58). Foram informados: “a camioneta está à nossa espera em Ciudad Rodrigo. Mas, de aqui até lá, terão ainda de andar trinta quilómetros. Temos de atravessar a serra.” (p60)

O caminho era cada vez mais ruim e mais íngreme [...] o cansaço dos homens obrigava-os já a escorregarem, e a semear pelo caminho os garrafões e outros objectos que transportavam. As pedras resvalavam em sentido inverso ao do caminho dos homens, batendo contra outras mais firmes e contra as pernas daqueles que se atrasavam (*A salto*, p62)

A repetição “mais ruim e mais íngreme” reproduz a difícil ascensão destes vinte e oito homens que, à medida que escalam, vão abandonando os seus pertences. Sem nada chegarão ao seu destino. Insistindo da inclinação acentuada da serra, é-nos dada a indicação de que as pedras resvalam e, novamente surge a natureza inimiga que apedreja os homens. “Numa viagem feita nestas condições, uma escorregadela é um perigo, pode trazer a morte” (p65).

O táxi será um outro meio de transporte utilizado:

Numa quinta que ficava próxima de Salamanca, os homens, aos seis e sete repartiram-se por cinco táxis”. Fazem uma paragem num bar e “ao sair do bar, Toino notou que o Júlio do tasco passara uma nota para as mãos do motorista do táxi, compreendendo a exploração de que ele e os companheiros de viagem tinham sido vítimas, e prometendo a si próprio nunca mais fazer despesas durante a viagem, mesmo se morresse de fome.” (*A salto*, p71)

O excerto permite a visualização do funcionamento desta rede organizada que não se limita ao encaminhamento dos emigrantes mas também engendra outras formas de os explorar ao longo do caminho. Passando do táxi para a camioneta, o grupo segue viagem:

Aqui a guarda é muito perigosa, por isso têm que viajar escondidos debaixo dos tijolos. [...] escondidos na camioneta encontravam-se já uns quinze emigrantes clandestinos portugueses, que tinham vindo de Monção e atravessado a Galiza. Seguiam mais de quarenta homens, arrumados no incómodo esconderijo [...] (*A salto*, pp72-73)

Estes quarenta homens continuam rumo ao seu destino, enclausurados, “debaixo de tijolos”, como que premonitoriamente! Por fim,

a camioneta parou [...] a viagem lá continuou, mas agora a pé [...] já na província basca espanhola. [...] Quilómetros adiante, amontoaram-se mais uma vez dentro de táxis. [...] Poucos quilómetros depois, o automóvel parou. [...] – Desçam! O resto do trajecto tem que ser feito a pé (*A salto*, p75).

Obedientes, entram, saem, entram, saem e à medida que se aproximam do seu destino, o ritmo vai-se apressando. “Aligeirados pelo optimismo da boa nova os homens, outra vez a pé em fila indiana, seguindo o guia, iniciaram nova caminhada, subindo e descendo as ladeiras abruptas [...]” (p76). A esperança permite recobrar forças para uma jornada que continua da mesma forma, somando já “seis dias intermináveis [...] de uma viagem que ainda não tinha acabado” (p76). E depois vieram os montes, as florestas e os vales até à estrada de Baiona, onde os esperava “um vulgar camião descoberto, utilizado habitualmente para o transporte de gado [...] Estava excluída a hipótese de viajarem durante o dia. [...] (p80).

Desta vez foram albergados numa casa, que deveria ter sido propositadamente equipada para estas etapas e cujas divisões tinham sido transformadas em camaratas, com cinco camas, verdadeiras camas, e não num palheiro ou curral, como aqueles em que tinham pernoitado em Espanha. [...] De manhã comeram um bom pequeno-almoço e, ao escurecer, quando de novo reataram a viagem, receberam excelentes sandwíches de queijo. (*A salto*, pp80-81)

Que contraste se pode desde logo estabelecer entre esta refeição e a que foi servida ainda em território espanhol: “Ali, distribuíram aos 28 homens uma refeição intragável, um café imbebível e um pão impossível de roer” (p70). Apesar do meio de transporte continuar a estar associado ao transporte de animais, a esperança de que algo poderá

melhorar aparece. E quando o meio de transporte melhora, as descrições da paisagem também surgem: “O camião seguia por longas rectas, onde passavam e ultrapassavam, a grande velocidade, centenas de automóveis e camiões enormes, que pareciam vagões [...]” (p82), como se cientes de que o fim está próximo, deixassem os pensamentos e observassem o mundo à sua volta. “[...] sabiam que a viagem acabaria sem outras surpresas, seguiam contentes, tendo esquecido as aflições passadas” (p82). Porém, um companheiro de Toino desabafa: “Faz hoje exactamente oito dias que saímos de casa. E pensarmos nós que os doutores, aqueles que têm dinheiro e a quem concedem passaportes [...] metem-se num avião e duas horas depois estão em Paris!” (p82) É o sabor amargo da injustiça que desponta nestas palavras. Finalmente começa a contagem decrescente:

[...] 80 quilómetros! 50 quilómetros! 30 quilómetros! E, finalmente, faltavam 15 quilómetros para chegarem a Paris. Para não pensarem no frio que os fustigava, para terem uma ilusão de movimento, impulsionados pela alegria do próximo fim da viagem, os infelizes que seguiam apinhados no chão do camião, sem qualquer resguardo que os protegesse do vento gelado do fim da noite, começaram a bater palmas, acompanhado o ritmo de uma canção, cantada por voz desafinada e depressa acompanhada em coro.

Ó Rosa arredonda a saia! Ó Rosa arredonda-a bem!

Paris, 10 quilómetros! [...]

A saia da Carolina [...] (*A salto*, pp83-84)

A gradação descendente da contagem dos quilómetros é acompanhada de mais uma descrição que desta vez inclui não só a paisagem como também o clima. Já chegaram a França e por isso, o frio fustiga-os porque não têm nada que os proteja “do vento gelado do fim da noite”. Estes emigrantes chegam ao seu destino desamparados, flagelados pelo frio e pelo vento mas de cabeça erguida porque a noite chegou ao fim. E Toino faz uma promessa: “Não me arrisco a outra viagem! Só se viajar de comboio, como gente, e não num camião de bestas” (p86).

Pouco a pouco, a noite tornou-se menos densa, deixando ver a fina camada de neve que cobria as árvores. A luz da madrugada cinzenta, filtrada por um céu de nuvens escuras, fazia adivinhar o nascimento de um dia triste de Outono. Lá ao longe, já não muito longe, desaparecia a iluminação das janelas das casas da grande cidade que avistavam. (*A salto*, pp86-87)

Ao finalizarmos esta viagem, da “luz da madrugada cinzenta” surge Paris. A descrição desta cidade opõe-se à alegria presente na canção dos emigrantes que, apesar do frio e do vento, apesar do cansaço e do sofrimento passado, acreditam que a vida lhes vai finalmente

sorrir. “O céu de nuvens escuras, fazia adivinhar o nascimento de um dia triste de Outono” e talvez também vaticine uns dias tristes de exílio.

Este verão o emigrante là-bas, apresenta-nos uma forma diferente de chegar ao território francês. Diz-nos uma das personagens entrevistadas: “O pai dela foi pra lá, coitadinho, foi a nado no rio” (p33) e explica: “Arranjava-se uma traineira, um truquezito, dava-se volta à Espanha, entrava-se no Golfo da Biscaia, e achava-se a gente em terra” (p77).

[...] que outros iam a salto! Com um cartão de identidade, ou mesmo até com um cartão de futebol, passava um homem a fronteira. Era, estava-se na fronteira. Daí seguia-se depois, era em camionetas, assim como a gado. Nesse ponto valiam-nos os ‘passadores’ quero eu dizer, os homens que nos contratavam para nos pôr em França. Os ‘passadores’ é que tinham os conhecimentos. (*Este verão o emigrante là-bas*, pp77-78)

A ausência de controlo nas fronteiras ou a conivência das autoridades, camionetas usadas de transporte de gado usadas para o transporte de pessoas, passadores responsáveis pela organização do salto, são os pontos comuns a todas as descrições.

Outra testemunha dá o seu contributo: “- Eu? Vim a salto. Foi a salto, foi. Dei mil escudos para me passarem para Vilar Formoso [...] Que tive que gramar um dia inteiro para as autoridades espanholas me darem salvo-conduto” (p108). Enquanto Portugal dificultava a saída do território, as autoridades dos países vizinhos, resolviam as questões dos emigrantes. Em Espanha, esperou um dia para conseguir o documento, em Portugal, não obteve nenhum.

“[...] eu quando vim a ter com o Francisco não trovei dificuldades na fronteira. Nem trovei⁴⁶ vigia nem nada. Não deviam já importar-se com nós” (p109). Esta frase, uma das últimas que se referem ao salto, mostra como o fenómeno era tido como natural e plenamente aceite, por todos.

Viajeiros do espaço, estaremos todos a bordo da biosfera? Poderemos entrar no orvalho dos fetos, percorrer as paredes dos frutos?, numa laranja, num diospiro, receber interior a imagem de rubi? I cannot believe that God Plays dice with the Cosmos⁴⁷. Saberemos talvez amanhã os ritmos da terra.” (*Este verão o emigrante là-bas*, p112)

⁴⁶ “não encontrei” (adaptação do verbo Trouver: *encontrar*)

⁴⁷ Não acredito que Deus se sirva do cosmos para jogar aos dados (nota da autora em *Este verão, o emigrante là-bas*)

“Viajeiros do espaço” somos todos nós. Quem não está na biosfera? Trata-se de um convite para a descoberta do mundo, para a descoberta de si; um convite que anula as diferenças e recorda a origem una – a terra – e a consequente interligação dos seres humanos.

3.4 Choque cultural e choque linguístico

*« Falta de consideração pelo português terem o nome do fulano nesta estação. Não ouviu? [...] Gare Salazar. [...] Ou Saint-Lazare, que mais tem? Soar, soa ao mesmo. Vir a gente de tão longe, e volta não volta, a bater-nos no ouvido o nome do gajo !
(Gonçalves, Este verão o emigrante là-bas, p147)*

3.4.1 – O choque cultural

« Selon la Chambre du Commerce et de l’Industrie franco-portugaise, il y aurait en France plus de 45 000 entreprises créées et dirigées par des Portugais. [...] depuis que les Portugais peuvent voter aux élections municipales, le nombre d’élus ne cesse d’augmenter » (VAZ, 2013 : 69)⁴⁸. São declarações que demonstram o êxito do processo de integração dos emigrantes portugueses e seus descendentes na sociedade francesa. No entanto, o mesmo autor refere que, em termos associativos se verifica uma estagnação no tempo, pois a imagem de Portugal que é cultivada e difundida, não corresponde mais à atualidade do país (*idem*:70). A sua ligação à terra natal esteve desde início presente. Diz-nos Gastaut que “Champigny-sur-Marne, lieu d’implantation privilégié de plus de 30 000 Portugais clandestins démunis est surnommé “Lisboa-sur-Marne” (Gastaut, 2000 : 96)⁴⁹.

Para além de uma deslocação espacial, esta emigração foi também numa deslocação social – que Dias considera traumática (1989:75). De facto, oriundos de zonas rurais e exercendo atividades agrícolas, estes homens e mulheres mergulharam no mundo fabril e urbano. Interroga Navarro: [...] que foram os trabalhadores encontrar lá fora, nessa França, sobretudo?” (1976:24). Responde: “Um clima de produção diferente, relações de produção

⁴⁸ Tradução livre da autora: “Segundo a Câmara do Comércio e da Indústria Franco-portuguesa, existem em França, mais de 45 000 empresas criadas e dirigidas por portugueses. [...] desde que os portugueses podem votar nas eleições municipais, o número de eleitos não para de aumentar.”

⁴⁹ Tradução livre da autora: “Champigny-sur-Marne, local de implantação privilegiado de mais de 30 000 portugueses clandestinos desamparados é apelidado “Lisboa-sur-Marne”.

capitalista, encontraram a mecanização, a luta sindical e política, enfim uma intervenção dos trabalhadores na vida do país que eles desconheciam. (*idem, ibidem*).

Os testemunhos vão variando mas o sentimento geral é o de maior liberdade:

Em França fazem greves e outras coisas, e vai a polícia não pode dizer nada a ninguém. E aqui em Portugal, se por exemplo quiserem fazer uma greve ou qualquer coisa, prendem logo a gente, ou batem ou matam. Nós os estrangeiros temos mais liberdade lá do que no nosso próprio país. (*idem:49*)

É a neve que marca os primeiros tempos de Maria da Soledade na cidade alemã de Herxheim e mais do que a ilustração de uma inadaptação ao clima, é a representação de um desenquadramento total da personagem.

Acordara, sensível ao arrefecimento nocturno [...]. Aventurara-se à neve, que não cessara de cair, cautelosos os passos, os sapatos de tacão alto a dificultarem-lhe o andar, os músculos das pernas a não tardarem a doer, ela a equilibrar-se mal por falta de treino. [...] A uma passada mais larga, acabara por cair. [...] Chorara [...].” (*Fronteiras, p44*)

Apesar dos cuidados para se deslocar, os seus tacões altos são completamente desajustados à situação. Os elementos distintivos de elegância feminina em Portugal tornam-se, naquele país, naquela cidade, naquela rua, fonte de ridículo e de sofrimento. O choro é o reconhecimento da sua inaptidão.

A adaptação à vida num país estrangeiro implica igualmente um conhecimento da sua cultura e linhas de pensamento. Há quem avise:

Por enquanto não corre esse risco: não conhece patavina de alemão, mas quando o fale ou entenda, finja acreditar no ressurgimento económico da Alemanha, não pelo auxílio substancial da América do Norte, mas, exclusivamente, pelas aptidões, qualidades de trabalho e de disciplina do povo alemão. Nunca, também arrisque opiniões, nem mesmo a do auxílio de mão-de-obra estrangeira, o “muro de Berlim” a agravar essa necessidade desde que faz as vezes de fronteira.” (*Fronteiras, p51*)

“Finja acreditar”, “nunca arrisque opiniões”! Se nos recordarmos que Maria da Soledade emigrara por desejo de viver onde fosse aceite pelo que valesse, percebemos que a experiência ficará aquém das suas expectativas. Quanto às características do povo alemão, as diferenças estabelecidas referem-se às leis sobre o aborto ou ao relacionamento entre homens e mulheres:

O aborto, na Alemanha Federal, é considerado criminoso, ou não imperasse, para os fins patrioticamente convenientes, a necessidade de aumentar a média da natalidade. Ora se a mulher solteira engravida, o caso é sério: ou o amante casa com ela, ou será obrigado a pagar-lhe cem marcos por mês. “ (*Fronteiras*, p59)

Esta informação ganha importância quando relembra a condição da protagonista na sociedade portuguesa. Maria da Soledade é “filha sem pai” e “mulher sem homem”. A situação que, em Portugal, marginaliza e exclui a mulher, na Alemanha, aciona leis protetoras que lhe garantem o sustento. O choque cultural acontece ainda nos relacionamentos entre os cônjuges:

Casara recentemente e confessou-me que lhe custava muito habituar o marido a entreajudá-la nas tarefas domésticas, ele apegado ao hábito de frequentar cafés onde aparecem os seus compatriotas. Não o contrariava mas, passada uma hora, ia lá buscá-lo. Não questionava: se ele queria ficar avisava-o de que ia passar a noite em casa de uma amiga: tantos direitos tens tu, como eu. (*Fronteiras*, p59)

Comparando com a tradição portuguesa, a diferença é abismal e o choque cultural acontece no seio do casamento. A mulher alemã é representada como decidida e consciente dos seus direitos. Calmamente, dirige-se ao local maioritariamente frequentado por homens, neste caso, estrangeiros, e impõe a sua forma de pensar. Este excerto denuncia ainda o comportamento dos emigrantes que teimam na sua reprodução de uma vida levada no país de origem.

Em Paris, onde a integração foi mais serena, afiguram-se-lhe grotescos os conterrâneos a quem serve de guia: “Gesticuladores, remirava-os quem lhes passava à ilhargia, Maria da Soledade a envergonhar-se de que a tomassem por engajadora daqueles pobretões de mau aspecto, barba crescida, algumas das maletas atadas com cordas” (p107). Assim como os tacões altos atrapalhavam a sua integração na pequena cidade de Herxheim, as roupas e as atitudes dos seus compatriotas colocam-nos à parte em Paris, “cidade luz”. Outros momentos existem em que os comportamentos deslocados dos emigrantes portugueses são apontados na obra, como eram apontados na rua. Vejamos:

A secção da Prefeitura da Polícia [...] Outrora ficava muito mais à mão, na Cité, mas os nossos compatriotas faziam-lhe bicha à porta desde a madrugada, levavam farnéis, ou não fossem eles passar, ali, todos o santo dia, falavam alto, gritavam tanto uns pelos outros, que os moradores se queixavam contra aqueles alaridos de turbamulta. (*Fronteiras*, p109)

Digno de reparo pela expressividade será o vocabulário referente ao barulho incomodativo: “falavam alto”, “gritavam tanto”, “alaridos de turbamulta”. Relembrando que o dito alarido era produzido numa língua desconhecida, que se lhe associava “a bicha”, os “farnéis”, e a hora matinal a que tudo iniciava, entende-se o incómodo causado aos moradores da Cité. Entende-se ainda a explicação quanto ao afastamento em termos físicos, do “outro” que se impõe com as suas diferenças e assim perturba a ordem estabelecida. Outra retaliação surge também como consequência de mais um comportamento considerado desajustado:

Para obrigar, quem chegasse, a respeitar a prioridade de quem já ali encontrara à espera de vez, varões de ferro, à laia de estreitos corredores, sulcavam todo o terreiro. Quer chova, quer vente, quer a geada caia ou o frio faça bater os dentes, é aguentar, ao ar livre, que o barracão se esvazie de quem ali se apresentara em obediência a preceitos cominatórios. (*Fronteiras*, p111)

Estas medidas que aparecem como que provindas de um desejo de civilizar, mais se assemelham a práticas de domesticação e o tratamento reservado em muito se parece com o já referido processo de desumanização. O vocabulário traz-nos de volta ao salto: “obrigar”, “prioridade”, “estreito corredor”, “terreiro”, “aguentar”, “barracão”, “obediência”, “preceitos cominatórios”.

Assis Esperança aponta ainda para outra alteração nas condições de vida de quem emigrou:

- [...] se esses homens saíram de Portugal por mor da política, procurem, na Rue de l'Arbre-Sec, próxima da saída do “métro” da Pont-Neuf, o “Centro de Organização dos Estrangeiros”. Dirige-a um padre que fez a “Resistência”. [...] Tratam da nossa documentação e procuram emprego para quem necessite de ganhar a vida. (*Fronteiras*, p112)

A ironia desponta ao verificarmos que existem casos em que a emigração significa o fim da clandestinidade no próprio país.

Na obra de Nita Clímaco, é o emigrante que apresenta as dificuldades encontradas no início da experiência.

Quando chegamos a Paris sentimo-nos um pouco perdidos. [...] Nos primeiros tempos, sentimos a falta dos amigos, temos saudades do bacalhauzinho, do bom chouriço e do azeite cá da terra. [...] O dinheiro ajuda a matar saudades, um dinheiro farto, ganho sem muito trabalho. [...] Lá a vida é outra. [...] (*A salto*, p27)

Rapidamente, elenca as carências e a compensação: por um lado, os afetos e a comida, por outro, o dinheiro. E assim, com base nesta apreciação e numa representação da França e dos franceses criada a partir de relatos idênticos que Toino parte em busca do seu destino. À semelhança de panfletos de propaganda turística, as descrições idealizam o país:

Comem-se patés deliciosos, uma coisa que aqui em Portugal só os ricos sabem o que é. A cerveja não é aos copos, mas às garrafas de litros. E é excelente e barata. [...] A alimentação é menos farta, mas cheia de vitaminas. (*A salto*, p37)

A chegada a Paris traz uma nova imagem: “Apesar da hora matinal, as ruas que a camioneta atravessava agora regurgitavam de gente. Homens e mulheres, apressados, envolvidos em espessos casacos, de golas subidas, caminhavam depressa, cruzando-se nos passeios” (p87). Estes homens e mulheres que desde cedo, enchem os passeios da capital, cruzam-se sem olharem uns para os outros. Apesar do número, não há indícios de diálogo. “Apressados”, “caminham com pressa”, os espessos casacos protegendo-os do frio e dos outros, as golas subidas esquivando-os a comunicação. “Toino tinha vivido sempre na sua aldeia, só uma vez fora a Lisboa, e para ele o movimento de Leiria já lhe fazia confusão e dores de cabeça. Nunca me habituarei a isto!” (p112). Para mais certezas, chegam relatos diferentes: “Uma vez [...] um homenzinho já com certa idade [...] Ao chegar aqui assustou-se tanto ao ver tanta gente e tantos automóveis, o metropolitano e os arranha-céus, que adoeceu e começou a falar sozinho, acabando por tentar matar-se [...]” (p112).

Mas ao chegar a Champigny, o choque é outro:

Quando os cinco homens saíram do táxi, mal puderam acreditar no que viam. Era como se, por magia, o táxi, num quarto de hora, os tivesse conduzido ao ponto de partida de uma viagem que levara uma semana a fazer, e os depositasse de novo em qualquer pobre aldeia portuguesa. Era a ilusão perfeita: os caminhos lamacentos estavam ladeados por casas pobres, com letreiros escritos em português. [...] E as pessoas eram as mesmas: homens de samarra igual àquela que todos eles traziam, mulheres levando à cabeça vasilhas de água, miúdos de pé descalço que corriam atrás uns dos outros. [...] – Se as casas estivessem caídas julgaria que tinha voltado à minha aldeia e que me tinham feito dar a volta ao mundo para chegar ao lugar de onde parti. [...] (*A salto*, p91)

Após oito dias de viagem e muito sofrimento, Toino está de regresso a casa. A diferença reside no aspeto descuidado das habitações que compõem o bairro de lata. Assim como nos dois primeiros capítulos realizou um círculo – reprodução do ciclo da vida – saindo de casa de manhã e voltando a casa à noite, regressa agora após uma ausência um

pouco mais longa. O estado em que se encontra o *bidonville* assemelha-se ao próprio estado da personagem. Entretanto, indiferente ao ambiente que os rodeia, e prova de que a tudo o ser humano se habitua, “um grupo de habitantes do bidonville, aproveitando um pouco de terreno plano, jogava à malha” (p94).

Relativamente às diferenças estabelecidas entre a sociedade portuguesa e a francesa, verifica-se a proteção social: “Aqui em França, um homem que tenha muitos filhos de nada mais precisa para viver. Os subsídios de família são muito elevados e um tipo com quatro ou cinco filhos ganha mais de abono que de ordenado [...]. (p108). No entanto, a nota final é negativa. Aponta novamente para a desumanização enquanto último resultado de toda a experiência. “As viagens são todas feitas por debaixo da terra. [...] - Então as pessoas vivem aqui como se fossem toupeiras?” (p113),

Aqui, até deixei de ser homem para passar a ser uma máquina. Faço os gestos que me ensinaram, mas não sei para que servem, falo e não me compreendem e, se me respondem, sei que me falam, mas não sei o que me querem dizer. (*A salto*, p145)

A desumanização iniciada com a viagem passou da bestialização para a mecanização. O diálogo entre culturas, entre indivíduos está totalmente impossibilitado.

Os testemunhos recolhidos por Olga Gonçalves apontam principalmente para a qualidade de vida da sociedade francesa quer ao nível dos direitos laborais, quer das regalias sociais. Diz-nos um dos entrevistados:

E aquilo é pra quem aguenta. Gelava. Nevava. Olhe tinha vezes que gelava tudo. Oh! Inda melhor, não se trabalhava. As massas estavam duras, as águas nem se fala, não se punha o pé na obra. Ficávamos em casa no descanso, e ainda por cima, a Caixa [...] pagava-nos seis horas. (*Este verão o emigrante là-bas*, p79)

Como não nos recordarmos de Toino que vivia com medo da chuva, do vento, da seca? Em França, em caso de intempéries, os trabalhadores estão protegidos assim como as suas famílias. “ Pois claro, a classe operária aqui está organizada [...]” (p103), “ Atraso, tudo atraso em que se viveu, mas diga-se a verdade: aqui abre-se os olhos, e só os tem tapados quem quer” (p160).

Também as mulheres apontam diferenças: “Aqui os homens aprendem de tudo, lá se ajeitam. Nada que se pareça a quantos estão lá em baixo” (p136). “Aqui” e “lá em baixo”: dois mundos que se cruzam em cada emigrante.

Eis que assim os vejo com as dificuldades próprias do lugar. Ou com maiores dificuldades. Como quer que eu assine?, à moda de cá ou à moda da França? Quero eu dizer: assino o cheque à portuguesa, ou como a gente assina lá? Não senhor, a gente lá mandam-nos assinar primeiro o prenome e depois o nome [...] (*Este verão o emigrante là-bas*, p83).

O choque cultural é assim trasladado. Ricos de experiências novas, adaptados a um país que os acolheu, os emigrantes não acompanham a evolução natural da terra natal. As dificuldades – maiores agora – manifestam-se doravante em sentido contrário. A sua forma de reação mostra o quão disposto ou habituado à mudança está: “Lá, mandam-nos assinar”, “aqui, como é que quer que eu assine?” Farão de acordo com o que for solicitado... sem problemas.

Para Amândio Sousa Dantas, o choque cultural acontece associado a um conflito interior/exterior. Os sentimentos estão em permanente contraste com o frio que rodeia o sujeito poético: “esta seiva / atirada p’ra fogueira / e este frio / que é preciso aquecer / por nosso lenho / (e nosso silêncio)” (*Do Fogo*, p19). Cada um deverá encontrar em si a força necessária para vencer a adversidade. A mensagem repete-se nos versos: “Este fogo e / esse rio / (em pele viva) / que em frio arde” (*Este Fogo*, p46).

O desamparo, a perda de referências espaciais e a consequente solidão são outros sentimentos associados ao contacto com um mundo estranho: “Penso que tenho uma porta / nos dias que vou saindo / mas o que dou é uma volta / entrando num labirinto” (*Penso que tenho uma porta*, p20), ou: “(assim os meus) / passos ressoam / pela noite estrangeira” (*Um quarto e a noite...*, p52), e ainda: “ali os rostos / todos / ao redor do silêncio” (*Ali os rostos*, p65).

Vejamos agora o poema *Tão longe os dias* por apresentar todos os matizes de adversidade da poesia do autor.

Estranha é a noite na cidade
parece que me falta o lugar
para abrir meu coração
(os passos na neve
quebram o silêncio)
e agora escuto
os risos que se soltam
às portas dos bares [...] (p68)

O sujeito poético apresenta-se inicialmente completamente deslocado e o sentimento de não pertença, impede-o de abrir o seu coração, de comunicar, remetendo-o ao silêncio e à solidão. Os seus passos, na neve constituem o único ruído a que se atreve. Em oposição

ao sujeito que está só, na rua, ao frio, em silêncio, estão os outros, a rir, nos bares, convivendo.

Contudo, registamos algumas notas positivas quanto à integração na sociedade estrangeira. Por vezes, pontualmente, existe harmonia. Por exemplo, no poema *Pelo céu da cidade* destacam-se os versos: “Por instantes / a mesma cor do tempo / estende-se pelo céu da cidade // o pão e o vinho do mundo / é agora / a minha casa [...] (p73). Por instantes, consegue viver sem ser nos seus pensamentos, agarrado às suas recordações, vivendo o momento e o espaço que o envolvem. O poema *Ode à Cidade*, em homenagem à cidade de Osnabrück, demonstra que o processo de adoção recíproca é possível.

3.4.2 O choque linguístico - o *portufrancês* ou o *françuguês*

Segundo Dias, “a génese de um dialeto da língua nativa entre um grupo minoritário estabelecido numa região onde prevaleça outro idioma é um fenómeno universal” (1975:75) e Buescu afirma que “a perda da língua materna e a sua consequente exotização são interpretáveis no quadro deste cosmopolitismo do pobre que tem recebido entre nós o nome de emigração: uma língua materna que se torna tão exótica como a ‘matéria autobiográfica que veicula’” (2013:47). A noção de “matéria autobiográfica veiculada” pela língua merece a nossa atenção. De facto, muitas “novidades” linguísticas correspondem a “novidades” na vida:

As palavras e expressões, contrato, percentagem, assistência sanitária, aposentação motivada por acidente em serviço, por incapacidade prematura ou velhice, mesclavam amiúde, o vocabulário utilizado por este jovem veterano da actividade emigratória, ex-trabalhador rural do Baixo-Alentejo. (Geraldo, 1972:77)

Outros autores avançam no mesmo sentido. Dias refere que: “uma razoável percentagem do léxico *portufrancês* traduz elementos anteriormente desconhecidos ou pouco familiares tais como ferramentas, materiais, locais de trabalho, categorias profissionais e processos legais ou administrativos ligados à assistência e à doença” (1975:70). No caso específico do cruzamento entre as línguas francesa e portuguesa, refere este autor que tal se deve ao “paralelismo vocabular, estrutural e até certo ponto fonológico” (*idem*: 69). É necessário lembrar que a comunidade portuguesa se estende por dezoito países, “exotizando-se” assim com o inglês, o francês, o alemão, o espanhol ou

o holandês (*idem*:54), em graus diferentes de interferência dependendo do afastamento ao “idioma nacional” e da duração da permanência do emigrante no território de acolhimento (*idem*: 53).

Como vimos, a língua é uma das facetas constituintes da imagem estereotípica do emigrante e a primeira reação ou apreciação de que é objeto resume-se ao risível. Citando mais uma vez Dias, [...] a estereotipização desta imagem torna-se comum, epitomizada pelos termos pejorativos aplicados aos emigrantes em férias: os vacanças ou barcanças, os avecs, os çavás (*idem*:115).

As obras em análises não apresentam interferências com a língua alemã. Contudo, os vestígios de *portufrancês* ou *francuguês* pululam em *A Salto* e *Este verão, o emigrante lâ-bas*. Passada a barreira do silêncio, a língua reinventa-se.

Em *A salto*, os primeiros atos comunicativos recorrem à escrita: “ Por sua vez, os motoristas dos táxis indicavam preços, que marcavam por escrito para que os portugueses os conseguissem compreender” (p88). Mas a dificuldade em conseguir entendimento leva ao desabafo: “ Estes gajos não falam sequer uma palavra de português. [...] Quanto mais o gajo fala menos eu o compreendo! [...] Não sei como é que nos vamos entender com estes *francius*” (p90). A sabedoria popular expressa-se com a simplicidade que a realidade não tem:

Isto das falas diferentes é uma coisa que está mal feita. Os cães ladram em todo o mundo de igual maneira; os gatos não miam em Portugal de uma maneira diferente da que miam em França. Porque não falam os homens todos a mesma língua?... Por exemplo o português? (*A salto*, p91)

Por exemplo... No entanto, após as primeiras reações, a aprendizagem da língua acontece. “São doentes ou convalescentes. Têm *congé de maladia*”⁵⁰ (p94), “Aqui, quando faz frio, um bom bagaço [...] é a melhor das *chaufagens*”⁵¹ (p95), “Agora existe o problema da *chomagem*”⁵² [...]. Muitos dos que já aqui se encontravam, foram

⁵⁰ Baixa por doença (*maladie*)

⁵¹ Aquecimento (*chauffage*)

⁵² Desemprego (*chômage*)

*desembuchados*⁵³ e as *entreprises*⁵⁴ não admitem pessoal novo” (p95), “Os outros partem para o trabalho quando eu chego da *usina*⁵⁵” (p98), “Esses trabalham à *chena*⁵⁶” (p110).

Esta língua por vezes apenas entendida por quem partilha o mesmo universo será a marca de uma geração, porque para os mais novos, tudo será diferente: “Os miúdos depressa esquecem o português. Começam a falar francês e a frequentar a escola [...] e transformam-se em franceses” (p108).

“Que uma pessoa ao princípio julga de morrer por não ter com quem troque uma palavra” (p180). Porque a necessidade assim obriga, a língua é aprendida aos trambolhões fonéticos, por repetição, aproximação e adivinhação. “Relato este. Da língua-não-pátria. Que eles não sabem da traição, da traição eles não sabem” (p62). É a apreciação feita pela narradora de *Este verão o emigrante là-bas*. Traição? Desrespeito da língua-pátria? Presunção de quem deseja ser notado? Um deles responde: “nem se repara no que sai pela boca fora, ao fim de uns anos é assim mesmo” (p175). Também nesta obra, este linguajar parece reservado à primeira geração de emigrantes. “Estou-lhe em dizer que há aí criança que só fala o francês. Vá-lhes falar em português! Não querem! Entendem, entendem tudo mas não lhes arranca uma palavra na nossa língua. Sei lá se é mau, eles tomaram o gosto pela França” (p175). Para estas crianças, o choque linguístico poderá acontecer em Portugal, nas férias de verão.

A mistura linguística, se inicialmente se confinou a um vocabulário especificamente ligado a domínios desconhecidos até ao expatriamento, verifica-se a sua presença nos atos comunicativos mais banais do quotidiano. Seleccionámos alguns exemplos: “Citron⁵⁷? Quero duas limonadas, uma pra mim. Outra prà patroa. [...] Farto de carro! Sempre arretar⁵⁸! Sempre arretar!” (p61), “Ela já aí vem, está ali adiante às compras, está ali no batimento⁵⁹ adiante” (p83), “A gente ia à rua, Íamos só ali a um Monoprizinho⁶⁰, só a comprar uma loiça. (p96), “Este verão o emigrante, là-bas⁶¹, o que é que afinal encontrou?” (p127).

⁵³ Despedidos (*embaucher*: empregar)

⁵⁴ Empresas (*entreprises*)

⁵⁵ Fábrica (*usine*)

⁵⁶ Linha de montagem (*chaîne*)

⁵⁷ Limão

⁵⁸ Parar (*arrêter*)

⁵⁹ Prédio (*bâtiment*)

⁶⁰ Monoprix (loja)

⁶¹ Lá em baixo /além

A narradora por sua vez analisa o fenômeno: “O recontro entre a língua portuguesa e a francesa. O globo terrestre a girar em torno da forma passante, rios parados, adianta-se a coruja nos cruzeiros, antigas árvores estalam. Porém liberto o som, como se para um futuro magnífico” (p202). Trata-se pois de um combate entre línguas mas um rápido olhar para o “monoprzinho” para constatar o empate. O francês dá-lhe o nome, o português atribui-lhe valor de grandeza ou empatia. Liberta-se o som.

Para o nosso poeta, o choque linguístico é sinónimo de silêncio. Atentemos no poema *Respiramos*:

Respiramos pelo golpe
que (pacientemente) vamos sarando
o olhar move-se na distância
sem um grito
escutamos o coração
por seu labirinto
assim nos amparamos

a cidade
desconhece a nossa fala e
cada utensílio traz consigo
um nome novo
a cidade espera-nos
para o (nosso) trabalho [...] (p36)

É mais uma vez uma voz coletiva que se nos apresenta. O sujeito poético afirma de entrada que respira – entendamos “vive” – pelo “golpe” que vai “sarando”. Vive sofrendo mas é pelo sofrimento que vive, é a dor da ausência e por isso, a recordação que o ajuda a continuar, dia após dia, cuidando das suas feridas. É ao longe que o olhar se perde, como se em redor nada houvesse que o prendesse. E apesar do sofrimento e da ferida aberta, continua “sem um grito”. Do outro lado, o que escuta é o coração, dado que com o exterior, não há comunicação. A sua forma de se referir aos outros aponta para outra coletivização. O “outro”, não é considerado na sua individualidade, mas como parte integrante do meio ambiente a que pertence – a cidade –, assim como ele, para o “outro” incorpora o grupo dos “trabalhadores emigrantes”, não existindo enquanto pessoa.

No poema *Pela orla da ternura* o silêncio é apresentado como um refúgio, como uma arma que o poeta aprendeu a manusear para se proteger e para reencontrar a sua ligação à terra, às suas raízes, a si próprio.

Pela orla da ternura
aprendo a fazer
um círculo
com este ramo de silêncio
e com ele entro pelo movimento
da terra

nada vi estável
o silêncio corre com o tempo
e somente por ele
a raiz escuto

volto meu rosto para as marés
mas à volta do meu coração
só o poderoso silêncio
(e ele é o meu escudo) (p48)

E o silêncio torna-se poderoso pela língua que cala: “Ó poderoso / silêncio / da língua / amoroso / contra o coração [...]” (*O silêncio da língua*, p97). Assim, o poeta emudece porque sabe que “também da fala / há um chão conhecido / por sua raiz // [...] porque / a palavra não vive / sem seu berço do canto [...]” (*Longe se perdem as palavras*, p86).

3.5 A saudade – o regresso sonhado e adiado

*Nós éramos grandes, dessa grandeza que os outros percebem de fora (...)
mas éramos grandes “longe”, fora de nós, no Oriente de sonho ou num Ocidente impensado ainda.*
(Lourenço, 1988:18)

[...] data dos fins do século XVI a generalização da forma “saudade”, [...] o seu aparecimento coincide com a experiência mais ou menos nacional, então, da despedida, da correspondência com os ausentes [...], da pena e da privação solitárias suscitadas pelo afastamento temporário ou definitivo da pessoa amada. (Serrão, 1963:198)

Este sentimento, tão profundamente português está frequentemente associado ao desejo de regressar e desta forma, fechar o ciclo. No entanto, as estatísticas apontam para a situação inversa: “[...] uma das características da nossa emigração é a insignificância dos seus retornos. [...] o expatriamento efectivo tem sido uma consequência importante das saídas das gentes (*idem*, 1963:39). Apesar do dinheiro enviado religiosamente todos os meses para Portugal, apesar da aquisição de casa na aldeia natal, “[...] verificou-se que os trabalhadores emigrantes prolongavam a sua estada nos países de acolhimento cujo sistema económico se organiza para funcionar com a sua força de trabalho. (Poinard, 1983:29). “Hoje acho que é melhor um gajo naturalizar-se em França, ficar por lá, para sempre” (Navarro, 1976:65), é a opinião da maioria. No entanto, “O emigrante não corta

definitivamente, os laços com o torrão natal. Os comboios e carreiras de autocarros estabelecem um elo permanente entre a França e Portugal” (Costa, 1963:17).

Maria da Soledade, na sua condição de mulher portuguesa atípica, não sente saudades de um país que a rejeita enquanto pessoa. O seu desejo de voltar, será apenas uma vitória sobre a vida, por isso, as suas férias são ocupadas na procura de trabalho e contactos para emprego.

No extremo oposto, situa-se Toino. Parafraçando Lourenço, é a representação do “pobre que busca em longes terras o que em casa lhe faz falta” (1988:124). Toino sente saudades de tudo: “do caldo verde fumegante” e “das grossas postas de bacalhau” (p104), mas também dos “dias em que feliz saía de casa, com a enxada ao ombro, cantarolando, ouvindo os pássaros chilrearem nos ramos, para trabalhar nas suas leiras” (p126).

Lá na serra, sem se queixar, trabalhava o mesmo, ou talvez ainda mais. Mas nunca conhecera outro telhado que não fosse o céu, nunca respirara outro ar que não fosse o ar límpido que o vento arrastava da serra para o mar, ou do mar para a serra, nunca conhecera outros cheiros que não fossem os da terra molhada, o das ervas cortadas ou o dos frutos que amadureciam. (*A salto*, p132)

Em suma, Toino sente saudades da serra, do céu, do ar, do vento, do mar dos cheiros, da terra, das ervas e dos frutos. Sente saudades de Portugal. Voltar, é o seu único objetivo. Ele que iniciou a obra com o desabafo “Raios partam a vida!” (p11), “findo o espectáculo, quando [...] começaram a entoar *A Portuguesa*, [...] levantou-se, como os outros, acompanhou o canto” e gritou “Viva Portugal!” (p137).

Com Olga Gonçalves, acompanhamos as dúvidas de quem partiu com um objetivo, trabalhou uma vida inteira para o atingir e acabou por se afeiçoar à terra que o acolheu e lhe deu o sustento.

O meu marido já comprou um andar aos J.J. Pimenta. [...] Quando a gente for, já temos um buraco. E é que não voltamos sem juntar o suficiente para não sermos humilhados, pelos outros, os que se julgam mais do que nós. C’est ça. Oui, oui, havemos de dar ao filho uma vida melhor do que os pais tiveram. (*Este verão o emigrante lâ-bas*, pp136-137)

Facilmente se verifica como o regresso é adiado. Já têm casa mas só voltam quando amealharem o suficiente. A data não pode estar definida, agora continuarão pelos filhos. Quando a ocasião se proporciona, constata-se que as mulheres estão mais reticentes. Vejamos: “Eu já disse que a velhice que a passo em Portugal, e passo. Tenho é de arrastar

a mulher. Mói-me a cabeça, não quer largar os filhos” (p176) e ainda, “O meu marido já tinha vontade de lá estar, mas é o que eu lhe digo, tu já com cinquenta e seis anos, eu com cinquenta [...] assim como tive medo de vir para aqui, agora tenho medo de ir para lá”. (p153). Vão matando saudades “à segunda-feira, então, é um caso sério, tudo a comprar ‘A Bola’ e ‘O Norte Desportivo’” (p101) e concluem: “[...] melhor que nos fiquemos por esta terra” (p128).

Os filhos são também apontados como uma das razões para a permanência em terras de França colocando os pais perante um novo dilema.

Já comprei casa em Portugal, já lá temos dois terrenos, sabe o que é que nos apoquentam? É os filhos. [...] Chega-se a uma certa altura, vai-se a ver, não querem voltar, os pais que se vão embora, eles ficam-se com isto, com isto é que se querem. Vá o diabo saber se um homem fez bem ou fez mal em deixar aquilo tudo! (*Este verão o emigrante là-bas*, p176)

Ironia do destino? Emigraram para conseguir uma vida melhor, sujeitaram-se a viver em cubículos para construir ou comprar uma casa na aldeia, economizaram para a sua velhice, mas na sua terra, nada mais os espera que a solidão. Afinal “aqui se perde o que se ganha” (Dantas, 2010:24).

A saudade é um sentimento omnipresente na poesia de Amândio Sousa Dantas. Muitas vezes associada à imagem do país distante, a saudade traz recordações e sofrimentos, traz o passado para o presente. Atentemos no poema *Nostalgia*:

Sei que nesta hora
na minha terra
as folhas dos plátanos
caem levemente
na água
[...]
caem no meu coração
levemente
as folhas dos plátanos (p23)

A saudade permite reviver momentos e por isso, as folhas dos plátanos que caem na água se transformam em sofrimento no momento da evocação.

É também com a recordação saudosa que se alcança um amor mais profundo pelo que se deixou para trás: “Longe se toca mais no fundo / das coisas / deixadas num lugar / a porta da casa / a rua à noite / e sobre as árvores / o som / o mistério da chuva [...]” (*Longe se toca mais no fundo*, p33).

O sujeito poético parece ainda ter aprendido a controlar ou contornar este sentimento: “Aprendi a cortar / pela raiz / do amor / toda a saudade [...]” (*Aprendi a cortar*, p51), mas logo desmente, confessando que por vezes não consegue distinguir entre a realidade e o pensamento: “[...] estes passos em volta / da saudade / ou da vida? [...]” (*Está a chegar o inverno*, p77), e por vezes “caindo aos pés do tempo / (tropeço na saudade) / assim aprendo / [...] dos dias sei / a cor da memória [...]” (*Caindo aos pés do tempo*, p90). Assim, a saudade que lhe traz recordações também é um inimigo contra o qual luta todos os dias: “longe de todo o artifício / da alegria / pacientemente / vou remando // subindo o rio / da saudade / aquele imenso rio” (*Canto*, p89)

O regresso é também tema da poesia de Amândio Sousa Dantas: “Se pudesse cortar / a vedação / deste círculo / da ausência / [...] apenas um ano mais / engano suave / no fio dos anos” (*Nossa voz*, p25). Estes versos expressam a impotência do sujeito poético em relação à sua vida e a decisão de regressar sempre adiada, num engano que se repete ano após ano.

O seu poema *Descobridores*, retratando a aventura da emigração, acaba como desejaria que acabasse a experiência, regressando: “Descobridores / do que se vive / na pobreza / não que ela seja / mal que / sempre dure / pelo mundo / a pobreza / o remo lança / tão antigo / como a vida / que nos leva / pelas ondas / nessa esperança de regresso “ (p57). O poema aborda a pobreza que encontramos ao olharmos à nossa volta e que lança o seu braço sobre o mundo. A esperança de regressar é o motor da vida que se leva no meio da pobreza.

Por fim, destacamos dois momentos da obra de Brigitte Paulino Neto de forma a verificarmos como este sentimento tão português se perfila na literatura francesa.

C’était plus fort que lui, comme si un besoin pressent de pisser contre le mur, l’envie de lui parler de l’Algarve, de cet océan d’or et de miel, de l’ivresse que procurait l’odeur de la myrrhe et de mâcher les baies de l’arbusier, de ce chemin de Santiago tracé dans la transparence bleutée des nuits d’été. (*Dès que tu meurs, appelle-moi*, p21)⁶²

A saudade afigura-se associada a uma perceção nacionalista da natureza e à função vital e instintiva da sua satisfação. Recorrendo aos demonstrativos, a autora destaca os tons específicos que quer o ar, quer o céu e as estrelas tomam por pertencerem a um recanto do mundo, do país e do seu coração. Tato, olfato, paladar, visão... falta a audição: “Elle

⁶² Tradução livre da autora: “Era mais forte do que ele, como uma vontade premente de urinar contra o muro, o desejo de lhe falar do Algarve, daquele oceano de ouro e mel, da ebridade vinda do cheiro da mirra, e de mastigar medronhos, daquele caminho de Santiago desenhado na transparência azulada das noites de verão.”

écoutait Amália en boucle : Ai que lindeza tamanha, meu chão, meu monte, meu vale. De folhas, flores, frutas de oiro...” (2010 :86)⁶³. E assim se mata a saudade.

⁶³ Tradução livre da autora: “Ela ouvia Amália em modo repetição: ‘Ai que lindeza tamanha, meu chão, meu monte, meu vale. De folhas, flores, frutas de oiro’...”

**CAPÍTULO 4. Linhas orientadoras para a abordagem das obras no
Ensino Secundário**

4.1- Abordagem da temática na disciplina de Português

“Só a memória me protege do desconhecido”

(Dantas, 2010: 35)

Justificando o recurso a textos de autores à margem dos programas e metas curriculares, recorreremos a Carlos Ceia:

A pergunta J.K.Rowling ou William Shakespeare? nunca deveria ser colocada. O importante é o compromisso que cada um de nós estabelece com aquilo que sente que deve ler.” (p2) “não podemos circunscrever o universo da leitura literária a um espaço físico que vai de um livro classificado a outro livro classificado, como se a força da leitura literária pudesse reduzir-se à marcação política de uma fronteira. (p3) “Ler literariamente é um exercício amplo que vai de um texto maior a um texto menor, ou vice-versa [...]” (p3) “O que interessa mesmo no acto de ler literariamente um livro não é a sua classificação técnica, ou o maior ou menor conhecimento para o podermos fazer, mas o pathos que cada um experimenta e a forma como o conhecimento que temos do mundo se altera. O livro que mais conseguir mudar a nossa visão do mundo será sempre o melhor livro que lemos e que devemos aconselhar a ler. (p4)⁶⁴

As autoras do *Programa e Metas Curriculares de Português para o Ensino Secundário*, defendem “ [...] uma perspetiva integradora do ensino do Português, que valoriza as suas dimensões cultural, literária e linguística [...] (p10). Por considerar que os textos que elegemos para objeto do nosso estudo se enquadram nesta linha de pensamento, deixamos neste ponto, algumas propostas de exploração dos mesmos.

4.1.1- Propostas para o 10º ano

Atividade 1

Domínio: Leitura

Género: Relato de Viagem

Metas curriculares: Identificar o tema dominante, justificando; fazer inferências fundamentando; explicitar a estrutura do texto: organização interna; explicitar o sentido global do texto, fundamentando; explicitar, em textos apresentados em diversos suportes, marca do género: relato de viagem; selecionar criteriosamente informação relevante; elaborar tópicos que sistematizem as ideias-chave do texto, organizando-os sequencialmente; exprimir pontos de vista suscitados por leituras diversas, fundamentando.

⁶⁴ Disponível em: http://magnetesrvk.no-ip.org/casadaleitura/portalpha/bo/abz_indices/001826_O%20Poder%20da%20Leitura%20Literaria.pdf

Textos de apoio: *Fronteiras* de Assis Esperança – p.85 a p.107; *A Salto* de Nita Clímaco – p.57 a p.87; *Este verão o emigrante là-bas* de Olga Gonçalves, pp33 – 77 – 108 – 109.

Atividade 2

Domínio: Gramática

Conteúdo: Lexicologia

Metas curriculares: Identificar neologismos; reconhecer o campo semântico de uma palavra; explicitar constituintes de campos lexicais; identificar processos irregulares de formação de palavras; analisar o significado das palavras considerando o processo de formação.

Proposta: Analisar a formação de vocábulos ilustrativos de interferências entre uma língua e outra (português – francês)

4.1.2- Propostas para o 11º ano

Atividade 1

Domínio: Leitura

Gêneros: Artigo de opinião / Debate

Metas curriculares: Identificar o tema dominante, justificando; distinguir informação subjetiva de informação objetiva; fazer inferências; reconhecer diferentes intenções comunicativas; verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais; selecionar e registrar ideias-chave; pesquisar e selecionar informação diversificada; planificar o texto oral, elaborando tópicos e dispor os sequencialmente; elaborar e registrar argumentos e respetivos exemplos; respeitar o princípio de cortesia: pertinência na participação; mobilizar quantidade adequada de informação; mobilizar informação pertinente; retomar, precisar ou resumir ideias, para facilitar a interação.

Textos de apoio: Seleção de excertos das obras *Fronteiras*, (p24-25), *Este verão o emigrante là-bas*, (por exemplo: p.85-86-112-113-123) e *A Salto* (p50 a 54) ilustrando opiniões diversas sobre o fenómeno da emigração.

Atividade 2

Domínio: Oralidade / Expressão oral

Gênero: Apreciação crítica

Metas curriculares: Identificar o tema dominante, justificando; distinguir informação subjetiva de informação objetiva; fazer inferências; reconhecer diferentes intenções comunicativas; verificar a adequação e a expressividade dos recursos verbais e não verbais; selecionar e registrar ideias-chave; produzir textos seguindo tópicos elaborados autonomamente; estabelecer relações com outros conhecimentos; produzir textos adequadamente estruturados; recorrendo a mecanismos propiciadores de coerência e de coesão textual; produzir textos linguisticamente corretos, com diversificação do vocabulário e das estruturas utilizadas; produzir uma apreciação escrita; respeitar as marcas do gênero de texto a produzir; respeitar a extensão temporal de 2 a 4 minutos.

Material de apoio: “*A gaiola dourada*” – filme de Rúben Alves (2013).

4.1.3- Propostas para o 12º ano

Atividade 1

Domínio: Educação literária

Gênero: Texto poético – Poetas contemporâneos: Amândio Sousa Dantas e Olga Gonçalves (por considerarmos que muito do seu estilo é ilustrativo da prosa poética)

Conteúdos: Representação da realidade

Metas curriculares: Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes gêneros; identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando; fazer inferências, fundamentando; mobilizar os conhecimentos adquiridos sobre as características dos textos poéticos e narrativos; identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa; reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos; valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo; expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

Textos de apoio: Poemas de Amândio Sousa Dantas (qualquer um) e excertos híbridos da obra de Olga Gonçalves em que a prosa ganha tons de poesia.

Atividade 2

Domínio: Educação literária

Conteúdo: Poetas contemporâneos: Manuel Alegre e Amândio Sousa Dantas

Metas curriculares: Ler textos literários portugueses do século XX, de diferentes gêneros; identificar temas, ideias principais, pontos de vista e universos de referência, justificando; fazer inferências, fundamentando; mobilizar os conhecimentos adquiridos sobre as características dos textos poéticos e narrativos; identificar e explicitar o valor dos recursos expressivos mencionados no Programa; reconhecer valores culturais, éticos e estéticos manifestados nos textos; valorizar uma obra enquanto objeto simbólico, no plano do imaginário individual e coletivo; expressar pontos de vista suscitados pelos textos lidos, fundamentando.

Textos de apoio: Poesia de Manuel Alegre e poesia de Amândio Sousa Dantas

Proposta: Comparar a poesia de exílio de Manuel Alegre (França) com a de Amândio Sousa Dantas (Alemanha) estabelecendo divergências e apontando semelhanças.

Atividade 3

Domínio: Gramática

Conteúdo: Linguística textual – Intertextualidade

Metas curriculares: Distinguir mecanismos de construção da coesão textual; identificar e interpretar manifestações de intertextualidade.

Texto de apoio: Excertos selecionados da obra *Este verão o emigrante là-bas* de Olga Gonçalves a fim de evidenciar a existência de intertextualidade com a obra e vida do pintor Claude Monet e com a *Divina Comédia* de Dante.

4.2- Interdisciplinaridade

4.2.1 – Português – História

No 12º ano, o programa da disciplina de História e em particular o módulo 8 - “Portugal e o mundo da segunda guerra mundial ao início da década de 80 – opções internas e contexto internacional” e módulo 9 – “Alterações geoestratégicas, tensões

políticas e transformações socioculturais no mundo atual” –, possibilita a realização de um trabalho interdisciplinar recorrendo a excertos das obras analisadas, visionamento dos filmes *O Salto* de Christian de Chalonge (1967), *Até amanhã camaradas*, de Joaquim Leitão (2005) e do documentário *Au Revoir Portugal* de Carlos Domingomes (2009).

Este trabalho poderá culminar com uma exposição ligando imagens a frases das obras.

4.2.2 – Português – Francês – Inglês - Educação para a Cidadania

A temática abordada no presente trabalho assim como as obras em destaque permitem, na nossa opinião a realização de um projeto final de ano para o qual poderão contribuir, de uma forma geral, todas as disciplinas, e em particular, o Português, o Francês, o Inglês e a Educação para a Cidadania.

Trata-se da criação, por parte dos alunos, de uma peça de teatro ou pequenos quadros, que retratem o encontro e posterior convívio entre personagens oriundas de países diversos. Propomos a abordagem dos diferentes tópicos:

- Interferências linguísticas
- O choque e mistura cultural
- A imagem do “outro” e o respeito pelas diferenças
- Tradição e modernidade...

Os textos com interferências poderão ser retirados das obras em destaque, ou recriados e até inventados.

CONCLUSÃO

[...] o exílio pode [...] ser encarado como um afastamento ou uma separação voluntária. Trata-se, na maioria dos casos, de uma situação que impede de se estar onde se deseja estar. [...] Esse lugar é em primeira instância um espaço afectivo e uma língua, o exílio interior, aquele que habita o ser desenraizado remetido para o silêncio [...]. (Coelho, 2013:246)

Quando um fenómeno histórico ingressa no mundo da ficção, a literatura assume uma importante e irrefutável função didáctica. O interesse em medir a relação entre estes domínios originou a escolha temática e determinou as etapas constituintes da análise apresentada. Recordemos: “durante mais de uma década, entre 1964 e 1973, entraram em França anualmente, em média, 78 500 portugueses” (Vaz, 2014:6). O *Relatório Estatístico de 2015 da Emigração Portuguesa*⁶⁵ indica que “Portugal é hoje o país da União Europeia com mais emigrantes em proporção da população residente. O número [...] supera os dois milhões, o que significa que mais de 20% dos portugueses vive fora do país em que nasceu” (p21), e ainda que “A França continua a ser o país do mundo onde vivem mais emigrantes portugueses (592 281 em 2011) [...]” (p22) apesar de já não ser o principal destino, dado que é para o Reino Unido que hoje maioritariamente se dirigem (p21). “A substância humana”, diz-nos Chorão, “não se transforma: o que se modifica são as modas, os costumes, o ambiente, a técnica” (2014:75).

Na convicção de que a literatura desempenha um papel essencial na conservação e difusão da memória de um povo, fomos ao encontro de quatro autores não referenciados nos programas da disciplina de Português, mas cuja obra retrata um tema que lhes é comum: a emigração. A metodologia comparatista permitiu-nos evidenciar analogias e divergências entre autores que, apesar de partilharem uma herança cultural, nos propõem olhares diferentes sobre o mesmo fenómeno histórico e social.

Com o intuito de verificar a forma como os temas e os motivos por nós escolhidos se perfilam num universo literário diferente – neste caso, francófono –, fomos remetendo pontualmente para as obras de duas autoras com origens portuguesas. Cruzando caminhos, cruzámos olhares e registámos o que nos foram transmitindo – e que humildemente interpretámos – António Assis Esperança, Nita Clímaco, Olga Gonçalves, Amândio Sousa Dantas, Brigitte Paulino Neto e Alice Machado.

“Como é que a literatura se situa perante um fenómeno social com as implicações deste? Em que medida é que a escrita se faz eco da emigração e a escolhe como temática

⁶⁵ Disponível em - <http://observatorioemigracao.pt/np4/4639.html>

das suas narrativas? De que modo as personagens e as intrigas [...] têm como pre-texto acontecimentos e agentes do universo social, neste caso a emigração?” São questões colocadas por Bethencourt (1989:15) e às quais tentámos responder.

O contributo de Assis Esperança quanto às representações do feminino consiste na construção de uma personagem inconformada, atípica, considerando os parâmetros da sociedade portuguesa das décadas em destaque. Por sua vez, a imagem do emigrante é construída a partir do olhar do outro – ora alemão, ora francês, ora português de uma classe social privilegiada. Quando retrata o país, fá-lo denunciando as desigualdades sociais, a marginalização, a discriminação e as injustiças de que as mulheres são vítimas. O autor aborda o fenómeno da emigração descrevendo os bairros de lata, as tarefas, a exploração, o desleixo das autoridades. Na sua obra, o tratamento literário da viagem, reproduz uma caminhada durante a qual a natureza ganha alma e o homem se desumaniza, num processo simbólico de metamorfose. A estadia no país estrangeiro denuncia um desfasamento cultural que se manifesta pela incongruência da presença das personagens num meio que não é o delas. Estranhamente, quanto a nós, as referências quanto a dificuldades de comunicação são inexistentes. A personagem interage com os seus compatriotas e o domínio da língua francesa afasta-a do choque linguístico presente noutras obras. No referente à saudade, talvez por se tratar de um sentimento tradicionalmente português e Maria da Soledade ser – como anteriormente mencionámos – uma mulher portuguesa atípica, verificamos uma ausência de tratamento.

Nita Clímaco traz-nos uma representação do feminino muito tradicional. Eugénia é submissa e resignada, correspondendo desta forma à imagem da mulher portuguesa, cultivada pelo regime: boa mãe, boa esposa, boa dona de casa. É de arrependimento que a autora tinge a imagem do emigrante cuja experiência, ligada às descrições da miséria, da exploração, da desadequação à sociedade francesa, da barreira linguística, é considerada um erro e asperamente condenada. Quanto ao relato do “salto”, este afigura-se muito semelhante ao que é apresentado na obra *Fronteiras*. Verifica-se uma desumanização do indivíduo que, desencadeada no decorrer da jornada, continua enquanto dura a experiência do exílio. Nita Clímaco descreve um choque cultural que é ampliado pelo desengano de que Toino é alvo ao verificar o fosso existente entre a imagem da sociedade francesa imaginada a partir de relatos, e a realidade com a qual se depara e na qual vai ter que (sobre)viver. As saudades são para esta personagem, uma ligação permanente à sua aldeia,

à sua casa, à sua família. A interferência linguística surge por necessidade, quando as personagens se referem a elementos específicos de uma nova realidade.

Olga Gonçalves propõe-nos duas representações do feminino: por um lado, a mulher resignada, submissa ao marido e que o acompanhou na sua aventura da emigração, por outro, a própria narradora, independente e assumida. O seu contributo para a imagem do emigrante assemelha-se a uma álbum fotográfico pela variedade que apresenta quanto às experiências, opiniões, convicções, sonhos... Resumindo: em *Fronteiras*, a imagem do país é dada na terceira pessoa e chega ao leitor por intermédio dos “ouvidos” de Maria da Soledade. Em *A salto*, são os pensamentos de Toino que retratam a situação precária em que vive, as suas preocupações e as suas revoltas. Em *Este verão o emigrante là-bas*, talvez por causa do afastamento no espaço e no tempo – depois do 25 de abril de 1974 –, a imagem do país chega ao leitor, na primeira pessoa, pela voz das personagens entrevistadas e nomeando eventuais responsáveis. A viagem e o *bidonville* não têm relevância quanto ao tratamento, devido talvez ao afastamento espaço-temporal anteriormente mencionado. Encontramos uma evolução nas interferências linguísticas, quando comparadas com a obra de Nita Clímaco, pois já não se restringem ao vocabulário específico de uma atividade ou realidade até então desconhecida, são antes expressões banais, do quotidiano. Este aspeto será, na nossa opinião, revelador de um processo de integração avançado. No que se refere à presença da saudade, verificamos que está associada ao dilema que se tornou a possibilidade de regressar. O desejo permanece estamos em crer que mais por hábito do que por convicção. Ao afeto pelo país natal, pelas raízes opõe-se o afeto pelo país adotivo e adotado e o receio de um segundo corte. De facto, os filhos, várias vezes referidos como afrancesados ou franceses, não pretendem deixar uma terra à qual estão ligados para viverem num país onde se sentem estrangeiros – e são vistos como tal.

Na poesia de Amândio Sousa Dantas, as representações do feminino associam-se à sua ligação ao espaço físico: é a mulher-pátria sensual, desejada e amada, e a rapariga inquieta, de olhos claros e pele branca, representativa da Alemanha. O poeta apresenta-nos os trabalhadores estrangeiros, anónimos aos quais dá voz por, como eles, pertencer ao número dos exilados “obreiros”. A imagem da terra natal é composta por uma natureza saudosa e pela referência a Camões e à sua obra, enquanto símbolos do povo português: “Um verso no meu peito / [...] um livro que se abre / [...] um verso que nos toca [...] e a terra que se sente / ao nosso lado [...]” (*Camões*, p41). Ao longo dos vários poemas, a emigração vai-se definindo pelos sentimentos de angústia, desespero e solidão dos quais

raras vezes se desliga. O choque linguístico ganha forma pela ausência de comunicação, pelo silêncio que é uma arma contra o desconhecido. Assim, a saudade surge como meio de manter vivo o passado e trazer o país distante para o presente do sujeito poético.

Outros poderiam ter sido os caminhos percorridos para a nossa análise. De facto, a obra de Assis Esperança remete-nos para destinos como a Suíça ou Inglaterra, enquanto Olga Gonçalves aponta para a Venezuela.

Na nossa opinião, os textos convocados carregam um testemunho valioso no que à temática diz respeito e por essa razão consideramos pertinente a sua exploração nas aulas das disciplinas de Português e de História. De facto, o fenómeno emigratório português não iniciou, como vimos em 1960, nem terminou nos anos 1980. Os números apresentados pelo *Relatório Estatístico de 2015 da Emigração Portuguesa* – cerca de 110 000 pessoas por ano entre 2013 e 2014 (p21) – apesar de não serem tão dramáticos ou assustadores quanto os dados relativos a sírios, afegãos, paquistaneses que fogem à guerra com destino à Europa – 2 milhões⁶⁶ – inserem o país num movimento global, não só em termos de emigração como de imigração. A fim de sensibilizar os alunos para a temática e prepará-los para uma abordagem das obras em destaque, propomos o visionamento da reportagem *Os construtores da Europa*⁶⁷ que, em cerca de nove minutos, apresenta o fenómeno desde as suas origens, destaca as dificuldades encontradas nos países de acolhimento, partilha exemplos de sucesso.

Os restantes filmes propostos: *O Salto*, *Até amanhã camarada*, *A gaiola dourada*, aspiram ao mesmo fim: ensinar, educar, despertar consciências, estabelecer ligações, desenvolver o espírito crítico e a capacidade de análise.

Em termos literários, destacamos a obra de Olga Gonçalves que, pelas inúmeras inferências, tanto a nível estilístico quanto a nível temático a que a sua compreensão obriga, se afigura mais complexa. Por essa razão, defendemos a sua adequação ao programa lecionado no 12º ano.

Estamos ainda convictos de que, no contexto escolar, as aprendizagens que deixam marcas são as de que nos apropriamos, e assim foi proposta a realização de um projeto direcionado para a dramatização. A este propósito, ouçamos P. M. Coelho:

⁶⁶ Disponível em <http://observador.pt/2015/10/23/relator-da-onu-defende-plano-para-assentar-dois-milhoes-de-refugiados-na-europa/>

⁶⁷ Disponível no site do Museu das Migrações e Comunidades - <http://www.museu-emigrantes.org/a-memoria/viver-no-exterior/na-europa-1960-1980.html>

Nas estratégias propostas, um papel privilegiado foi atribuído à memória, mãe das musas, e à dramatização. Memória daqueles pais ou avós que em casa, mal sabiam / ou não sabiam ler; transmissão dessa memória aos mais novos. Que aprenderam de cor, “com o coração”, como também não se cansa de repetir Steiner. É que aprender de cor não significa uma perda de identidade na voz do outro, mas antes uma grande riqueza que transportamos connosco nesta nossa travessia. Aquilo que aprendemos de cor vai amadurecer e desenvolver-se dentro de nós, vai interagir com a nossa própria existência, modificando as nossas experiências. (Coelho, 2011: 290)

E apenas as aprendizagens que deixam marcas são as que podem modificar a nossa existência. Na mesma linha, Manguel afirma que: “ [...] o acto de leitura, que resgata tantas vozes do passado, preserva-as por vezes pelo futuro adentro, onde, de formas audaciosas e imprevistas, poderemos vir a fazer uso delas” (2010:76).

Por fim, diremos que resgatar vozes do passado, foi também o nosso intento. Quatro olhares sobre a emigração como quem...

Sentado na hora do poema
olhando do café
quem passa

todos apressados na cidade
[...]
cada um leva
a vida desta tarde
e que fogo morre ou arde?

e olhar é viver
o tempo
na paisagem

na cidade estrangeira
sentado
na hora do poema

(Dantas, *Na cidade estrangeira*, p69)

Bibliografia Ativa

CLÍMACO, Nita (1967). *A salto*, Lisboa: Edição da Autora. Dist. Editorial Organizações, Lda.

DANTAS, Amândio Sousa (2010). *Poemas da emigração – 1981-1991*, Ponte de Lima: Edições Ceres.

ESPERANÇA, António Assis (1973). *Fronteiras*, Porto: Editorial Inova.

GONÇALVES, Olga (1978). *Este verão o emigrante là-bas*, Lisboa: Moraes Editores.

Bibliografia Passiva

BARTHES, R et al. Org. GENETTE, Gérard ; TODOROV Tzvetan (1982). “*Littérature et réalité* », Editions du Seuil, s.l.

BAPTISTA, Jacinto (1975). *Caminhos para uma Revolução – Sobre o Fascismo em Portugal e a sua queda*, Amadora: Livraria Bertrand.

BATT, Noëlle. “*Un malentendu continu. Trois remarques sur les croisements disciplinaires*», *Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://test.fabula.org/colloques/document2079.php>, [12 de janeiro de 2015].

BASTOS, Joana Pereira (2013). *Os últimos presos do Estado Novo: Torturas e desespero em vésperas do 25 de abril*, Alfragide: Oficina do Livro.

BERSTEIN, G., BERSTEIN, S., GAUTHIER, Y., GUIFFAN, J., MILZA, O. & MILZA, P. (1987). *Histoire du vingtième siècle : de 1953 à nos jours*. Tome 3. Paris: Hatier.

BETTENCOURT, Urbano (1989). *Emigração e Literatura: alguns fios da meada*. Horta: Edições Centro de Estudo e Cultura da Câmara Municipal da Horta e Gabinete da Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas.

BORGES, Valdeci Rezende (2010). *História e Literatura: Algumas considerações*, Revista de Teoria da História Ano 1, Número 3, junho/2010 Universidade Federal de Goiás ISSN

BUESCU, Helena (org.), (2001a). *Floresta encantada – novos caminhos da literatura comparada*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

BUESCU, Helena, (2001b). *Grande Angular: Comparatismo e práticas de comparação*. Lisboa: FCG/FCT.

BUESCU, Helena, (2013). *Experiência do incomum e boa vizinhança: Literatura comparada e Literatura-Mundo*, Porto: Porto Editora.

BUESCU, Helena et alii (2014). *Programa e metas Curriculares de Português – Ensino Secundário*, Governo de Portugal, Ministério da Educação e da Ciência, janeiro.

- CABRAL, Manuel Villaverde (1983). *A “Segunda República” portuguesa numa perspectiva histórica*, in *Análise Social*, nº75, Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, terceira série, vol. XIX, Lisboa, pp.127-144.
- CARVALHAL, Tania Franco. *Intertextualidade : a migração de um conceito*, Via Atlântica Nº9 – Jun. 2006. <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50046/54174>.
- CARVALHAL, Tania Franco (2007). *Literatura Comparada* . (4ª ed.), São Paulo: Editora Ática.
- CHARAUDEAU, Patrick ; MAINGUENEAU, Dominique (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Paris : Editions du Seuil.
- CHORÃO, João Bigotte (2014). *Além da Literatura*, Lisboa : Quetzal Editores.
- CLAUDON, Francis; HADDAD-WOTLING, Karen (2013). *Précis de Littérature Comparée*. Paris : Armand Colin.
- CLÍMACO, Nita (1964). *Falsos preconceitos*. Lisboa – Paris: Edição da Autora.
- CLÍMACO, Nita (1965). *Pigalle*. Paris: Edição da Autora.
- CLÍMACO, Nita (1966). *O Adolescente*. Lisboa – Paris: edição da Autora.
- CLÍMACO, Nita (1968). *A Francesa*, Lisboa – Paris: Edição da Autora.
- COELHO, Paula Mendes (2011). “Ensinar a poesia no séc. XX: do comparativismo à escrita cosmopolita de Maria Gabriela Lhansol”. In *Pensar a Literatura no séc. XXI*. Braga:publicações da Faculdade de Filosofia Universidade católica Portuguesa, pp. 287-297.
- COELHO, Paula Mendes. “Do ‘coitado lusíada’ e de *O Marinheiro* de Pessoa, à escrita nómada de Maria Gabriela Lhansol: fragmentos de uma poética do exílio”. In *Portugal pelo mundo disperso* (Coord. Teresa Cid, Teresa Alves, Irene Blayer, F. C. Fagundes). Lisboa: Tinta-da-China, 2013, pp. 245-259.
- COMPAGNON, Antoine (2010). *Para que serve a literatura*. Trad. José Domingues Almeida. Porto: Deriva.
- COSTE, Florent. « *Littérature et Histoire: Rendez-vous manqués et terrains de rencontres*” *Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL :<http://test.fabula.org/colloques/document2081.php>, page consultée le 12 janvier 2015.
- DA COSTA, F. Ramos (1963). *Emigração : fatalidade irremediável*. Cadernos República, Editora Gráfica Portuguesa, Lda.
- DANTAS, Amândio Sousa (2010). *Alto amor em alto rio*. Lisboa: Edições Ceres.
- DANTAS, Amândio Sousa (2011). *Poema sem fim – 1994-2006*. Lisboa: Edições Ceres.
- DANTAS, Amândio Sousa (n. d.). *Sentimento da Ausência*. Fundão: Autor com patrocínio do Departamento Cultural da cidade de Osnabrück.

- DANTE Alighieri. (2013). *A Divina Comédia*. (3ª ed.), Lisboa: Quetzal Editores.
- DE MATOS, Maria Vitalina Leal (2001). *Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa – São Paulo: Editorial Verbo.
- DE OLIVEIRA, Anabela Dinis Branco *et al.* Org. LAMAS, Estela Pinto Ribeiro, (2000). “*Dicionário de Metalinguagens a Didáctica*. Porto: Porto Editora.
- DIAS, Eduardo Mayone (1975). *Falares emigreses: uma abordagem ao seu estudo*, *Biblioteca Breve*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Lisboa.
- DUBY, Georges; PERCOT, Michelle (1994). *História das Mulheres – do Renascimento à Idade Moderna*. vol.3, Círculo de Leitores, Porto: Edições Afrontamento, Lda.
- ESPERANÇA, António Assis (1968). *Pão incerto*. Ovar: Portugália Editora.
- ESPERANÇA, António Assis (1923). *Noite de Natal*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- ESPERANÇA, António Assis (1928). *Ressurgir*. Lisboa: Edição da Sociedade Contemporânea de Autores.
- ESPERANÇA, António Assis (1921). *A Vertigem*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- ESPERANÇA, António Assis (1925). *Funâmbulos*. Paris-Lisboa: Livrarias Aillaud & Bertrand.
- ESPERANÇA, António Assis (n. d.). *Servidão*. (1946 2ª ed.) Lisboa: Guimarães e Cia.
- ESPERANÇA, António Assis (1947). *O Dilúvio*. Lisboa: Guimarães & Cia.
- ESPERANÇA, António Assis (1958). *Trinta dinheiros*. Lisboa: Guimarães Editores.
- GASTAUT, Yvan (2000). *L’Immigration et l’Opinion en France sous la V^e République*. Paris : Editions du Seuil.
- GERALDO, Manuel (1972). *Emigrados e ofendidos*. Lisboa: Prelo Editora, SARL.
- GONÇALVES, Olga (1992). *Eis uma história*. Lisboa : Editorial Caminho.
- GONÇALVES, Olga (1975). *Só de amor*. Amadora: Livraria Bertrand, S. A. R. L.
- GONÇALVES, Olga (1988). *Armandina e Luciano o traficante de canários*. Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- GONÇALVES, Olga (1986). *Sara*. Lisboa: Editorial Caminho.
- GONÇALVES, Olga (1983). *Mandei-lhe uma boca*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- GONÇALVES, Olga (1989). *Ora Esguardae*. (3ª ed.), Lisboa : Editorial Caminho.

- GONÇALVES, Olga (1990). *Contar de Subversão*. Lisboa: Editorial Caminho.
- HARTOG, François, *Ce que la littérature fait de l'histoire et à l'histoire. Fabula / Les colloques, Littérature et histoire en débats*, URL: <http://www.fabula.org/colloques/document2088.php> [12 de janeiro de 2015].
- KAYSER, Gerhard R. (1989). *Introdução à Literatura Comparada*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LOUIS, Annick. *Ce que l'enquête fait aux études littéraires : à propos de l'interdisciplinarité, Fabula / Les colloques, Littérature et histoire en débats*, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2097.php> [12 de janeiro de 2015].
- LOURENÇO, Eduardo (1988). *O Labirinto da Saudade*. Lisboa: Biblioteca Dom Quixote.
- MACHADO, Alice (1991). *Portugal, années ' 60: à l'ombre des montagnes oubliées*, Paris : Editions Entente.
- MACHADO, Álvaro Manuel e PAGEAUX, Daniel-Henri (2001). *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. Lisboa: Presença.
- MANGUEL, Alberto (2010). *Uma história da leitura*. (3ª ed.), Barcarena: Editorial Presença.
- MARQUES, A.H. de Oliveira (1986). *História de Portugal: das revoluções liberais aos nossos dias*. vol.3 (3ª ed.), Lisboa: Palas Editores.
- MATEUS, Maria Helena Mira, et al (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. (6ª ed.), Lisboa: Caminho – coleção universitária série Linguística.
- MATOS, Maria Vitalina Leal de, (2001). *“Introdução aos Estudos Literários”*, Lisboa – São Paulo, Editorial Verbo.
- MATTOSO, José. (1994) *História de Portugal*.vol.7, Editorial Estampa.
- MATTOSO, José (1994) *História de Portugal*. vol. 8, Editorial Estampa.
- MENDES, Ana Paula Coutinho (2001). *Imagologia Literária: contornos históricos e princípios metodológicos*. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23368> [1 de fevereiro de 2015].
- MENDES, Ana Paula Coutinho (2009). *Lentes Bifocais. Representações da Diáspora Portuguesa do Século XX*, Porto: Edições Afrontamento e Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (FLUP).
- MENDES, Clarisse et alii (2001). *Programa de História A - 10º, 11º e 12º anos - Curso Científico-Humanístico de Ciências Sociais e Humanas - Formação Específica*, Ministério da Educação – Departamento do Ensino Secundário.
- NAMORA, Fernando (1997). *Diálogo em Setembro*. s.l: Círculo de Leitores.
- NAVARRO, Modesto (1976). *Emigração e Crise no Nordeste Trasmontano*. (2ª ed), Lisboa: Prelo Editora SARL.

- NETO, Brigitte Paulino (2010). *Dès que tu meurs, appelle-moi*. Clamecy : Verticales, Editions Gallimard.
- NETO, Florêncio (1975). *Os dramas da emigração clandestina*. Coimbra: Atlântida Editora, SARL.
- PAGEAUX, Daniel Henri, (1995) *Recherche sur l'imagologie: de l'histoire culturelle à la poétique*. Revista de Filologia Francesa, 8. Servicio de Publicaciones. Univ. Complutense, Madrid.
- PEIXOTO, M. (1982). *Emigrar : a aventura do trabalhador*. Porto : Editorial Perpétuo Socorro.
- PETITIER, Paule. MILET, Claude. *L'Histoire dans tous ses états. Fabula / Les colloques*, Littérature et histoire en débats, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2104.php>, page consultée le 12 janvier 2015.
- PINTO, Ana Filipa (2011). *À Rasca : retrato de uma geração*. Lisboa: Planeta.
- PIRES, Rui Pena (coord.) et alii (2015). *Relatório Estatístico 2015*. Gabinete do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas (GSECP) Direção Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades Portuguesas (DGACCP). Observatório da Emigração e Rede Migra Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL).
- POINARD Michel (1993). *Bilans et leçons de l'immigration portugaise en France*. In: Espace, populations, sociétés, 1993-2. *La population française dans son espace - The French population within its own space*. pp. 389-398. doi : 10.3406/espos.1993.1599 [13 de fevereiro de 2015]
- POINARD, Michel (1983). *Emigrantes portugueses: o regresso*. in *Análise Social*, nº75, Revista do Instituto de Ciências da Universidade de Lisboa, terceira série, vol. XIX, pp.29-56.
- REDOL, Alves (1972) *A barca dos sete lemes*. (6ª ed.), Publicações Europa-América, (s.l.).
- REDOL, Alves (1989) *Gaibéus*, (18ª ed.). Lisboa: Editorial Caminho, SA.
- REIS, Carlos (2008). *O Conhecimento da literatura*. (5ª ed.). Coimbra: Edições Almedina.
- REIS, Carlos (1981). *Técnicas de análise literária*. (3ª ed.), Coimbra: Livraria Almedina.
- ROCHA, Nuno (1965). *França, a Emigração dolorosa*. Barcelos: Editora Ulisseia.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar (1989). *História da Literatura Portuguesa*. (15ª ed.), Porto.
- SERRÃO, Joël et al. (1976). *Testemunhos sobre a emigração portuguesa : Antologia*. Mafra: Livros Horizonte.
- SHAEFFER, Jean-Marie (s.d) *Le temps de l'Histoire et le Temps des Œuvres*. Fabula/ les Colloques. Littérature et Histoire en débats, URL : <http://www.fabula.org/colloques/document2119.php> [12 de janeiro de 2015].

- SILVA, Vítor Manuel Aguiar e (2011). *Teoria da Literatura*, (8ª ed.), Coimbra: Livraria Almedina.
- SOUZA, Baltazar Rebello (1971). *Emigração – Directivas 1971*. Secretariado Nacional da Emigração.
- STEINER, Georges (2003). *Paixão Intacta*. Lisboa: Relógio d'Água Editores.
- VAZ, Manuel Dias (2014). *La Communauté Silencieuse – Mémoires de l'Immigration Portugaise en France*. Bordeaux : Elytis.
- VIEIRA, Isabel (2007). *Quando os portugueses partiam a salto para França: A emigração para França vista por escritores portugueses*. Museu da Emigração e das Comunidades (FAFE) - Seminário Internacional - Memórias e Migrações. Disponível em https://www.google.pt/?gws_rd=ssl#q=quando+os+portugueses+partiam+a+salto+par+a+fran%C3%A7a+-+isabel+vieira
- WOOD, James (2010). *Mecânica da ficção*. Lisboa: Quetzal Editores.

